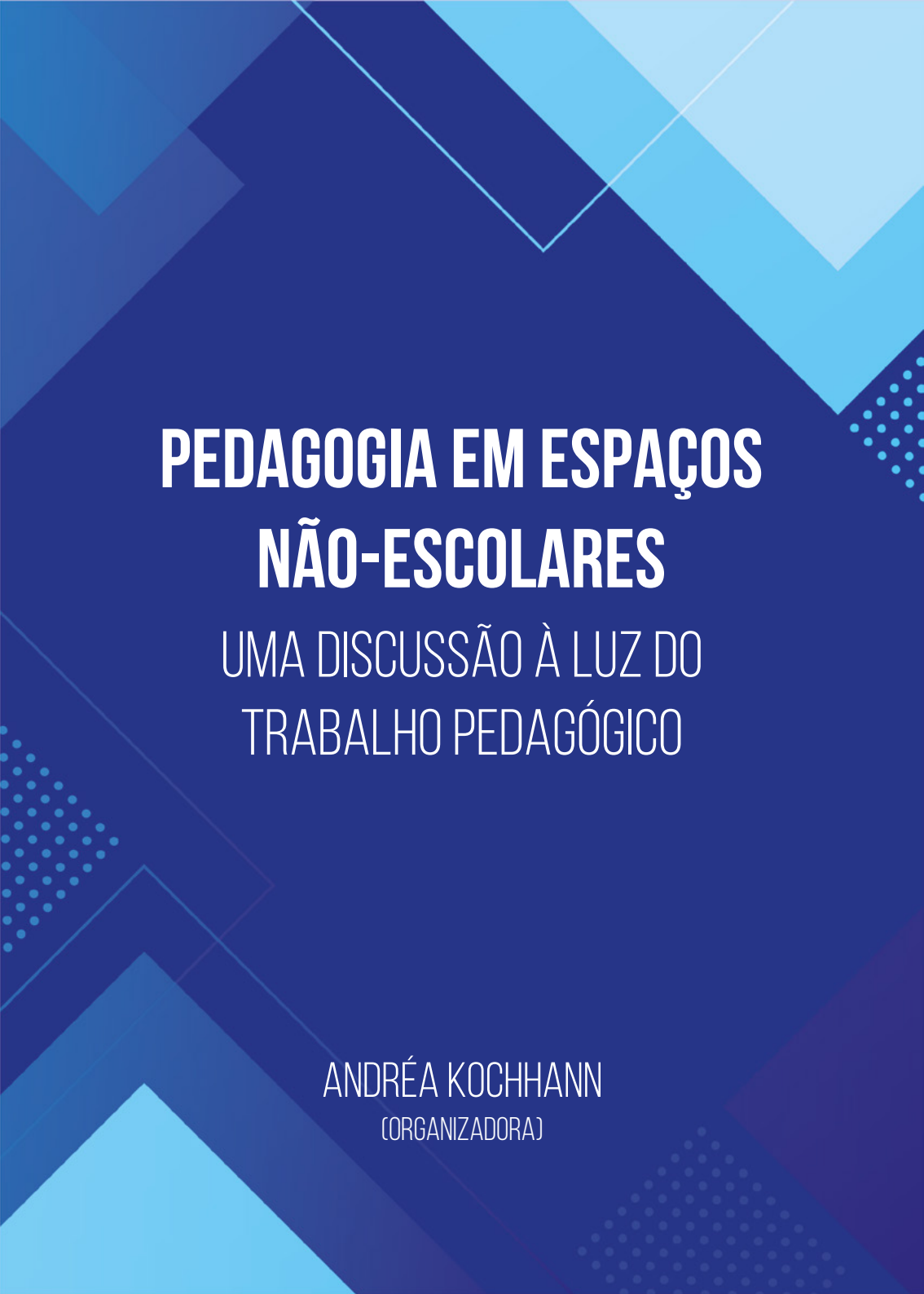




PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES

UMA DISCUSSÃO À LUZ DO
TRABALHO PEDAGÓGICO

ANDRÉA KOCHHANN
(ORGANIZADORA)



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Antonio Almeida (*in memoriam*)

Coordenação da Editora Kelps

Waldeci Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca – Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Profa. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Escritor Brasigóis Felício (AGL)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Profa. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA e AGL)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPe)

Profa. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás e AGL)

Profa. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão
(Universidade Fernando Pessoa. PT)

Escritora Sandra Rosa (AGNL)

Profa. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Escritor Ubirajara Galli (AGL)

Escritor revisor Prof. Me. Antônio C. M. Lopes

Andréa Kochhann

(Organizadora)

PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES

uma discussão à luz do
trabalho pedagógico

Goiânia-GO

Kelps, 2021

Copyright © 2021 by Andréa Kochhann (org.)

EDITORA KELPS

Rua 19 nº 100 – St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 – Goiânia-GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

Conselho Editorial:

Adão Donizete Borges – UEG

Fernanda Maria Siqueira Tavares – UEG

Simone de Magalhães Vieira Barcelos – UEG

Karla Vitoriano e Silva Almeida – UEG

Maria Goretti Quintiliano Carvalho – UEG

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

P371 Kochhann, Andréa.

Pedagogia em espaços não-escolares: uma discussão à luz do trabalho pedagógico / Andréa Kochhann (org.). – Goiânia: Kelps, 2021.

234 p.

ISBN: 978-65-5859-213-6

1. Formação - Trabalho. 2. Escola - Espaço. 3. Pedagogogo.

I. Título.

CDU: 371.13(043)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

2021

*A todos as(os) pedagogas(os) que
desejam fazer um trabalho diferente
em prol da humanidade.
Dedico*



*Ensinar exige compreender
que a educação é uma forma
de intervenção no mundo.*

Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

A propositura desse livro adveio da experiência com a disciplina “Pedagogia em Espaços Não-escolares”, do currículo do Curso de Pedagogia, da UEG – Universidade Estadual de Goiás, vigente desde 2015, para o 8º período, com o objetivo de pensar sobre a formação do (a) pedagogo (a) no que refere as possibilidades de atuação deste profissional em espaços não-escolares. Foi a primeira vez que ministramos essa disciplina, pois, ficamos de licença para doutoramento entre 2016 e 2019. O aceite para ministrar se deu devido nossa experiência formativa e vivida.

A disciplina se efetivou de forma bem movimentada metodologicamente. Discutimos textos com autores renomados sobre a história do curso de Pedagogia no Brasil, sobre a Resolução CNE/CP n. 01 de 2006 que regulamenta o curso, entre outras questões teóricas. Realizamos várias palestras com pedagogos que atuam em espaços não-escolares, momento em que sanamos dúvidas sobre o trabalho/fazer pedagógico nesses âmbitos. Em seguida, realizamos um trabalho prático em espaços não-escolares, visando uma experientiação quanto ao trabalho/fazer pedagógico, o qual gerou frutos no formato de artigos que nesse momento se materializam nesse livro.

O primeiro texto intitulado A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS NO BRASIL: historicidade e legislação vigente de autoria de Andréa Kochhann, enquanto um recorte da tese de doutoramento em educação, primando por apresentar os 5 (cinco) fatos históricos e legais relacionados ao curso de Pedagogia, tais sejam: 1– criação do curso em 1939, 2– Parecer CNE/CP n. 251 em 1962, 3– Parecer CNE/CP n. 252 em 1969, 4– Constituição Federal de 1988 e a LDB de 2006 e, 5– Resolução CNE/CP n. 01 em 2006, no movimento de que se percebe uma forte concepção técnica de formação e quiçá em tempos atuais essa concepção possa vir a ser crítica e para a docência em espaços escolares e não-escolares.

O segundo texto intitulado O TRABALHO (FAZER) PEDAGÓGICO EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: formação e atuação do pedagogo em questão, de autoria de Andréa Kochhann, apresenta que o pedagogo possa realizar seu trabalho/fazer somente enquanto professor de crianças, sendo que a autora defende que o mesmo é o profissional que atua como professor, como pesquisador e como gestor, tanto em espaços escolares como não-escolares, podendo realizar o seu trabalho/fazer pedagógico em várias outras áreas como: Empresas, Hospitais, Presídios, Espaços Assistenciais, Espaços Agrários, Editoriais, etc.

O terceiro texto intitulado O PEDAGOGO E A BRINQUEDOTECA EM ESPAÇOS COMERCIAIS: uma análise inicial de autoria de Amanda de Carvalho Borges e Andréa Kochhann, é reflexo de uma pesquisa que foi desenvolvida com o objetivo de compreender o funcionamento da brinquedoteca, em um espaço comercial, enquanto possibilidade de atuação do pedagogo, considerando as dificuldades de formação e legalização dessas práticas de ensino.

O quarto texto intitulado CLASSE HOSPITALAR: perspectivas e limites da atuação do pedagogo de autoria de Amanda dos Santos Belizário, apresenta que a visão de atuação do pedagogo se expande. A escola deixa de ser o único espaço formal pensado para a atuação deste profissional, apresentando as classes hospitalares como um novo cenário de atuação do pedagogo. A pesquisa nos conduz afirmar que o trabalho do pedagogo em classe hospitalar apresenta como perspectiva sua regulamentação e importância dentro do cenário hospitalar, mas como limite apresenta ainda ser pouco explorada no campo científico e conhecida pela sociedade.

O quinto texto intitulado O PEDAGOGO ATUANTE EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: uma necessidade humana de autoria de Amanda Pereira Lima, Karinny Santos de Oliveira e Sarah Arantes da Silva, apresenta as possibilidades de atuação em outros espaços não-escolares. As autoras primaram por pensar a dimensão pedagógica do objeto de pesquisa considerando suas especificidades e pensar como seria a atuação do pedagogo no espaço que constitui um Cemitério.

O sexto texto intitulado FAZER PEDAGÓGICO EM ESPAÇO EMPRESARIAL: uma análise da Encantos Brigaderia de autoria de Alessandra Barros Oliveira, Gleicy Kelly Xavier de Oliveira e Wayne Ferreira de Souza, discute a prática pedagógica de intervenção realizado na empresa, em que o olhar, a escuta e o pensar pedagógico empregado na análise do âmbito empresarial pode possibilitar o trabalho no contexto motivacional em prol do crescimento, enquanto uma forma de atuação do pedagogo no espaço empresarial.

O sétimo texto intitulado O PEDAGOGO NO ESPAÇO DE CONTABILIDADE: uma análise empresarial de autoria de Ana Luiza Cruz Borges, Carolina da Mata Barbosa e Leidiane Costa de Meneses dos Anjos, aborda o papel do pedagogo em espaços

não-escolares, sobretudo o espaço empresarial. O objetivo central do texto foi apresentar a prática pedagógica para além da sala de aula, bem como expor a relevância do olhar pedagógico no cotidiano. Para as autoras a atividade educativa não está vinculada somente à escola, do mesmo modo que o papel do pedagogo também não.

O oitavo texto intitulado O TRABALHO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: reflexões iniciais de autoria de Ana Santíssima da Silva, Gabriela Geovana Alves Rosa Nascimento e Paulo Henrique da Costa Moraes, apresenta além da discussão teórica, alguns aspectos relacionados a estruturação, organização e questões humanas de um espaço não-escolar, objeto da presente pesquisa, mais especificamente um Clube Aquático no interior de Goiás.

O nono texto intitulado O PEDAGOGO EM EMPRESA DE CELULAR E ASSISTÊNCIA TÉCNICA: uma discussão do fazer pedagógico de autoria de Erika de Freitas Borges e Henrique Vieira Guimarães abordam o papel do pedagogo no ramo empresarial, apresentando algumas facetas em que este profissional pode trazer melhorias e qualidade para as empresas. Os autores afirmam que a pesquisa os auxiliaram a compreenderem melhor o papel do pedagogo empresarial.

O décimo texto intitulado A ATUAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇO DE ADVOCACIA: contribuições para uma gestão pedagógica de autoria de Ivonete Rodrigues de Faria Souza apresenta reflexões sobre um estudo desenvolvido em um escritório de advocacia, objetivando a elaboração de um projeto de intervenção para alcançar melhorias para o espaço e organização das atividades realizadas na referida empresa.

O décimo primeiro texto intitulado O PEDAGOGO ALÉM DO ESPAÇO DE SALA DE AULA: uma análise teórica e empírica empresarial de autoria de Magnólia Azevedo e Alessandra

Menin apresenta que o pedagogo pode contribuir para que os sujeitos consigam se desenvolver integralmente, visando um processo de ensino aprendizagem humanizado para que a sociedade se desenvolva de forma harmônica em que as pessoas sejam comprometidas com suas ações, de forma consciente, sendo um sujeito constituído de criticidade rumo a transformar a sociedade em que vive.

O décimo segundo texto intitulado PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: um jeito doce de produzir conhecimento de autoria de Iasmyne Karla Guimarães e Silva, Marcilene José de Almeida e Paula Cristina Vieira Barbosa apresenta que refletir sobre a atuação do pedagogo em espaços não-escolares torna-se bastante pertinente a medida que novas perspectivas da prática pedagógica surgem, trazendo consigo vários desafios e possibilidades, as quais devem ter o objetivo principal que é contribuir para a formação humana e não somente para o ensino de forma isolada.

Julgamos relevante a publicação dos trabalhos realizados pelos acadêmicos no tocante às experiências por eles vivenciadas, pelo fato de que o trabalho/fazer do pedagogo em espaços escolares é muito discutido, mas em espaços não-escolares são poucos trabalhos que encontramos. Destarte, socializar essa vivência pode ser uma forma de contribuir para o campo epistemológico, que avança no dia a dia. Por essa razão, reunimos aqui doze textos. Deleitem-se.

Andréa Kochhann

PREFÁCIO

A obra “Pedagogia em espaços não-escolares: uma discussão à luz do trabalho pedagógico”, organizada por Andréa Kochhann, vem atender a um espaço de debate ainda necessário e com muitas lacunas teórico-metodológicas. O universo dos estudos, pesquisas e práticas relacionadas à Pedagogia Não-escolar é amplo e complexo porque envolve o reconhecimento de que qualquer processo educativo é objeto de estudo e trabalho do pedagogo que é influenciado pela contradição premente que existe na sociedade determinada pelas disputas de projetos sociais advindos de classes antagônicas, as quais costumeiramente se enfrentam na busca por maior participação na sociedade e conquista dos ganhos decorrentes do acesso à educação.

Sabemos que a Pedagogia tem como objeto de estudo a educação em espaços escolares e não-escolares. Dessa forma, seria responsável pela formação de profissionais da educação professores/as; “especialistas” e técnicos, sem fragmentar ou dissociar a formação e o trabalho. Assim, a nossa defesa foi sempre pela base da docência que traria unicidade ao desempenho dos papéis a serem desempenhados pelos pedagogos e é, por isso, que defendemos uma formação única na graduação

de Pedagogia. O pedagogo, por meio de uma visão de totalidade que consiste em compreender e perceber o conhecimento do todo, de modo a analisar ou interferir nesse conhecimento, consolida a sua atuação em diversos ambientes em que acontece o processo educativo, já que sua formação de cunho filosófico e sociológico dá a este profissional a possibilidade de adoção de postura de intervenção na prática educativa em diversos ambientes.

Nesse sentido, a formação de pedagogos/as professores/as ou de pedagogos/as para espaços não-escolares, que tenham como centralidade o objeto educação, necessita ser uma formação plena, única e integral, a fim de romper com o ciclo de divisão no trabalho. Para Brandão (2006, p. 9)^[1], a educação se trata de um conceito polissêmico que varia de acordo com tempos e espaços distintos, que se manifesta por modos de pensar e agir, uma vez que “[...] ninguém escapa da educação [...] não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante”. Este é um elemento importante e, por isso mesmo, defendemos uma formação plena, uma, única, referenciada no conceito de práxis. Para que a Pedagogia seja socializadora em outros âmbitos, em outras áreas de atuação, é necessário, efetivamente, a definição de identidade voltada, antes de tudo, ao âmbito educacional.

A obra apresenta diversos campos de atuação do pedagogo não-escolar e aponta para espaços que transcendem a escola, cujos diferentes textos mostram uma permuta de atividades que trocam experiências válidas para o trabalho a ser desenvolvido. Os autores demonstram, em suas análises, que, nos

1 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 318)

espaços conhecidos como não-escolares, o papel do/da pedagogo/a é de grande importância, pois passa a ser mediador/a e articulador/a da aprendizagem com vistas ao crescimento humano. No mercado de trabalho, surgem para o/a pedagogo/a diferentes possibilidades de atuação profissional em vários segmentos públicos e privados que geram aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional.

As pesquisas em torno da formação e atuação dos/as pedagogos/as em educação não-escolar, as quais apontam os processos pedagógicos como objetos de intervenção em Pedagogia, configuram-se no cenário brasileiro como investigações recentes. Por isso ressalta-se a importância da obra em questão, uma vez que estudos significativos sobre o tema “contexto não-escolar” como campo de atuação do/a pedagogo/a têm ocupado poucas pesquisas que abordam o trabalho pedagógico desenvolvido nesses espaços. As diversas ações de cunho educativo relevantes para a sociedade em geral estão sendo desenvolvidas pelo pedagogo e merecem ser conhecidas e analisadas; e é essa a grande contribuição da obra.

Vamos à leitura!

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva

SUMÁRIO

A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS NO BRASIL: historicidade e legislação vigente	21
--	-----------

Andréa Kochhann

O TRABALHO (FAZER) PEDAGÓGICO EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: formação e atuação do pedagogo em questão	44
---	-----------

Andréa Kochhann

O PEDAGOGO E A BRINQUEDOTECA EM ESPAÇOS COMERCIAIS: uma análise inicial	67
--	-----------

Amanda de Carvalho Borges / Andréa Kochhann

CLASSE HOSPITALAR: perspectivas e limites da atuação do pedagogo	83
---	-----------

Amanda dos Santos Belizário

O PEDAGOGO ATUANTE EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: uma necessidade humana	104
---	------------

Amanda Pereira Lima / Kariny Santos de Oliveira / Sarah Arantes da Silva

FAZER PEDAGÓGICO EM ESPAÇO EMPRESARIAL: uma análise da Encantos Brigaderia	125
---	------------

Alessandra Barros Oliveira / Gleicy Kelly Xavier de Oliveira /
Wayne Ferreira de Souza

O PEDAGOGO NO ESPAÇO DE CONTABILIDADE: uma análise empresarial	142
---	------------

Ana Luiza Cruz Borges / Carolina da Mata Barbosa
Leidiane Costa de Meneses dos Anjos

O TRABALHO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: reflexões iniciais159

Ana Santíssima da Silva / Gabriela Geovana Alves Rosa Nascimento

Paulo Henrique da Costa Moraes

O PEDAGOGO EM EMPRESA DE CELULAR E ASSISTÊNCIA TÉCNICA: uma discussão do fazer pedagógico174

Erika de Freitas Borges / Henrique Vieira Guimarães

A ATUAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇO DE ADVOCACIA: contribuições para uma gestão pedagógica187

Ivonete Rodrigues de Faria Souza

O PEDAGOGO ALÉM DO ESPAÇO DE SALA DE AULA: uma análise teórica e empírica empresarial.....200

Magnólia Azevedo / Alessandra Menin

PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: um jeito doce de produzir conhecimento.....217

Iasmyne Karla Guimarães e Silva / Marcilene José de Almeida

Paula Cristina Vieira Barbosa

A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS NO BRASIL: historicidade e legislação vigente

Andréa Kochhann^[1]

Este texto é um recorte da tese de doutoramento em educação da autora. A discussão sobre formação de professores/pedagogos passa, segundo Saviani (2013), pelo século XIX, quando as mudanças econômicas, religiosas e políticas nos países da Europa e norte-americanas, fomentaram a universalização da instrução, com a constituição de sistemas nacionais de ensino. Com essa tessitura, foi se configurando modelos de formação de professores e a designação de que as universidades cuidariam da formação de professores secundários e as Escolas Normais dos professores primários. Essa configuração influenciou o Curso de Pedagogia no Brasil.

Destarte, ao buscar compreender o processo de formação docente, em especial, do pedagogo, é notório olhar o passado para uma (re)constituição histórica no sentido de clarificar alguns elementos estruturante nos currículos e nas práticas dos docentes formadores de professores, os quais são reflexos das políticas educacionais, constituídas pelo movimento do capital e influenciadas por concepções estrangeiras, como toda

1 Doutora em Educação. Mestre em Educação. Docente da Universidade Estadual de Goiás. Email: andreakochhann@yahoo.com.br

educação e universidade brasileira.

As ideias pedagógicas do Brasil, os momentos distintos das fases da Universidade brasileira, a intensificação e a precarização do trabalho docente, influenciam na configuração da formação docente, e no caso dessa pesquisa, na formação do pedagogo, quando analisamos os 5 (cinco) fatos históricos e legais relacionados ao curso de Pedagogia, tais sejam: 1– criação do curso em 1939, 2– Parecer CNE/CP n. 251 em 1962, 3– Parecer CNE/CP n. 252 em 1969, 4– Constituição Federal de 1988 e a LDB de 2006 e, 5– Resolução CNE/CP n. 01 em 2006. Importante lembrar que nenhuma das ideias pedagógicas e das fases da Universidade objetivaram a emancipação dos sujeitos, seja pela eliminação da propriedade privada seja pela formação omnilateral, devido a concepção técnica de currículo, quiçá em tempos atuais essa concepção possa vir a ser crítica e para a docência em espaços escolares e não-escolares.

CRIAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL EM 1939: concepção técnica

Os antecedentes a 1939 foram importantes para entender a criação do Curso de Pedagogia. Um antecedente importante foi o Ato Adicional de 1834, que colocou a formação primária sob responsabilidade das províncias e, na concepção de Saviani (2008c, p. 14), “[...] estas tenderam a adotar, para a formação de professores, a via que vinha sendo seguida nos países europeus: a criação de Escolas Normais.”. Estas que viriam mais tarde concorrer com os Cursos de Pedagogia. Concorrência que só foi resolvida em 2006.

A chamada Década de 1920, como sendo a Década do Debate, contribuiu para a elaboração do Manifesto dos Pioneiros

da Educação, em 1932, que foi outro antecedente importante. Os signatários defendiam que os professores deveriam ter formação universitária. Isso se configurou com base nas mudanças sociais que o Brasil estava passando. O capital estava se modificando de uma sociedade rural e agrária para uma sociedade industrial e urbana. Foi à urbanização e a industrialização do capital que exigiram novas formas de pensar a educação como uma questão nacional.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação, de 1932, apresentava a necessidade de um olhar mais profundo quanto à formação de professores. Fernando de Azevedo aponta nesse documento que o educador deve estar interessado tanto na determinação dos fins educacionais quanto no meio de poder realizá-los, bem como de conhecer os homens e a sociedade para poder perceber a realidade, desse modo trabalhará a sua visão para entender o todo.

Apesar do Manifesto de 1932, as mudanças que ocorreram no tocante à formação de professores permaneceram voltadas para o atendimento ao capital, momento em que o país se industrializava, fomentando a formação pela concepção técnica e da epistemologia da prática, mesmo porque houve a entrada da Escola Nova no Brasil. Durante esse momento da história, surgiram várias discussões e também mudanças no que diz respeito à educação devido aos ideais pedagógicos que eram baseados nos ideários escolanovistas.

Nesse contexto, criou-se o Curso de Pedagogia, pelo Decreto – Lei n. 1.190, de 4 de abril de 1939, com a organização da Faculdade Nacional de Filosofia a qual se transformou em Universidade do Distrito Federal. Em 1939, o curso de Pedagogia tinha uma padronização a qual era decorrente da concepção que regulamentava todas as licenciaturas no modelo 3 + 1. Retomando Cunha (1980, 1988) o surgimento do curso de

Pedagogia se contextualizava no final da Universidade Temporã e início da Universidade Crítica, em que houve uma aglomeração das faculdades e institutos como Universidades.

Machado (2013), alega que esse curso tinha como objetivo primeiro, formar licenciados e bacharéis em diversas áreas e a única diferença entre o pedagogo bacharel e o pedagogo licenciado era que o bacharel formava-se em três anos como Técnico da Educação e optando por mais um ano de estudos de Didática, o mesmo teria título de licenciado em Pedagogia, o que lhe dava o direito de exercer a profissão de professor.

MUDANÇAS NO CURSO DE PEDAGOGIA PELO PARECER CNE/CP N. 251 EM 1962: concepção técnica

A historicidade do curso de Pedagogia dessa época, que as ideias pedagógicas tecnicista dominam, aponta para um curso de bacharelado, cabendo aos cursos das Escolas Normais formar o professor primário. Salvo se o estudante fizesse um ano de didática, pois, receberia o diploma de licenciado. Eis questões que promoveram polêmicas e denunciava uma formação tecnicista do pedagogo.

O curso de pedagogia foi definido como um curso de bacharelado ao lado de todos os outros cursos das demais seções da faculdade. O diploma de licenciado seria obtido por meio do curso de didática, com a duração de um ano, acrescentado ao curso de bacharelado.(SAVIANI, 2008c, p. 39).

A tendência tecnicista foi reforçada com a aprovação da LDB 4.024/1961, pois a mesma, de certa forma, desqualificava o curso de Pedagogia.

Essa lei trouxe reflexos negativos para o Curso de Pedagogia, pois de acordo com Firmino (2005) ‘oficializava uma política de desqualificação docente ao determinar que para o exercício do magistério seria necessário somente o registro em órgão competente, concedido mediante exames de suficiência (Art.61)’.(MACHADO, 2013, p. 31).

Para tentar superar essa problemática é criado o Parecer n. 251/1962, que apresentava o currículo mínimo de formação dos pedagogos e o tempo mínimo para essa formação. Esse Parecer procurou superar a dicotomia 3 + 1, do Padrão Federal. Porém, não foi o suficiente para superar os problemas, tendo ainda uma formação do pedagogo de caráter tecnicista. Isso porque a identidade do pedagogo, bem como as discussões que permeavam o campo de atuação dos pedagogos não foi colocado em debate.

Com essa tessitura o profissional da pedagogia não era assegurado pela legislação enquanto o profissional, já que bastava um exame de proficiência para assumir cargos, que deveria ser designada apenas a ele, por ser formado. Eis que se inauguram as discussões de extinção ou permanência do recém-criado curso de Pedagogia, pois segundo Saviani (2008c, p. 42) “O texto tece considerações sobre a indefinição do curso; refere-se à controvérsia relativa à sua manutenção ou extinção;[...]”.

Pelo Parecer n. 251/1962, segundo Silva (2006, p. 16), “[...] o curso de pedagogia destina-se à formação do ‘técnico em educação’ e do professor de disciplinas pedagógicas do curso normal, através do bacharelado e da licenciatura, respectivamente.”. É preciso esclarecer que esse Parecer não realizou nenhuma referência quanto ao campo de trabalho do pedagogo, nem tampouco especificou a identidade do profissional que formava. Mediante Machado (2013) o Parecer n° 251/1962

estabeleceu superar o padrão da dicotomia federal, mas mesmo apresentando um currículo mínimo e estabelecendo o tempo de duração do curso de Pedagogia, os problemas não foram superados, já que não foi discutido a identidade do pedagogo e tão menos o campo de atuação desse profissional.

Destarte pelo Parecer CNE/CP nº 251/1962, o currículo mínimo era composto por sete disciplinas, sendo cinco: Psicologia da Educação, Sociologia (Geral e da Educação), História da Educação, Filosofia da Educação e Administração Escolar. As outras duas disciplinas seriam escolhidas pelas instituições de ensino, com base no perfil do egresso que desejasse trabalhar.

MUDANÇAS NO CURSO DE PEDAGOGIA PELO PARECER CNE/CP N. 252 EM 1969: concepção técnica

A sociedade brasileira passou durante a década de 1960 um período conturbado. Em 1964, ocorre o Golpe Civil Militar. Os militares assumem o poder brasileiro, o que provoca mudanças radicais em vários setores, inclusive na educação, como afirma Saviani (2008c). Vários movimentos estudantis compuseram esse cenário e uma das reivindicações era a Reforma do Ensino Superior.

Em 1968, a Reforma do Ensino Superior é oficializada pela lei fragmentária n. 5.540 mas, não solucionou os empasse do curso de Pedagogia, a tal ponto que novamente Valnir Chagas elabora um Parecer, agora o n. 252/1969, que dizia superar a dicotomia entre bacharelado e licenciatura, pois o diplomado em Pedagogia seria licenciado. Contudo, efetiva habilitações, permanecendo um caráter tecnicista da formação do pedagogo.

Ao que parece, o problema do encaminhamento que se deu à questão do curso de pedagogia reside numa concepção que subordina a educação à lógica do mercado. Assim, a formação ministradas nas escolas deveria servir à produtividade social, ajustando-se, o mais completamente possível, às demandas do mercado de trabalho que, por sua vez, são determinadas pelas leis que regem uma sociedade de mercado como esta em que vivemos. (SAVIANI, 2008c, p. 50)

Para Silva (2006, p. 26), o Parecer n. 252/1969 “cria habilitações para a formação de profissionais específicos para cada conjunto dessas atividades, fragmentando a formação do pedagogo”. Assim, o pedagogo seria licenciado, mas habilitado para diversas áreas. O pedagogo poderia ser formado nas habilitações administração, supervisão, orientação educacional e inspeção, atuando fora da sala de aula ou habilitação para a sala de aula. Demonstrando seu caráter tecnicista de formação e consequentemente de atuação. Gadotti (2010, p. 71) apresenta que nesse momento “A formação do pedagogo, que já era insipiente, deixou de ser tomada de consciência dos problemas educacionais para se tornar puro treinamento.”. Eis a identidade de pedagogo da época.

Formar através de habilitações pressupõe formar pedagogos técnicos e, sendo assim, novamente não se pensou na questão da identidade da profissão pedagogo e nem no seu campo de atuação. O Parecer CNE/CP n° 252/1969 ocasionou um sério problema nas escolas, tinham que ter vários pedagogos e não tinham condições financeiras para mantê-los. Ele não resolveu os problemas do curso e da identidade do pedagogo. Até o momento, a formação do pedagogo segue a concepção pedagógica tecnicista, o que refletiria em seu trabalho pedagógico.

Com base no pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios da racionalidade eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torna objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2013, p. 381)

Salienta-se que no período em que as habilitações eram o foco de formação do curso de Pedagogia, dentre tantas, havia a habilitação em Movimentos Sociais, que de forma indireta se vincula à atividades de extensão universitária. As habilitações no curso de Pedagogia fomentaram uma fragmentação do trabalho pedagógico e isso proporcionou uma série de críticas em relação a formação do pedagogo, durante a década de 1970 e 1980. Tanto que a ANFOPE, defendeu o movimento para a reformulação do curso, no sentido de acabar com as habilitações.

Até o fim da Ditadura Militar, ainda foram oficializadas mais duas leis fragmentárias. Uma tratando do ensino de 1º e 2º graus e a outra tratando do 2º grau profissionalizante. O fim da década de 1970 e início da década de 1980 foi um período tumultuado e que encaminhou para a reabertura política em 1985. Com a Nova Democracia no Brasil, seria necessária uma nova constituição. Assim, se efetivou em 1988 a Nova Constituição Brasileira.

MUDANÇAS NO CURSO DE PEDAGOGIA PELA CONSTITUIÇÃO DE 1988 E LDB DE 1996: concepção técnica ou crítica

Várias questões foram abordadas por esta Constituição, inclusive em relação a nova concepção atribuída à Educação Infantil enquanto uma etapa da Educação Básica, de direito

de crianças de 0 a 6 anos, agora ofertada por instituições educativas e não mais por assistencialistas. A nova Constituição também atribuiu obrigatoriedade de atendimento educacional especializado para portadores de deficiência. Isso implicava em ter profissionais formados para atuar nesse nível escolar e nessa modalidade de ensino.

Com as leis educacionais eram reflexos do período militar, também se fazia necessário uma nova lei educacional, que apresentasse as proposituras para uma educação democrática. Assim, surge a LDB n. 9.394/1996, que gerou polêmica em relação ao curso de Pedagogia. O curso de Pedagogia é citado nessa LDB, principalmente dos seus artigos 62, 63 e 64 que tratam da formação de professores, em especial da formação do pedagogo.

O Art. 62 trata da responsabilidade de Institutos Superiores e das Universidades sobre a formação de professores. Esse artigo da LDB aborda a formação de professores pelo Normal Superior nos Institutos.

Art. 62 A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, a ser oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996, art. 62)

O Art. 63 institui que os Institutos Superiores de Educação ofereçam o Curso Normal Superior enquanto responsável pela formação de professores para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Assim, entende-se que o curso de Pedagogia poderia se extinto sem prejuízo para a formação de professores.

Art. 63 Os institutos superiores de educação manterão; cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental (LDBN nº. 9394/96) (BRASIL, 1996, p. art.63).

O Art. 64 apresenta que os profissionais de educação para a área de gestão seriam formados em cursos de Pedagogia ou em pós-graduação. Mais uma vez a interpretação desse artigo provoca o entendimento de que poderia ser extinto o curso de Pedagogia.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 1996, art. 64).

Educadores de todo Brasil, se reuniram para discutirem a nova LDB e sua implicação para o futuro do curso de Pedagogia. Se para atuar na sala de aula, poderia cursar o Normal Superior e para a área de gestão poderia cursar pós-graduação, de fato, não haveria necessidade do curso de Pedagogia. A interpretação da LDB aponta uma suposta extinção do curso de Pedagogia, esse fato foi contestado pelos representantes da ANFOPE, por demais entidades e profissionais da educação, a tal ponto de ser formada uma comissão de especialistas para elaborarem projetos de regulamentação do curso de Pedagogia.

A ANFOPE (2004, p. 29) defende que “[...] o curso de pedagogia forma o pedagogo, profissional da educação que entende do fenômeno educativo de maneira profunda, e que

poderá atuar também para além da docência em outros espaços e funções educativas.”, o que exige uma nova concepção de formação do pedagogo e da licenciatura, devido ao conceito dado à docência, que vai para além do ministrar aulas.

Enquanto os integrantes da ANFOPE discutiam os rumos do curso de Pedagogia, surgiram o Decreto n. 3.276/1999 e o Decreto n. 3.554/2000. Na visão de Limonta (2009, p. 120) “[...] desencadeou-se um amplo processo de mobilização e resistência contra o Decreto nº 3.276, de 06 de dezembro, que estabelecia o curso Normal Superior como *locus* exclusivo da formação de professores para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Na perspectiva da autora, devido à primeira regulamentação as universidades e demais instituições fizeram pressão e posteriormente foi sancionado o Decreto nº 3.554, de 07 de agosto de 2000. De modo que ele substituiu o termo exclusivamente por preferencialmente.

Nessa esteira das discussões surgiram a Resolução CNE/CP n.1/2002 e a Resolução CNE/CP n. 2/2002, que de acordo com Limonta (2009) tratam da formação de professores. A Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, institui Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação de professores da Educação Básica em nível superior e cursos de Licenciatura. A Resolução CNE/CP nº2, de 19 de fevereiro de 2002, institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura. Mas, as referidas resoluções não foram homologadas.

Ao longo de uma década, após a homologação da LDB, vários debates foram travados e vários projetos foram elaborados e discutidos, visando regulamentar a identidade profissional do pedagogo. Profissional este que desde a criação de seu curso, não tinha sua identidade reconhecida e agora com a LDB sofria a possibilidade de ser extinto.

MUDANÇAS NO CURSO DE PEDAGOGIA PELA RESOLUÇÃO CNE/CP N. 01 EM 2006: concepção crítica

De acordo com Machado (2013, p. 40) “No período entre 1996-2006 efervesceram os debates sobre a identidade do pedagogo e dos professores de modo geral. Muita discussão fora travada ao longo dessa década, que visava normatizar definitivamente os cursos de formação de professores”. A consequência dessa luta frutificou, em 2005, várias propostas no formato de Pareceres para o Curso de Pedagogia, sendo que, vinte e dois projetos foram analisados. Em dezembro de 2005, foi aprovado o Parecer n. 05/2005 que normatizaria o curso de Pedagogia.

O Parecer n. 05/2005 do curso de Pedagogia foi questionado por não apresentar concordância com a LDB n. 9.394/1996 quanto à formação para a gestão educacional em cursos de pós-graduação *latu senso*. Os defensores das diretrizes do curso de Pedagogia reivindicaram que o pedagogo fosse dispensado do curso de pós-graduação *latu senso* para assumir cargos de gestão. Como foi aceita a reivindicação, novo Parecer foi redigido e colocado em análise no início de 2006.

O Parecer n. 03/2006 era em suma o Parecer n. 05/2005 com a alteração do artigo que concedia ao pedagogo a formação durante a graduação do curso de Pedagogia para a gestão educacional, enquanto os outros licenciados deveriam cursar uma pós-graduação *latu senso* na referida área. Dessa forma, em consonância com os ideais dos educadores e da ANFOPE e após as mudanças no Parecer n. 03/2006, foi homologado as DCNs para o Curso de Graduação em Pedagogia, como Resolução CNE/CP n. 01/2006.

Após várias idas e vindas, foi aprovado, em 13 de dezembro de 2005, pelo CNE, o Parecer CNE/CP n. 5/2005 (Brasil, CNE, 2005), reexaminado pelo Parecer CNE/CP n. 3/2006, aprovado em 21 de fevereiro de 2006 e homologado pelo ministro da Educação em 10 de abril de 2006 (Brasil, CNE, 2006). (SAVIANI, 2008c, p. 64)

A intenção dos defensores dessa Resolução era de superar a formação tecnicista do pedagogo, de formação por um currículo fragmentado, que seguia o modelo da epistemologia da prática. Primavam por apresentar a construção de uma identidade e atuação de maneira crítica, com uma formação com base em um currículo mais interdisciplinar, flexível e crítico, que pode vir a ser pela epistemologia da práxis. O que possibilita dizer que a Resolução CNE/CP n. 01/2006 poderia não atender aos interesses do capital, mas da qualidade da formação do pedagogo ou seria ela a mais pura representação do neoliberalismo educacional.

Destarte, a Resolução CNE/CP n. 01/2006, com os seus 15 artigos que regulamentou o curso de Pedagogia quanto a identidade, a função, o currículo e outros elementos inerentes ao curso. O art. 2º apresentou as diretrizes e confirmou em seu parágrafo primeiro que a docência é um processo amplo, complexo e dialógico.

§ 1º Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (CNE/CP n. 01/2006).

O segundo parágrafo desse mesmo artigo, evidencia a necessidade de estudos de caráter teórico e prático sem uma fragmentação, com um domínio de várias áreas da ciência, para que possibilite a reflexão crítica por vias da investigação ou pesquisa para que o acadêmico tenha condições de atuar com as atividades educativas e não somente escolares.

No tocante a formação do pedagogo pelas vias da pesquisa e da extensão, o item II do Art. 3 da Resolução, discute que a importância da pesquisa e da possibilidade de levar até a comunidade os resultados da pesquisa e isso, pode ser por ações extensionistas. O Art. 4º da citada Resolução, apresenta que as atividades docentes também compreendem outros espaços formativos, que não a sala de aula, para que tenham essas experiências pela unidade teoria e prática em espaços não-escolares.

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.(CNE/CP n. 01/2006).

O Art. 5º da Resolução apresenta que o egresso do curso de Pedagogia precisa estar apto ao final do curso para determinadas ações e para tal apontamos que seja necessário que o currículo seja escrito e praticado considerando não somente o cumprimento das disciplinas curriculares, mas também dos outras possibilidades de formação de professores e de outros espaços formativos, que não somente as escolas e as salas de aula, principalmente porque o artigo se refere à prática profissional em outros espaços não-escolares, o que demanda uma formação que pode ocorrer pelas vias das atividades extensionistas, vinculadas ao currículo, seja enquanto programa ou projeto de

extensão independente ou correlaciona a prática pedagógica ou ao estágio supervisionado obrigatório ou extra curricular.

O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a inúmeras atividades que necessitam de domínio teórico e prática, ou como defendemos práxico – unidade teoria e prática, bem como domínio de conteúdo e forma, por conhecimentos específicos e didático-pedagógicos, para atuar tanto em espaços escolares como não-escolares. Para isso, é necessário compreender como está o processo formativo nas Universidades e se os currículos dos cursos atendem a esse perfil de egresso previsto na Resolução. Caso não atenda é importante que os pares realinhem o currículo. Destarte, estamos diante de um cenário complexo, considerando que Saviani (2009a) apresentou que a esse dilema ainda está por ser superado e que o começo da superação desse dilema está na elaboração de um currículo que pense na unidade teoria e prática, unidade conteúdo e forma.

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

I – atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;

II – compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;

III – fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;

IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

- V – reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI – ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;
- VII – relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;
- VIII – promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;
- IX – identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;
- X – demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;
- XI – desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;
- XII – participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;
- XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;
- XIV – realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes

desenvolvem suas experiências nãoescolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;

XV – utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;

XVI – estudar, aplicar criticamente as diretrizes curriculares e outras determinações legais que lhe caiba implantar, executar, avaliar e encaminhar o resultado de sua avaliação às instâncias competentes.

§ 1º No caso dos professores indígenas e de professores que venham a atuar em escolas indígenas, dada a particularidade das populações com que trabalham e das situações em que atuam, sem excluir o acima explicitado, deverão:

I – promover diálogo entre conhecimentos, valores, modos de vida, orientações filosóficas, políticas e religiosas próprias à cultura do povo indígena junto a quem atuam e os provenientes da sociedade majoritária;

II – atuar como agentes interculturais, com vistas à valorização e o estudo de temas indígenas relevantes.

§ 2º As mesmas determinações se aplicam à formação de professores para escolas de remanescentes de quilombos ou que se caracterizem por receber populações de etnias e culturas específicas. (BRASIL, 2006)

Pela análise dos 16 itens que apresentam o perfil do egresso do curso de Pedagogia se percebe claramente a necessidade de um domínio da teoria e da prática, do conteúdo e da forma. Pensando no processo formativo do acadêmico para que ele alcance os devidos conhecimentos que devem configurar seu perfil, é importante analisar o currículo do curso,

pois este delineia este perfil. O currículo escrito pode não ser praticado. Mediante a pré-ideação do currículo, se elaborado pelos pares institucionais, é possível compreender como pode vir a ser o perfil do egresso, considerando elementos básicos que configuram o trabalho pedagógico.

Já o Art. 6º das DCNs apresenta a estrutura do curso de Pedagogia que deverá organizar seu currículo de forma a atender I – um núcleo de estudos básicos, II – um núcleo de aprofundamento e diversificação e III – um núcleo de estudos integradores. Os três núcleos demandam de um conhecimento teórico-prático aprofundado, complexo e diversificado nas áreas do conhecimento, envolvendo espaços escolares e não-escolares. Para tal, é importante que o currículo apresente quais atividades podem ser realizadas para alcançar esses conhecimentos.

A Resolução aponta no Art. 7º a carga horária mínima para o curso de 3.200 h, distribuídas em 2.800 h às atividades formativas, 300 h de Estágio Supervisionado e 100 h de atividades de aprofundamento. Incoerente na Resolução é o que a mesma apresenta sobre extensão universitária, visto estar alocada como atividade complementar. Incoerente, porque quando a Resolução foi lançada em 2006, o PNE (2001) já apresentava a extensão como componente curricular, mas pelo que aparenta é que não houve uma relação entre o PNE e a Resolução. Assim, é importante analisar o currículo do curso *lôcus* da pesquisa no tocante a como está organizada didaticamente as horas do curso de Pedagogia, visto que o PNE (2014 – 2014) e PNEU (2011 – 2020) abordam sobre a obrigatoriedade de no mínimo 10% da carga horária total em atividades de programas e projetos de extensão, o que corresponde a 320 h das 2.800 h das atividades formativas e não como parte das 100 horas de atividades complementares.

A integralização dos estudos formativos consta do Art. 8º e se apresenta basicamente por 4 eixos: I – disciplinas, II – práticas de docência e gestão educacional, III – atividades complementares e IV – estágio curricular. Esses eixos se referem tanto a espaços escolares como não-escolares e fazem menção a serem cumpridos pelas vias da extensão universitária, apesar da contradição de considerar a extensão como elemento das atividades complementares. De certa forma denota que a elaboração da Resolução CNE/CP n. 01/2006 está em consonância com os documentos legais, mas precisa ter um espaço definido no currículo que não seja atividades complementares, pois é uma atividade formativa. Assim, entendemos que a extensão universitária deveria ter um eixo próprio ou o eixo II ser modificado para práticas de docência e gestão educacional, amparadas por atividades indissociadas entre pesquisa, ensino e extensão e pela unidade teoria e prática. Além de que o currículo do curso de Pedagogia das IES precisa explicitar as atividades em outros espaços formativos e não somente a sala de aula. O que pode ser pelas ações extensionistas.

Isso porque como a Resolução CNE/CP n. 01/2006 apresenta a formação do pedagogo tendo a docência como sua base e que não se limita ao espaço escolar e, considerando o PNE (2014-2024) e a Resolução CNE/CP n. 02/2015 que trata das licenciaturas, entendemos que a extensão universitária pode compor de forma qualitativa e efetiva a formação de professores e, possibilitando uma formação preocupada com as questões sociais e uma humanizadora. A Resolução CNE/CP n. 02/2015 apresenta a defesa da formação para a docência dos profissionais da Educação Básica e em seu Art. 3 Parágrafo 5 traz que um dos princípios dessa formação deve ser com “V – a articulação entre a teoria e a prática no processo de formação docente, fundada no domínio dos conhecimentos científicos

e didáticos, contemplando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;”. A docência como base de formação do pedagogo não se resume em atuação escolar e nem somente pelo ensino. É preciso compreender a docência como trabalho pedagógico, que pode ser realizado em espaços sociais, sejam escolares e não-escolares.

Lembra-se que a docência como base não pode ser entendida em seu sentido restrito do ato de ministrar aulas. O sentido da docência contempla a concepção de ‘trabalho pedagógico’, a ser desenvolvido em espaços escolares e não-escolar [...]. A docência não se realiza apenas no momento em que o pedagogo está na sala de aula. Este é apenas um dos momentos do ato pedagógico. Docência pressupõe o conhecimento do ato pedagógico que pode ser posto em prática em todo espaço social, quer seja escolar ou não-escolar, em que haja o processo de aprendizagem. (MACHADO, 2013, p. 42)

Pensando em favorecer a formação do pedagogo para a docência, como defende a ANFOPE ao lutar pela consolidação da Resolução CNE/CP n. 01/2006 e Resolução CNE/CP n. 02/2015, e esses documentos legais aqui apresentados, defendemos uma formação docente mais humana, omnilateral e emancipadora.

CONSIDERAÇÕES

Com base na tessitura textual que buscamos apresentar, resta-nos afirmar a defesa de que a formação de professores no Brasil, entre idas e vindas de influências estrangeiras, precisa assumir a necessidade de repensar seu processo formativo, no nosso caso, da formação do pedagogo. Precisamos

refletir teoricamente sobre qual pedagogo desejamos formar e para isso eleger quais bases teóricas, metodológicas e humanas devem compor as atividades do curso pelo currículo, acompanhadas do comprometimento da instituição e principalmente, dos professores com o processo de formação dos docentes.

A formação de pedagogos no Brasil, perante sua historicidade e legislação vigente pode ser sintetizada em 5 (cinco) fases, tais sejam: 1– criação do curso em 1939, 2– Parecer CNE/CP n. 251 em 1962, 3– Parecer CNE/CP n. 252 em 1969, 4– Constituição Federal de 1988 e a LDB de 2006 e, 5– Resolução CNE/CP n. 01 em 2006. Mediante a tessitura proferida conclui-se que a formação dos pedagogos no Brasil se constitui de forma técnica com nuances de uma formação crítica nas últimas décadas, em que a docência é à base de formação do pedagogo, que pode atuar para além do espaço escolar.

Com esse pano de fundo, para Gadotti (2010, p. 71) “O papel do pedagogo é um papel político. Não acredito em uma educação neutra: ou fazemos uma pedagogia do oprimido ou fazemos uma pedagogia contra ele.”. Eis que para nós, a formação do pedagogo, considerando as questões históricas e rompendo com a visão técnica e mercadológica, deve ocorrer por um currículo alicerçado na docência por/para/na pedagogia revolucionária ou contra-hegemônica, com atividades indissociáveis entre pesquisa, ensino e extensão, alicerçadas em bases epistemológicas da práxis para a omnilateralidade e emancipação. Destarte, é preciso um movimento para a compreensão dessa docência, que chamamos de ampliada, tanto no sentido de formação quanto de atuação do pedagogo, para espaços escolares e não-escolares.

REFERÊNCIAS

ANFOPE. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. **Políticas públicas de formação dos profissionais da educação: Desafios para as Instituições de Ensino Superior** In: <https://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/12%C2%BA-Encontro-Documento-Final-2004.pdf>

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.01, de 15 de maio de 2006.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU), Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de maio, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 02/2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União (DOU), Poder Executivo, Brasília, DF, 1 de julho, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMONTA, Sandra Valéria. **Currículo e formação de professores: um estudo e proposta curricular do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás.** Tese de doutorado em Educação. UFG, 2009.

MACHADO, Andréa Kochhann. **Desenvolvimento curricular do curso de Pedagogia da UEG (2000-2010).** Dissertação (mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Educação, Goiânia, 2013.

PNE. **Plano Nacional de Educação.** 2001. In: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>

PNE. **Plano Nacional de Educação.** 2014. In: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

PNEU. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2011. In: <https://www2.ufmg.br/proex/content/download/7042/45561/file/PNEU.pdf>

SAVIANI, Dermeval. **História da História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário**. In: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_V_coloquio/Conferencia%20Dermeval%20SAVIANI.pdf, 2008c.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 14. N.40 Jan/Abril. 2009a. In: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, Carmem Sílvia Bissoli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. 3. ed. Campinas: Autores associados, 2006.

O TRABALHO (FAZER) PEDAGÓGICO EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: formação e atuação do pedagogo em questão

Andréa Kochhann[2]

Muitos acreditam que o pedagogo é apenas professor de crianças. Ledo engano. O pedagogo é o profissional que atua como professor, como pesquisador e como gestor, tanto em espaços escolares como não-escolares. Sua atuação se pauta pela atividade pedagógica. A atividade pedagógica pode ocorrer em diversos segmentos da sociedade, que não exclusivamente espaços formais de ensino. A atuação do profissional pedagogo quer nos espaços escolares ou não-escolares, remete uma reflexão mais profunda sobre sua formação na relação profissional e da compreensão da atividade pedagógica, que aqui chamamos de trabalho/fazer pedagógico. No tocante à formação defendemos que o pedagogo precisa ser formado para o trabalho/fazer pedagógico em várias outras áreas como: Empresas, Hospitais, Presídios, Espaços Assistenciais, Espaços Agrários, Editoriais, etc.

Infere-se que o professor que consegue realizar um bom trabalho no ambiente escolar será bem sucedido em

2 Doutora em Educação. Mestre em Educação. Docente da Universidade Estadual de Goiás. Email: andreakochhann@yahoo.com.br

qualquer ambiente seja hospitalar, empresarial, espaços assistenciais, agrários, etc. Por esse motivo muitas instituições abordam somente a formação do pedagogo escolar. Contudo, sugerimos que as instituições abordem em maior ou menor grau de maneira que o conteúdo trabalhado em sala de aula possa ser levado para os outros espaços sociais ou que ofertem uma disciplina específica e quiçá fomentem espaço para o estágio supervisionado curricular ou extracurricular. O presente texto foi elaborado de forma autoral, mediante as experiências teóricas e práticas da autora, visto que há alguns anos tem buscado a vivência em espaços para além do escolar, o que fomentou análises que expressa nas linhas desse texto, na intenção de provocar a discussão entre os pares, bem como pela experiência por ministrar a disciplina de “Pedagogia em Espaço Não-escolar”, enquanto componente curricular obrigatória no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás.

O QUE EMBASA O TRABALHO(FAZER) PEDAGÓGICO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES

Discutir sobre o trabalho/fazer pedagógico em relação ao formado no curso de Pedagogia, requer uma discussão sobre as concepções de ser pedagogo e de sua formação. Defendemos que o curso de Pedagogia possibilite uma formação primando o ensino, a pesquisa e a extensão, viabilizando que a construção de um profissional crítico e transformador, com sólida formação teórico-prática. A defesa que fazemos quanto ao trabalho/fazer pedagógico rememorando a formação do Pedagogo é no tocante a este atuar tanto em espaços escolares e não-escolares, tendo como base de formação a docência, que

para nós se efetiva na figura do professor, do gestor e do pesquisador, independente do espaço social que for atuar. Nossa defesa se apoia na Resolução CNE/CP nº 01/2006.

Mediante a Resolução CNE/CP n. 01/2006 o Pedagogo tem como marco teórico-metodológico a formação para atuar como professor na educação infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Indígenas, Quilombolas e Ensino Profissionalizante, bem como na gestão educacional, tanto nos espaços escolares como nos espaços não-escolares e, na pesquisa tanto em espaços escolares como não-escolares, que prevê o trabalho pedagógico. Para tal, defendemos que o pedagogo precisa ser formado na concepção da práxis – a unidade teoria e prática de forma indissociável – deve permear o curso, pois Saviani (2008) critica a formação visando mercado, mas deve visar o processo de humanização. O humano antecede o mercado.

Por isso defendemos uma formação pautada em um currículo que prima pela licenciatura plena de concepção de docência ampliada, em que a organização do currículo se expressa no movimento de que o pedagogo tendo como base de formação a docência, se apropria de questões teórico-práticas, para desenvolver o trabalho pedagógico em espaços escolares e não-escolares, como professor, gestor e pesquisador. Convém salientar que a Pedagogia enquanto ciência aplicada na prática educativa, evidencia o papel epistemológico, que estuda as diversas manifestações do fenômeno educativo, que se efetiva no processo ensino e aprendizagem, indiferente ao espaço social.

Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho

educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. (LIBÂNEO, 2001, p. 6)

Para algumas pessoas, quiçá muitas, o pedagogo é visto como professor da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. No entanto segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006 o pedagogo pode atuar em espaços escolares e não-escolares. Nos espaços escolares ele pode atuar como professor, coordenador, diretor, secretário. E nos espaços não-escolares pode trabalhar também com o trabalho/fazer pedagógico em empresas, hospitais, assistência social, ONGs, espaços agrários, presídios entre outras. Discutir sobre o trabalho/fazer pedagógico em relação ao curso de Pedagogia e quais áreas que o pedagogo pode atuar, demanda analisar a Resolução CNE/CP n. 01/2006.

Segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006, no Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: “IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo.”. Mediante este artigo fica explícito que o pedagogo deve ser formado para atuar com a aprendizagem de sujeitos independente do espaço físico, nível, idade, conjuntura política e econômica, seja com conteúdo disciplinar, seja com conhecimentos pedagógicos, seja enquanto educação formal ou não formal.

Ainda segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006, no Art. 5º o pedagogo deve ser formado para “XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;”, denotando que o pedagogo domina

o saber e fazer pedagógico de projetos e programas, portanto, o trabalho pedagógico, este que pode ser efetivado em espaço denominado escolar e também em espaços denominados não-escolares. Segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006, no Art. 5º.

XIV – realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas.

Não defendo a formação para o mercado. Defendo a formação do Pedagogo enquanto um humano crítico, emancipado e transformador da realidade, o qual atuará em um mercado de trabalho. Pensando em sua atuação no mercado de trabalho, sua formação precisa também tratar dessa questão. Aguiar et al (2010) trazem que o pedagogo precisa estar preparado para o mercado de trabalho e por isso as universidades precisam se atentar para seu papel.

[...] torna-se necessário que o profissional de Pedagogia esteja preparado para ingressar no mercado de trabalho, a fim de desenvolver habilidades e atividade de planejamento, avaliação, organização de projetos de aprendizagem, além de desempenhar funções docentes em cursos de capacitação e aperfeiçoamento profissional em serviço, assessoramento, coordenação pedagógica e pesquisa educacional em diversos espaços não-escolares. Para que estas necessidades sejam supridas, a Universidade precisa estar atenta ao seu papel e proporcionar aos alunos o desenvolvimento dessas competências. (AGUIAR et. al., 2010, p. 3-4)

Não defendo a formação para competências em seu sentido técnico e pragmático. Defendo a formação do pedagogo crítico que com aportes teórico-práticos conseguirá desenvolver o trabalho/fazer pedagógico em qualquer espaço que for atuar. Temo o uso da palavra competências enquanto bom realizar de tarefas técnicas. O pedagogo é um crítico do campo educacional, por meio do trabalho/fazer pedagógico, tendo a docência como base de sua formação.

A docência, conforme diz Carrolo (1997), Behrens (2005) e Brzezinski (2011a), é um conceito da matriz do conhecimento dialético e interacionista. A docência não se realiza apenas no momento em que o pedagogo está na sala de aula. Este é apenas um dos momentos do ato pedagógico. Docência pressupõe o conhecimento do ato pedagógico que pode ser posto em prática em todo espaço social, quer seja escolar ou não-escolar, em que haja o processo de aprendizagem. No art. 2 § 1º da Resolução CNE/CP n. 01/2006, discute sobre docência.

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios objetivos da pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito diálogo entre diferentes visões de mundo (BRASIL, CNE/CP n. 01/2006).

A docência é uma atividade com múltiplas dimensões que possibilita a atuação em diversos âmbitos em que as relações interpessoais ocorrem, como se verifica na concepção de docência manifesta no Parecer CNE/CP n. 05/2005.

Entende-se que a formação do licenciado em pedagogia fundamenta-se no trabalho pedagógico realizado em espaços escolares e não-escolares, que tem a docência como base. Nesta perspectiva, a docência é compreendida como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da pedagogia. Dessa forma, a docência, tanto em processos educativos escolares como não-escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicos, descolados de realidades históricas específicas. Constitui-se na confluência de conhecimentos oriundos de diferentes tradições culturais e das ciências, bem como de valores, posturas e atitudes éticas, de manifestações estéticas, lúdicas, laborais (BRASIL, CNE/CP n. 05/2005).

O conceito de docência, que o art. 2 da Resolução CNE/CP n. 01/2006 apresenta, está em consonância com as aspirações anfopeanas apresentadas por Brzezinski (2001c) sobre a *base comum nacional*. No que concerne à *base comum nacional* de formação de professores, defendida pela Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação (ANFOPE), discute-se a base da identidade de todo educador. Brzezinski (1996) defende a formação do pedagogo pautada na mencionada *base comum nacional* a partir de eixos curriculares. A autora explicita que “tais eixos devem articular-se em um conjunto assim constituído: relação teoria e prática (trabalho), formação teórica, compromisso social, democratização da escola e interdisciplinaridade”. (BRZEZINSKI, 1996, p. 224).

A Resolução CNE/CP n. 01/2006 aponta que a formação do pedagogo dar-se-ia pela pesquisa, estudo e prática da ação docente e educativa em diferentes realidades. Na concepção de Brzezinski (2011a), um pedagogo para atender aos

pressupostos desses documentos oficiais deveria ter uma identidade “*unitas multiplex*”. Brzezinski (2011a, p. 41) apresenta que a identidade do educador é a docência e assevera que a identidade do pedagogo é a docência enquanto *unitas multiplex*.

[...] o curso de Pedagogia forma o pedagogo com identidade *unitas multiplex*, de maneira que o profissional da pedagogia é formado para atuar na docência, para desenvolver outras atividades do trabalho docente, representadas amplamente pela denominação gestão educacional, para atuar na organização de sistemas, unidades e projetos educacionais em espaços escolares e não-escolares e para produzir conhecimentos como pesquisador.

O posicionamento epistemológico do estatuto da Pedagogia como curso apresentado por Brzezinski (2011a), tem como ancoradouro os estudos de Graubmann (1983) e Carrolo (1997), defende a identidade “*unitas multiplex*”, que adquire um significado ímpar, confirmando ser a docência à base da identidade profissional, afastando-se do amadorismo, tecnicismo, praticismo, pragmatismo e, buscando conhecimentos epistemológicos, pedagógicos, científicos e tecnológicos, como insiste a autora, que se configura na unicidade professor-gestor-pesquisador. Levando em conta a Resolução e o art. 2º da LDB vigente, a formação do pedagogo deve ser para além dos muros da escola. Brzezinski (2010b) assevera que.

O delineamento de uma identidade do pedagogo que tem ancoragem na concepção de educação que ultrapassa os muros escolares, conforme princípios da LDB/1996 (art. 2º), fica assim esboçado: *o pedagogo é profissional docente-pesquisador-gestor, cuja atuação se efetiva na escola e em espaços não-escolares (Grifos da autora)*(BRZEZINSKI, 2010b, p. 210).

A conclusão da interpretação proporcionada pela leitura de Brzezinski (2011a) é que o pedagogo deve ser formado com uma identidade “*múltipla una*”. É atribuição do pedagogo a atuação em sala de aula, nas várias modalidades e níveis de ensino. É de sua competência a produção do conhecimento viabilizada pela pesquisa. A gestão educacional democrática deve compor sua formação e atuação. Com esse arcabouço o posicionamento de formação do pedagogo vai além do espaço escolar e possibilita a efetivação do seu trabalho/fazer pedagógico em qualquer espaço social.

Para essa discussão é preciso demarcar que a docência como base de formação do pedagogo não pode ser entendida em seu sentido restrito do ato de ministrar aulas. O sentido da docência contempla a concepção de “trabalho pedagógico”, a ser desenvolvido em espaços escolares e não-escolares (BRZEZINSKI, 2011a, p. 39). Os conhecimentos teórico-metodológicos devem lhe propiciar condições para atuar em qualquer espaço que requeiram conhecimentos pedagógicos. Os espaços não-escolares compõem a diversidade de locais que precisam do trabalho educativo que o pedagogo adquire em sua formação. Conhecimento teórico e prático é o que possibilita ao pedagogo desenvolver ações de várias dimensões e aplicá-las em vários locais, para além de educação escolar. É notório que o pedagogo tem como principal atuação, a docência na sala de aula.

O que se defende é a compreensão de que a docência como profissão, procura ultrapassar a concepção restrita do ato de ministrar aulas e, portanto, seja entendido enquanto o profissional formado para o trabalho/fazer pedagógico. É preciso estar preparando os profissionais de Pedagogia, para que eles possam desenvolver atividades nas diversas esferas da sociedade, permitindo assim que os pedagogos ocupem outros espaços que não sejam apenas o da escola.

Há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos, brinquedos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço. Há uma prática pedagógica nas academias de educação física, nos consultórios clínicos. Na esfera dos serviços públicos estatais, são disseminadas várias práticas pedagógicas de assistentes sociais, agentes de saúde, agentes de promoção social nas comunidades etc. São práticas tipicamente pedagógicas. (LIBÂNEO, 2001, p. 4)

Ao defender que o pedagogo é o profissional da docência, reafirmamos que é o profissional formado para ser professor polivalente, pesquisador e gestor, seja de ambientes escolares ou não-escolares, que demandem de conhecimentos pedagógicos. Questão essa que deve ser considerada pelo currículo formativo. Defendemos que os currículos dos cursos de Pedagogia devem ser pensados a partir dessa ótica. Visto que a formação pressupõe o trabalho.

O currículo de formação do pedagogo deve assegurar a formação em pesquisa e o exercício de atividades educativas nas escolas e em espaços não-escolares, tais como: sistemas escolares e escolas, incluindo universidades e instituições de ensino superior; movimentos sociais, organizações comunitárias; mídias, incluindo o campo editorial, vídeos, e outras tecnologias; áreas da saúde (projetos de prevenção, difusão científica para fins educativos etc.); empresas; sindicatos; instituições culturais, de lazer, de turismo para diversas faixas etárias, entre outros. (FRANCO, LIBÂNEO E PIMENTA, 2007, p. 45)

A pedagogia não-escolar se diferencia da pedagogia escolar no aspecto de não ser trabalhada em sala de aula, e isso não quer dizer que deixe de ser uma metodologia de educação. O pedagogo precisa ser formado para o trabalho pedagógico e não somente para o trabalho docente. O trabalho pedagógico é mais amplo, enquanto o trabalho docente é restrito ao espaço escolar, segundo Libâneo (2001). O pedagogo tem o mesmo papel de buscar estimular o conhecimento do indivíduo em todos os aspectos e em todos os lugares sociais. Também atua com a gestão de pessoas e espaços, a elaboração, acompanhamento e avaliação de projetos. Denotando uma docência ampliada.

Podemos conceituar a docência ampliada como sendo uma formação da identidade da(o) pedagoga(o) com domínio teórico e metodológico para além do ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também para o ensino na Educação Infantil, o Ensino Especial, o Ensino Superior, a EJA, Ensino Profissionalizante e também para a Pesquisa Educacional e a Gestão de espaços escolar e não-escolar. (ARAÚJO, 2018, p. 132).

Vieira (2011, p.132) afirma que o curso de Pedagogia “[...] constituir-se-á como uma licenciatura, vocacionado à formação do professor. No entanto, essa compreensão não restringe a docência às atividades pedagógicas em sala de aula. O docente formado deverá estar preparado para desenvolver outros trabalhos de natureza educativa.”. Mediante essas questões levantamos o questionamento: “O que é o trabalho/fazer pedagógico?”. Provavelmente haverá várias respostas, principalmente dependendo da epistemologia que o docente segue. Aqui ousamos trazer uma síntese de nossa compreensão perpassando o materialismo, a fenomenologia e a complexidade. Destarte, apontamos que o trabalho/fazer pedagógico está

diretamente associado ao saber pedagógico, a formação e ao trabalho, a teoria e a prática, o olhar e a escuta, a razão e a emoção, ao singular e ao complexo. Esses elementos perpassam qualquer espaço social.

Pensando em uma resposta simplista para o trabalho/fazer pedagógico, poderíamos apresentar que com o conhecimento teórico-prático que o pedagogo adquire durante sua formação, pode lhe possibilitar a realização de ações de avaliação, planejamento, realinhamento, representados pela gestão de forma ampla.

O TRABALHO/FAZER PEDAGÓGICO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES

O trabalho/fazer pedagógico em espaços não-escolares se apresenta de acordo com o espaço. As ações de avaliação, planejamento, realinhamento, acompanhamento e outras que caracterizam a gestão pedagógica, são similares mas possuem singularidades dependendo do espaço não-escolar. Por isso, é importante saber qual o espaço de atuação que o pedagogo realizará seu trabalho/fazer pedagógico. Alguns espaços que apresentamos no qual o pedagogo pode atuar são: espaço empresarial, hospitalar, social, prisional, moda e cinema, editorial, agrário, dentre outras.

Podemos começar a discussão com a seguinte pergunta: “O que é um espaço empresarial?” É um espaço de produção de objetos comerciais, independente se de consumo ou permanente, em que alguém atua na gestão e outros na produção. Na maioria das vezes, existe o proprietário e o funcionário. Portanto, relações sociais e comerciais são estabelecidas. Não defendemos que o pedagogo seja um vendedor graduado, mas

sim um gestor que humaniza as relações e os espaços. Podemos fomentar ainda a discussão com outra questão: “Como o pedagogo pode atuar no espaço empresarial?” Nossa sugestão é que atue na 1. Gestão e treinamento de pessoal, 2. Contratação de pessoal, 3. Realinhamento de funcionários, 4. Avaliação em geral, 5. Otimizar a comunicação entre setores, 6. Humanizar as relações, 7. Estratégia de fidelização de clientes, 8. Harmonizar o espaço, dentre outras. Para esse trabalho/fazer pedagógico Ribeiro (2008, p. 13) defende que seria importante uma formação com disciplinas que discutissem essa questão.

Um processo de formação mais efetivo inclui disciplinas, como Didática Aplicada ao Treinamento, Jogos e Simulações Empresariais, Administração do Conhecimento, Ética nas Organizações, Comportamento Humano nas Organizações e Mudanças nas Organizações, Educação e Dinâmica de Grupos, Relação Interpessoais nas Organizações, Desenvolvimento Organizacional e Avaliação de Desempenho.

Não defendo que o currículo de Pedagogia ofereça disciplinas específicas para as demandas mas, que as disciplinas curriculares fomentem a discussão de didática, jogos, ética, comportamento humano, avaliação e outras rompendo a visão de sala de aula e de uso apenas do professor que ensina um determinado conteúdo. Mas, contextualize as questões. Avance nas situações. O que não alteraria a estrutura do currículo, mas a concepção de currículo restrito ao espaço escolar para um currículo ampliado ao espaço não-escolar. A autora Ribeiro (2008) procura dimensionar o trabalho/fazer pedagógico no espaço empresarial.

Tem como finalidade principal provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que estas melhorem tanto a qualidade do seu desempenho profissional quanto pessoal. [...] O Pedagogo Empresarial precisa de uma formação filosófica, humanística e técnica sólida a fim de desenvolver a capacidade de atuação junto aos recursos humanos da empresa (RIBEIRO, 2008, p. 10).

Apesar de comungar com a autora, discordo a questão de formação técnica se a mesma se refere ao simples saber fazer e não saber pensar. O pedagogo realizará atividades técnicas pelo saber pensar e não meramente pelo saber fazer. Técnicas, metodologias e procedimentos podem ser bem realizados se houver um saber pensar. Caso contrário se torna mero pragmatismo.

A atuação do pedagogo na empresa tem como pressuposto principal a filosofia e a política de recursos humanos adotados pela organização. Daí o cuidado para não imaginar que o treinamento tem um fim em si mesmo ou que a postura a adotar na empresa é a mesma a ser adotada em uma escola (RIBEIRO, 2008, p. 09-10).

Não significa que o pedagogo irá assumir as demandas do Departamento de Recursos Humanos. Esse é um equívoco. Ele irá gestar as ações de todos os departamentos, avaliando e direcionando para ações assertivas para mudança de comportamento dos pares. Todo esse movimento é aprendizagem, que perpassa pela avaliação, planejamento, realinhamento, efetivação, acompanhamento e outras ações.

Tanto a empresa como a Pedagogia agem em direção a realização de ideais e objetivos definidos, no trabalho de provocar mudanças no comportamento das pessoas.

Esse processo de mudança provocada, no comportamento das pessoas em direção a um objetivo, chama-se aprendizagem. E aprendizagem é a especialidade da Pedagogia e do Pedagogo. (HOLTZ, 2006, p. 6).

Seguindo a lógica de análise, indagamos: “O que é um espaço hospitalar?” É um espaço de recuperação da saúde, de aprendizagem, de relações pessoais, de encontro de familiares, de negócios, entre outros. Destarte, é um espaço de alegria. Então, por que é um espaço frio e tenso? É preciso humanizar esse espaço. Continuando na lógica da análise, questionamos: “Como o pedagogo pode atuar no espaço hospitalar?” Nossa sugestão é que atue observando que o 1– Hospital é uma empresa, 2– Sala de Espera, 3– Classe Hospitalar, 4– Hospitalização Escolarizada, 5– Doutores da Alegria, 6– Brinquedoteca, 7– Projetos e Práticas Pedagógicas, dentre outras.

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso, não lhe deve faltar, além de sólido conhecimento das especialidades da área de educação, noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermaria, e sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (mesmo os emocionais) delas decorrentes, tanto para as crianças como também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital. (FONSECA, 2008, p. 29)

Para Barros (2007, p. 264) “A formação profissional para professores e pedagogos das classes hospitalares requer o reconhecimento e a afirmação de um campo do saber essencialmente multiepistêmico.” haja visto que são inúmeras adversidades que o pedagogo encontrará no espaço hospitalar, desde fragilidade com a saúde até mesmo o óbito.

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. (MATOS, 2010, p. 46)

O pedagogo que atua em espaço hospitalar precisa compreender que as ações apresentam singularidades do próprio espaço em sua diversidade. O trabalho/fazer pedagógico no hospital enquanto uma empresa realizará ações que realizaria em outra empresa qualquer, tipo posto de gasolina, loja de roupas e calçados. O pedagogo pode atuar no hospital na sala de espera recebendo o pessoal, dirigindo-os de forma rápida e humanizada. As ações do pedagogo da classe hospitalar seguem orientações da escola, da professora e do currículo, por meio de auxílio dos pais ou diretamente entre professora da classe hospitalar e professora da escola, em que os internos vão para a sala de aula no hospital, em determinados horários. Contudo, alguns internos não podem sair de seus quartos, recebendo um tratamento individual no próprio quarto. A animação e a cultura ficam por conta dos doutores da alegria, que tratam principalmente do emocional dos internos e dependendo da dinâmica aplicada fomenta várias aprendizagens. Da mesma forma, as atividades realizadas na brinquedoteca que pode receber tanto internos quanto as crianças que estão na sala de espera, a depender da situação de cada um. No hospital não se tem internado apenas crianças, mas jovens, adultos e idosos,

que também merecem atenção, principalmente com projetos e práticas pedagógicas.

Pela lógica inferimos: “O que é um espaço social?” É um espaço que realiza atividades variadas de cunho social. Pode ser uma ONG – Organização Não-Governamental, um espaço como CRAS e CREAS, uma casa de repouso ou recuperação, dentre outros. Continuamos no questionamento de “Como o pedagogo pode atuar no espaço social?”. Apontamos que o pedagogo pode desenvolver atividades enquanto um educador social, com 1. práticas educativas, 2. jogos lúdicos, 3. uso de filmes, 4. rodas de conversas, 5. apoio social, 6. encaminhando especializado, 7. formação pedagógica com a equipe, dentre outras atividades pedagógicas.

O educador social deve, pois criar condições desejáveis para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e sociais, tanto do ponto de vista pessoal quanto do de grupos humanos. As ferramentas indispensáveis para essa construção perpassam a apropriação de conhecimentos de diferentes dimensões do saber, a utilização da experiência de sua prática social educativa, as investigações que estuda e as pesquisas que executa [...] (GRACIANI, 2014, p. 29).

A pergunta norteadora se constituiu: “O que é um espaço prisional?”. O espaço prisional pode ser compreendido basicamente sobre a ótica de três vertentes de concepção. A primeira dela seria a ótica cartesiana, alicerçada pelo princípio basilar de compreender este espaço com o fim único e exclusivo de punir pessoas que infringiram regras sociais vinculativas de condutas, denominadas leis. É a concepção discutida por Foucault com equivocada e inaplicável.

O outro conceito, este alicerçado no contexto legal, compreende o espaço prisional como um dos elementos fundamentais

para que a lei seja aplicada em sua integralidade, mas, sobretudo, proporcionando condições para a harmônica integração social do condenado com o meio do qual ele foi retirado em virtude do descumprimento de normas e regras sociais. Este é o dispositivo conceitual da Lei 7.210/84, Lei de Execuções Penais Brasileira, que está para o sistema Prisional, assim como a Lei de Diretrizes e Bases está para a Educação Nacional.

Por fim, outra concepção do espaço prisional pode ser apresentada pelo conceito humanístico dado ao caráter punitivo deste espaço, de modo que punir e reintegrar estejam diretamente ligados ao modo como este espaço é pensado e gerido. Um dos textos que melhor expressa este fundamento é os do conjunto de regras para o funcionamento da prisão denominado “Regras Mínimas para o Tratamento de Presos”, adotado pela Organização das Nações Unidas em 1995.

A discussão pode ser fomentada pela questão: “Como o pedagogo pode atuar no espaço prisional?”. A previsão legal para a atuação do pedagogo em espaços prisionais vem descrita pelo Art. 75 da Lei de Execuções Penais Brasileiras, que prevê como um dos requisitos para ser Diretor de uma Unidade Prisional, ter formação em Pedagogia. Esta previsão legal se alicerça na concepção de que o pedagogo é um dos profissionais mais preparados para atuar em um espaço em que a compreensão de aspectos do desenvolvimento humano, tais o seu crescimento e aperfeiçoamento, por meio de 1. processos elaborados de ensino e inter-relações pessoais são fundamentais para o alcance da tão almejada ressocialização da pessoa presa. Além deste aspecto, o pedagogo é um exímio 2. articulador e desenvolvedor de ações por meio de projetos e planos de gestão, elementos que em um ambiente como o prisional, que é o reflexo de alguma falha em processos sociais, e principalmente educacionais (formal e informal), são cruciais para o sucesso.

O questionamento inicial se faz: “O que é um espaço de moda e cinema?” É um espaço de trabalho e formação para o mundo da moda e cinema, envolvendo passarela, vitrine viva, andamento, postura, automaquiagem, vídeo, fotografia, entrevista, casting, comerciais, curta e longa metragem, entre outros. De forma a avançar na análise questionamos: “Como o pedagogo pode atuar no espaço da moda e cinema?”. Pela nossa experiência apresentamos que pode atuar considerando: 1– Agência ou Escola de Modelos é uma empresa, 2– Elaborando e corrigindo flyers, 3– Coordenando equipes de prova de roupas, 4– Organizando momentos de formação e lazer, 5– Organizando casting, 6– Organizando entradas de equipes para desfile, 7– Gestão de pessoas e pagamentos, 8 – Organização de viagens dos modelos, 9 – Organização para gravação e fotografias, 10 – Organização de elenco de gravação, 11 – Gestão dos ensaios e viabilidade dos mesmos mediante os modelos ou atores, 12 – Outros.

A indagação inicial para análise se estrutura: “O que é um espaço editorial?” É um espaço de organização da produção do conhecimento, de aprendizagem, de relações pessoais, de negócios, entre outros. Destarte, é um espaço de gestão de pessoas e de edição de material gráfico. Avancamos nas indagações no sentido de que: “Como o pedagogo pode atuar no espaço de editora?”. Nossa experiência nos possibilita apresentar que o pedagogo pode atuar considerando que: 1– Editora é uma empresa, 2– Editoração de livros, 3– Conselho Editorial, 4– Negociação financeira, 5– Design de capa e marca página, 6– Fidelidade de cliente, 7– Captação de livros, 8– Lançamento de livros, entre outros.

O questionamento inicial se faz: “O que é um espaço agrário?” É um espaço de produção agrária, que pode ter relações principalmente com a agricultura e a pecuária. De forma

a avançar na análise questionamos: “Como o pedagogo pode atuar no espaço agrário?” Ao pedagogo na área de agrárias compete: 1. cuidar da gestão dos processos e sistemas informatizados, 2. cuidar da gestão de pessoas e liderança de equipe, 3. organizar os espaços para reuniões e atividades diversas, 4. organizar as demandas de pessoal para as atividades coletivas, 5. elaborar, acompanhar e avaliar os projetos, 6. motivar a equipe, 7. organizar e/ou orientar a elaboração de material didático, 8. organizar e/ou coordenar os planos de gestão, 9. organizar e/ou coordenar as pesquisas de demandas e de diagnóstico, 10. avaliar os avanços e os resultados das atividades realizadas, 11. promover a cultura de sustentabilidade tanto social quanto econômica da equipe e público atendido, 12. ter visão humanizadora, sistêmica e de totalidade do processo de gestão, 13. avaliar currículo de profissionais para compor equipe de trabalho, 14. monitoramento e avaliação do processo, 15. organizar slides, folders, cartazes, etc, 16. entre outras funções inerentes ao processo pedagógico.

As atividades na área agrária, como por exemplo, são nos movimentos agrários e na aplicação governamental de projetos. Ao pedagogo que seja professor, gestor e pesquisador, competem várias atividades. Aqui elegemos algumas como sendo direcionada para o pedagogo na área de agrárias, conforme análise de alguns editais de chamada pública em que o pedagogo pode compor a equipe de trabalho. Editais como do INCRA e da ANATER. A contratação de uma equipe multidisciplinar indica que o pedagogo é um dos profissionais com a capacidade técnica para realizar as atividades que os editais apresentam. O espaço da zona rural por meio dos Sindicatos, das Prefeituras, do INCRA, da EMATER, da ANATER, de ONGs que primam por atividades voltadas para o campo,

CONSIDERAÇÕES

Discutir sobre o trabalho (fazer) pedagógico em espaço não-escolar abordando a formação e atuação do pedagogo é algo complexo, mas necessário, visto que para muitos o pedagogo é o profissional que se restringe a atuar como professor de crianças, na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o que julgamos um ledô engano.

Defendemos, apoiados em referenciais teóricos e documentos, que o pedagogo é o profissional que atua como professor, como pesquisador e como gestor, tanto em espaços escolares como não-escolares, realizando trabalho pedagógico, que vai além do trabalho docente ou escolar. Com esse cenário, é imprescindível que o curso de Pedagogia favoreça uma formação pelo ensino, a pesquisa e a extensão, primando a construção de um profissional crítico e transformador, com sólida formação teórico-prática, para atuar tanto em espaços escolares como em espaços não-escolares.

No tocante à formação defendemos que o pedagogo precisa ser formado para o trabalho/fazer pedagógico em várias outras áreas como: Empresas, Hospitais, Presídios, Espaços Assistenciais, Espaços Agrários, Editoriais, etc. Nossa consideração se alicerça na interpretação da Resolução CNE/CP nº 01/2006, que apresenta que o pedagogo atuar como professor na educação infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Indígenas, Quilombolas e Ensino Profissionalizante, bem como na gestão educacional, tanto nos espaços escolares como nos espaços não-escolares e, na pesquisa tanto em espaços escolares como não-escolares, que prevê o trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, E. P. et al. **A Formação do Pedagogo para Espaços Não-Escolares: uma análise dos currículos do curso de pedagogia da UFPE para atuação na área de recursos humanos.** 2010. Disponível em: <file:///D:/Desktop/BNCC/IDENTIDADE%20DO%20PEDAGOGO.pdf>. Acesso em: 23 de outubro, 2019.
- ARAÚJO, E.M.de (Org). **Ensino, Pesquisa e Extensão diálogos da formação e prática docente.** Goiânia: Kelps, 2018.
- BARROS. A. S. **Contribuições da Educação Profissional em Saúde à Formação para o Trabalho em Classes Hospitalares.** Caderno CEDES. Campinas, vol. 27, n. 73, p. 249-368, set./dez.2007.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 01, de 16 de maio, 2006:** institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU). Brasília, DF: Poder Executivo, 2006.
- BRZEZINSKI, I. **As políticas de formação de professores e a identidade *unitas multiplex* do pedagogo: professor-pesquisador-gestor.** In: SILVA, M.A.e BRZEZINSKI, I. Formar professores-pesquisadores: construir identidades. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.
- FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.
- GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social.** São Paulo: Cortez, 2014.
- KOCHHANN, A. SILVA, M.E., RIBEIRO, N. PRAZER, N. MARTINS, A.C. E PAULA, E. **O pedagogo no espaço agrário: uma análise de sua formação e atuação.** In: Anais do SEREX CO. <http://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/O%20PEDAGOGO%20NO%20ESPA%C3%87O%20AGR%C3%81RIO%20UMA%20AN%C3%81LISE%20DE%20SUA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20E%20ATUA%C3%87%C3%83O.pdf>

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. **Educ. rev.** , Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso > . acesso em Out/2019.

MATOS, E.L.M. **Escolarização Hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis: Vozes, 2010.

PPC. **Projeto Pedagógico de Curso de Pedagogia da UEG**. 2015. In: <http://www.campusoeste.ueg.br/conteudo/9697#pedagogia>

RIBEIRO, A. E.do A. **Pedagogia empresarial**: atuação do pedagogo na empresa. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FRANCO, M. A. S.; LIBANELO, J. C.; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. **Caderno Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 130, p. 63-97, abr. 2007.

O PEDAGOGO E A BRINQUEDOTECA EM ESPAÇOS COMERCIAIS: uma análise inicial

Amanda de Carvalho Borges^[3]

Andréa Kochhann^[4]

Este trabalho parte da premissa de que o pedagogo pode atuar em espaços não-escolares, realizando o trabalho pedagógico, independente do *lócus*. Uma das possibilidades de atuação é em brinquedotecas, e essas brinquedotecas podem estar presentes em variados espaços. A brinquedoteca em espaço comercial está presente em algumas empresas como: academias, concessionárias, bares, restaurantes e outros.

Apesar de estar presente no cotidiano, existem poucos estudos sobre essa temática, principalmente acerca de seus benefícios em relação ao desenvolvimento das crianças, quanto sobre o interesse lucrativo do empreendedor. É costumeiro encontrar brinquedotecas, por exemplo, em espaços hospitalares. Já não é tão costumeiro assim em espaços empresariais, principalmente, quando tratamos de cidades do interior.

3 Pedagoga da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Oeste, Sede São Luis de Montes Belos.

4 Doutora em Educação, Mestre em Educação. Docente da Universidade Estadual de Goiás. Email: andreakochhann@yahoo.com.br

Perante múltiplas inquietações sobre a temática surge a problemática maior da pesquisa estruturada em “Quais as possibilidades e limites de uma brinquedoteca em espaço comercial?”. Como a pesquisa está em andamento apresentaremos considerações parciais, norteadas pela problemática “Como se apresenta a criação e composição da brinquedoteca comercial?”.

Por isso a metodologia utilizada para realização deste trabalho parte do referencial teórico embasado em autores como Gimenes (2011), Almeida (2006) e outros, bem como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) e a Resolução CNE/CP n.01/2006, bem como observação no espaço da brinquedoteca e uma entrevista semiestrutura com o dono do estabelecimento comercial, da brinquedoteca em estudo, situada no bar e restaurante Istambul, em São Luís de Montes Belos, Goiás.

Acreditamos que esta pesquisa tenha relevância, visto que há poucos estudos nessa área e que podem promover uma ampliação do espaço de atuação para o pedagogo, ademais como uma nova forma de investimento e fidelidade para os comerciantes, e depois como possibilidade de aprendizagem para as crianças.

O PEDAGOGO E A FORMAÇÃO PARA ATUAR EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma análise da Resolução CNE/CP n. 01/2006

O pedagogo pode ser visto por algumas pessoas como o profissional da educação de crianças ou o professor de crianças. Para além dessa concepção, é preciso ser compreendido

que o pedagogo, a partir da Resolução CNE/CP n. 01/2006, no art. 2º, é o profissional da docência, que é um processo amplo, complexo e dialógico.

§ 1º Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo (BRASIL, CNE/CP n. 01/2006).

Analisando o 1º parágrafo do Art. 2º podemos afirmar que a docência vai muito além de ser professor de crianças e se estabelece pela ação, educação e processo pedagógico, o qual é metódico e intencional. Através dessa concepção, devemos compreender que o pedagogo pode realizar suas ações ou atividades educacionais em espaços que não sejam obrigatoriamente escolares.

O Art. 4º da citada Resolução apresenta que as atividades docentes também compreendem outros espaços formativos, que não a sala de aula, para que tenham essas experiências pela unidade teoria e prática em espaços não-escolares, são elas:

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, CNE/CP n. 01/2006).

O Art. 5º da mesma Resolução aduz que o egresso do curso de Pedagogia precisa estar apto ao final do curso para determinadas ações. Apontamos que seja necessário que o currículo seja escrito e praticado considerando não somente o cumprimento das disciplinas curriculares, mas também das outras possibilidades de formação de professores e de outros espaços formativos, que não somente as escolas e as salas de aula, principalmente porque o artigo se refere à prática profissional em outros espaços que não sejam escolares.

O egresso do curso de Pedagogia deverá, ainda, estar apto a inúmeras atividades que necessitam do domínio teórico e prático ou como defendemos prático – unidade, teoria e prática, bem como domínio de conteúdo e forma, por conhecimentos específicos e didático-pedagógicos – para atuar tanto em espaços escolares quanto os citados não-escolares. Esse mesmo Art. 5º apresenta que é da competência do pedagogo atuar em outros espaços que não sejam escolares e dessa maneira desenvolver e atuar tais competências esperadas e incumbidas na condição de profissional.

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

[...] IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

[...]

XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares. (BRASIL, CNE/CP n. 01/2006).

Apesar de que, na Resolução não seja citado quais seriam esses espaços não-escolares, tratamos pela obviedade que todo espaço que não seja escola, pode estar compreendido e entendido como não-escolar. Portanto, um hospital e uma empresa são espaços não-escolares. Quando tratamos de “empresa”, podemos afirmar que praticamente todo estabelecimento pode ser visto como uma inclusive o hospital. Assim, é possível dizer que um bar e restaurante é uma empresa e que o pedagogo pode trabalhar nesse espaço.

Uma demanda compreendida nesse momento pode ser sobre quais atividades o pedagogo realizaria nesse espaço. O Art. 5º, supracitado, vislumbra de forma geral que o trabalho do pedagogo em um espaço não-escolar perpassa pela promoção da aprendizagem dos sujeitos envolvidos, realização de projetos educacionais e gestão de forma em geral. Logo, podemos dizer que o trabalho de um pedagogo em uma empresa pode ser na gestão de uma brinquedoteca. Com esse pano de fundo, é preciso compreender uma brinquedoteca enquanto espaço de aprendizagem e sua relação com o espaço comercial.

A BRINQUEDOTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: uma análise histórica e pedagógica

Por meio de estudos quanto a origem das brinquedotecas, foi possível delimitar que a primeira brinquedoteca surgiu no ano de 1934, em Los Angeles, com a intenção de realizar empréstimos de brinquedos após uma loja de brinquedos ser saqueada por alunos de uma escola municipal. Porém, em 1963, na Suécia, mães e professoras desenvolveram a Ludoteca a fim de orientar as famílias de crianças especiais como brincar e estimulá-los a se desenvolverem.

No Brasil, foi implantado esse sistema de empréstimo de brinquedos no ano de 1973 pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Somente em 1981 a pedagoga Nylse Cunha, genitora do termo “brinquedoteca”, montou a primeira brinquedoteca do país em São Paulo, sendo considerada uma instituição e que ainda não foi totalmente compreendida, segundo Santos (1995).

A brinquedoteca é um espaço que vai muito além de um simples local repleto de brinquedos, pois nos dá ampla possibilidade de trabalhar o auxílio do desenvolvimento do “eu”, tanto cognitivo como social, de forma lúdica independente do espaço que a brinquedoteca esteja inserida. Segundo a ABRi a brinquedoteca “é um espaço que facilita o livre brincar, encantando e promovendo o desenvolvimento pleno da criança!”.

A atual perspectiva sobre as atividades lúdicas, mais especificamente sobre brinquedos, brincadeiras e brinquedotecas, leva psicólogos, psicopedagogos e outros profissionais da educação a incentivar a prática desse universo como forma de facilitar o desenvolvimento infantil e de proporcionar a aprendizagem em elevado nível de qualidade (GIMENES, 2011, p.31).

Essa perspectiva amplia muitos quesitos relacionados à execução de pequenas atividades que podem ser interpeladas como brincadeiras e facilitar o trato com as crianças, promovendo seu desenvolvimento de maneira lúdica. O lúdico, desempenha e faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, trabalhando com a cultura corporal, movimento e expressão.

A ludicidade fornece as crianças amplas possibilidades de desenvolvimento através do ato de brincar seja por jogos direcionados ou em contato com brinquedos levando sua realidade

social para dentro da brinquedoteca, permitindo o contato com sua realidade, levando em conta um ambiente lúdico em que a criança aprende sem notar que está sendo ensinada, não conseguindo, assim, perceber que dentro de uma brincadeira ela está sendo “preparada ou desenvolvendo habilidades para realizar ou desenvolver atividades tanto de cunho social como cognitivas possibilitando o desenvolvimento social e cognitivo”, como afirma Almeida (2006, p. 2).

A BRINQUEDOTECA EM ESPAÇO COMERCIAL: a visão do proprietário

Pela entrevista com o senhor Ailton Matias de Brito Junior foi possível eleger alguns pontos para análise. A primeira pergunta foi como que veio o desejo de você criar aqui no Istambul o espaço da brinquedoteca? *“Na verdade desde quando eu comprei eu já tinha essa preocupação. Antes ali era um jardim. Eu tinha colocado alguns balanços lá, uns gira gira sabe, mas não durou muito tempo porque não tinha cercamento, aí estragou muito rápido. Então, desde quando eu comprei em 2015 aí depois o projeto do arquiteto ficou pronto em 2017, mas a gente executou ele em 2019.”.*

A segunda pergunta foi, de onde veio esse desejo? *“Sempre eu tento buscar inspiração em outras cidades, como Goiânia, eu saio muito lá em Goiânia, nos bares e fui vendo que tá virando tendência. Todo bar hoje em Goiânia tem uma brinquedoteca. O desejo é desde 2015, mas, só agora em 2019 é que consegui executar o projeto.”.*

A terceira pergunta foi, quem ajudou na escolha dos brinquedos? *“Na verdade eu fui numa loja especialista de brinquedos em Goiânia, Girafas, aí lá eles têm um arsenal de brinquedos, eu fui escolhendo mesmo.”.*

A quarta pergunta foi, e quando você foi escolhida os brinquedos você pensava em que? Você é pedagogo? *“Não, não... Eu pensava assim, o que iria distrair as crianças, minha intenção era prender a atenção das crianças prender a atenção delas né para elas não ficarem correndo né para elas não ficarem chamando atenção dos pais também né. Então as escolhas foram essas. As crianças gostam de pula-pula, de casa de bolinha e uma mesa para desenhar. Então, a gente partiu desse princípio aí”.*

A quinta pergunta foi, você começou em 2019 e dentro desses 9 meses você já ampliou? *“A gente já ampliou sim, tanto que quando eu fiz eu fiz uma estrutura mais rústica né com cerceamento de tela, mas hoje eu já coloquei vidro né, um blindex. Então já o chão também tem algumas partes que não eram tampados, a gente jogou um tapete para ficar mais confortável pras crianças. Não tinha trocador, a gente criou um trocador também conforme os pais foram pedindo.”.*

A sexta pergunta foi, e materiais pedagógicos, como que foi aquisição desses materiais? *“Na verdade os materiais são lápis de cor que eu forneço, mas tem um quadro, tem aquele cantinho pedagógico. Não tem boneca, não tem carrinho, porque eu acho que daria muito conflito né. Pode gerar reclamações né.”.*

A sétima pergunta foi, você coloca fotos e vídeos no Instagram do restaurante e bar istambul. Então você utiliza desse espaço como marketing? *“Isso. Claro. Trabalho tendo essa visão.”.*

A oitava pergunta foi, como você enxerga uma brinquedoteca? *“Quando a gente não tinha, a gente notava que vinha gente com crianças na faixa etária de 4 ou 2 anos e as crianças ficavam inquietas, pois não tem nada para fazer. Às vezes ficavam correndo no salão e o pai para não repreender a criança, preferia ir embora. Então, ele acaba consumindo menos né. Para mim isso é um investimento.”.*

A nona pergunta foi, quem já trabalhou na brinquedoteca tinha alguma formação? *“A primeira era inclusive aluna da*

UEG, chama Isadora, só que ela estuda medicina veterinária. Só que ela também tinha a visão de fazer as atividades lúdicas com as crianças, fazia slime, oficina de slime, trazia papel A4 impresso com desenhos para eles pintarem e desenharem. Então ela sempre teve essa visão. Alguns dias que ela não podia vir eu chamei uma menina, que já era mocinha, mas ela não correspondeu. Aí eu pedi para professora Vera me indicar alguém e ela me indicou a Amanda que também é aluna da UEG mas de pedagogia.”.

A nona pergunta foi, você acha que teve diferença entre a Amanda e as outras, apesar de Amanda ainda estar cursando pedagogia, você percebeu essa diferença? *“Não, tipo assim, da primeira com a Amanda trabalharam um pouco da mesma forma, às vezes assim, o que faltou de construtivo para Amanda seria as atividades para aprender a atenção. Igual a Isadora, ela mesma propôs a oficina de slime, não foi ideia minha e quando a gente postou nas redes sociais que ia ter essa oficina de slime, bombou, entendeu? Acaba sendo um “chamarismo” para vir e te dar lucro. O pessoal manda mensagem, “que dia vai fazer de novo!” É muito bom.”.*

A décima pergunta foi, você tem aberto a brinquedoteca só de sexta e sábado? *“Com monitora, sem monitora todos os dias. Mas na sexta e no sábado é justamente pela quantidade de pessoas? Isso, o volume é maior de pessoas.”.*

A décima primeira pergunta foi, e quem escolhe o profissional que vai trabalhar com você, você mesmo? Isso. Critérios que você utiliza para seleção tem alguma exigência? *“Não, eu sempre gosto de trabalhar com indicação”.* Como você comentou foi indicação da Vera. Por que você escolheu um pedagogo? Então, na verdade, não foi você que escolheu um pedagogo, mas a Vera te indicou? *“Assim, antes de eu ter contratado a primeira menina, a Vera já tinha me dado essa sugestão, “olha, tem as meninas da UEG que acho que lá vai ser bom espaço para fazer*

estágio”, a Vera já tinha me dado essa dica, houve esse pensamento de ser alguém da área.”.

A décima segunda pergunta foi, e você hoje, com a abertura que você tem, você reconhece que é importante ter pedagogia como monitor dentro do seu espaço? *“Olha, eu reconheço que é importante, pela experiência, para evitar conflitos e prestar apoio melhor.”.*

A décima terceira pergunta foi, você acompanha as atividades dentro do espaço, você sabe me dizer como são feitas as atividades, como é organizado, você direciona ou fica por conta da monitora? *“Fica por conta da monitora, deixo ela fazer o trabalho dela, deixo por conta. Que tipo de atividade são realizadas, você não poderia dizer? Não, hoje não.”.*

A décima quarta pergunta foi, legalmente quando você foi abrir a brinquedoteca, você olhou isso, você verificou essas questões, do consumo do álcool dos clientes, e as crianças nesse mesmo espaço? *Não.* Porque nós também não sabemos, é um dos questionamentos que nós duas tem nos feito buscar regulamentação do ECA, do estatuto da criança e do adolescente, porque nada diz que não e nada diz que sim. *“Na minha visão não está trazendo as crianças para ambiente de bar. Quando se cria uma brinquedoteca é mais restaurante, todo mundo sai pra comer, inclusive crianças “né”. Igual, criança come no parque. Elas não estão vindo para um ambiente para ver som ao vivo, fumando ou bebendo. Acho que sempre cai no pai, nos pais, a responsabilidade é deles.”.*

A décima quinta pergunta foi, de uma certa forma a gente vê que está aumentando a vinda de crianças para o Istambul por conta da brinquedoteca. Você acha isso positivo? *“Eu acho, porque já escutei relatos de vários clientes que aconteceu um episódio, achei muito interessante. É bem no início mesmo, as crianças vinham se divertir aí chegava na escola segunda-feira contava para*

os amiguinhos “fui lá no Istambul esse final de semana, brinquei com a tia” automaticamente as crianças chegavam em casa falavam “papai, mamãe quero ir pro Istambul” e os pais ficaram “como assim, Istambul é um bar, como é que você está sabendo?” “O coleguinha falou que tem brincadeira, tem parquinho”, então, já escutei vários relatos desse tipo.”.

A décima sexta pergunta foi, você não achou arriscado trazer para uma cidade do interior essa ideia? “Não, porque a gente, tipo assim, é tudo bem planejado. Comecei o projeto em 2014, na verdade em 2017 que o projeto ficou prontinho, aí foi jogando a ideia, que tinha esse desejo “faz mesmo”, “vai melhorar bastante”. Querendo ou não, somos cidade do interior, mas estamos perto de Goiânia, então todo mundo tem uma experiência, assim desses bares e restaurantes e aqui em São Luís também.”.

A décima sétima pergunta foi, você tem noção de quanto já gastou na brinquedoteca? “Desde a construção até hoje, e agora que coloquei o blindex, acho que foi uns R\$ 30 mil, só naquele “puxadinho”.”. Aí nesses R\$ 30 mil, você reconhece como investimento, você acha que dentro desses 9 meses de funcionamento, “cê” já ganhou isso pra trás? “Não, não, é a longo prazo.”. Porque eu imagino, o empresário vê a questão da lucratividade, meio que imediato, “né”? Tem que ter uma consciência. “Aumenta o gasto, mas aumenta o faturamento também, então, tipo assim, nossa despesa aumentou com a brinquedoteca, tanto com a monitora, tanto com a manutenção dos equipamentos, desde que inaugurou há uns 6 meses, 7 meses, é muito cedo, mas o faturamento aumentou após a brinquedoteca, mas isso é bom.”.

A décima oitava pergunta foi, você considera sua brinquedoteca só um espaço de entretenimento ou de aprendizagem? “Olha, acho que de aprendizagem também e entretenimento, tanto que promovi ações, como a fábrica de slime, a gente já fez três vezes, dá muita criança e as mães trazem, acho que de aprendizagem também.”.

O PEDAGOGO E A BRINQUEDOTECA EM ESPAÇO COMERCIAL: uma análise inicial de um bar e restaurante

Tendo ciência da existência de uma brinquedoteca em um bar e restaurante, na cidade de São Luís de Montes Belos, várias inquietações surgiram e fomentaram a presente pesquisa. Dentre elas podemos destacar quais os benefícios oferecidos para o desenvolvimento da criança imergida na brinquedoteca em espaço comercial; se existe legalidade quanto ao espaço onde ela está inserida; qual o papel do pedagogo dentro de uma brinquedoteca nesse espaço; quais as intenções do comerciante ao inserir esse espaço dentro de sua empresa esse quando inserida em ambientes que vendem produtos alcoólicos fere o ECA.

Em contato com o estabelecimento que será objeto de estudo, solicitamos a liberação para a pesquisa com o Sr. Ailton Matias de Brito Junior, dono do Istambul bar e restaurante, situado no centro da cidade de São Luís de Montes Belos, conforme Imagem n. 1.

Imagem n. 1 – Istambul bar e restaurante



Fonte: As autoras

Segundo o Sr. Ailton Matias de Brito Junior, desde que comprou o bar, no ano de 2015, tinha o desejo de construir uma brinquedoteca. Inicialmente era um espaço a céu aberto (um jardim), que ele instalou alguns brinquedos. Só em 2017 foi produzido o projeto arquitetônico do local e executado em 2019, conforme entrevista.

O proprietário escolheu os brinquedos para compor a brinquedoteca dentro de uma loja especializada em que foi pensado quais iriam prender a atenção das crianças e atrair a atenção dos pais, partindo do ponto de vista que as crianças gostam de pula-pulas, piscina de bolinhas, objetos coloridos, personagens e uma mesa/carteira em que possam desenhar.

Como dito pelo dono do estabelecimento, esse espaço foi desenvolvido com intuito de atrair mais clientes com filhos e auxiliar no entretenimento das crianças, trazendo bem-estar e segurança para toda a família frequentadora e consequentemente lucratividade para o estabelecimento. Tal espaço foi denominado como: Istambul kids, conforme Imagem n. 2.

Imagem n. 2 – Istambul Kids



Fonte: As autoras

A brinquedoteca é composta por: uma piscina de bolinhas, um pula-pula, um escorregador, uma cesta de basquete, uma bola, uma lousa de giz e canetão, uma mesinha infantil, duas gangorras individuais, uma gangorra dupla, um aramado pedagógico, uma cabana, um kit mega bloco, folhas A4, lápis de cor, giz colorido e um trocador. O chão é forrado com tatames e tapetes com textura de grama trazendo mais segurança para as crianças. Essas questões podem ser percebidas nas Imagens n. 3.

Imagem n. 3 – Os brinquedos



Fonte: As autoras

Nesse ambiente são realizadas oficinas de *slime*, pintura artística, brincadeiras de roda, pique-pega, contadas histórias, dança, modelagem de massinha, jogos como adedonha, adivinha que animal é esse, mímica, qual é a música e brincadeiras livres. Os funcionários escolhidos para trabalharem nesse ambiente vieram por indicação de pessoas de confiança do Sr.

Ailton Matias de Brito Junior. Dentre eles estão: uma estudante de Medicina Veterinária que era proativa com as crianças e realizava atividades atrativas como oficinas de *slime*, uma acadêmica em Pedagogia que iniciou o trabalho prestando serviços de pintura artística, e posteriormente através da interação com as crianças, foi convidada para compor o quadro de funcionários e passou a elaborar brincadeiras que conseguissem ter dinâmica com a miscigenação de fases de desenvolvimento de crianças em um mesmo espaço frequentadoras do local.

Local e período esses que precisariam ser intermediados para que todas as crianças juntas pudessem, por meio de uma pedagoga, desenvolverem o ato não somente de brincar por brincar, mas absorvendo aprendizado a partir daquele ambiente lúdico, imerso em um espaço pouco intencional para a aprendizagem, embora que se bem trabalhado pode trazer o conhecimento para as crianças, com rendimento lucrativo para o estabelecimento.

CONSIDERAÇÕES

Mediante a análise inicial que realizamos no Istambul bar e restaurante, que dispõe de uma brinquedoteca em seu espaço, situado na cidade de São Luís de Montes Belos, primamos por conhecer suas propostas e a avaliamos como bem elaborada. A brinquedoteca inserida em restaurantes e bares nomeamos como brinquedoteca comercial, por conta de não termos encontrado outro termo durante a pesquisa, demonstra potencial imenso diante dos outros espaços comerciais que rotineiramente nos deparamos em cidades do interior.

É importante salientar que as atividades propostas dentro da brinquedoteca, nesse caso comercial, precisam ir além do incentivo ao ato de brincar, oferecendo oportunidade de

desenvolvimento em várias áreas do ser inserido ali. Enfim, os questionamentos sobre os benefícios gerados ali e quais os parâmetros legais que amparam uma brinquedoteca, nesse ambiente, nos intrigou a buscar e aprofundar sobre essa temática, levando como referência a brinquedoteca do Istambul bar e restaurante. Várias questões estão em análise e esperamos publicar os resultados finais em breve.

REFERÊNCIAS

ABBri, **Associação Brasileira de Brinquedotecas**. Disponível em: <<http://www.brinquedoteca.org.br>>. Acesso: 07 de setembro de 2019.

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. Edições Loyola: São Paulo, Brasil, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.01, de 15 de maio de 2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU), Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de maio, 2006.

ECA. **Estatuto da criança e do adolescente**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso: 08 de setembro de 2019.

GIMENES, B. P. **Brinquedoteca: manual em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCELLINO, N. C. **Lúdico, Educação e Educação Física**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. – 230 p. (Coleção Educação).

SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEBRAE, **Associação Brasileira de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>>. Acesso: 08 de setembro de 2019.

CLASSE HOSPITALAR: perspectivas e limites da atuação do pedagogo

Amanda dos Santos Belizário[5]

A visão de atuação do pedagogo se expande, a escola deixa de ser o único espaço formal pensado para a atuação deste profissional. Surge assim um novo cenário para os discentes nos cursos de Pedagogia: Classes Hospitalares. Para Farfus (2012, p. 30) “Os muros escolares deixam de significar barreiras para que haja a ampliação da atuação do processo educacional em um contexto multidisciplinar, como também a ampliação das possibilidades para o pedagogo e profissionais da educação.”.

No ambiente hospitalar encontram-se muitas crianças, jovens e adultos matriculados na educação básica de ensino, que por motivos de internação hospitalar para tratamento de saúde, estão impedidos de frequentarem regularmente suas escolas de origem. Mesmo recebendo alta hospitalar, alguns alunos ficam em recuperação ou em tratamento de saúde em seus respectivos domicílios, impossibilitados assim, por recomendações médicas, de frequentarem suas instituições de ensino.

Desta forma, faz-se necessário criar mecanismos de inclusão desses alunos com necessidades educacionais especiais

5 Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás Câmpus Oeste São Luís de Montes Belos

no processo ensino-aprendizagem, para que possam iniciar ou dar continuidade em seus estudos, enquanto enfrentam tratamento de saúde, sem que os mesmos fiquem prejudicados de alguma forma. As classes hospitalares vêm como ferramenta a fim de propiciar essa inclusão, pois, possibilita o aluno/paciente a oportunidade de obter o atendimento pedagógico educacional dentro do ambiente hospitalar.

A educação inclusiva deve ser uma ação concomitante de todas as esferas da sociedade: política, cultural, social e pedagógica, a fim de garantir os direitos dos cidadãos. Desta forma, conseguiu promover uma equidade tanto no campo da saúde e educação. Branco (2008) apresenta a importância e a relevância das classes hospitalares neste contexto de saúde, doença, educação.

Se o soro na veia é a certeza da doença, o lápis na outra mão é o vínculo estabelecido com a vida, com o futuro, com a cura. Estudar pressupõe caminhar, construir, viver. Viver pressupõe vencer a doença. Neste contexto, professores tornam-se co-promotores do processo de cura, auxiliares em um movimento que procura impedir a alienação da criança. (BRANCO, 2008, p. 42).

Sendo objetivo deste trabalho refletir acerca das classes hospitalares, configura por apresentar as perspectivas e os limites de atuação do pedagogo em classe hospitalar. Para tal, este trabalho tem os seguintes objetivos específicos: historizar sobre a pedagogia hospitalar e as classes hospitalares; o efeito da hospitalização na perspectiva da criança e de sua família; compreender os aspectos da educação quando a criança se encontra hospitalizada; analisar aspectos da relação professor aluno no cenário classes hospitalares, bem como a importância da escuta pedagógica; formação e a identidade dos professores da classe hospitalar. A metodologia dessa pesquisa

foi de cunho bibliográfico, os principais autores que embasaram este trabalho são: Fonseca (1999a, 1999b, 2002, 2008, 2015), Fonseca e Ceccim (2001), porém ao longo da discussão serão citados outros que julgar-se necessário a este trabalho. O intuito é contribuir de forma (re) significativa e reflexiva na esfera educacional – social.

A CLASSE HOSPITALAR: uma compreensão histórica

Na contemporaneidade o campo educacional apresenta novas demandas socioeducativas, este fato possibilita um dinamismo maior no que se refere sobre área de atuação do professor. Matos e Mugliatti (2008) apontam duas possibilidades de trabalho educacional a ser desenvolvido no contexto hospitalar: classe hospitalar e hospitalização escolarizada.

De acordo com as autoras, a Classe Hospitalar refere-se ao trabalho diversificado, realizado em uma sala no hospital, destinado ao atendimento das crianças hospitalizadas, neste, são acolhidas todas as crianças que apresentam condições de realizar as atividades, sem que haja separação por idade ou ano escolar. Já a hospitalização escolarizada diz respeito ao atendimento individualizado oferecido a criança de acordo com suas necessidades, sendo que geralmente há uma orientação da escola sobre o trabalho a ser desenvolvido. Neste espaço são propostas ações que busquem além da aprendizagem, a interação das crianças, pois são realizadas atividades em grupos.

Conforme a pesquisa realizada por Vasconcelos (2006), a primeira intervenção escolar em hospitais teve seu início em 1935, quando o político francês Henri Sellier (Ministro da Saúde na França), fundou a primeira escola para crianças

inadaptadas^[6]. Esta escola tinha como proposta levar o atendimento hospitalar para as crianças dentro do ambiente escolar, ou seja, em um único ambiente (escola) a criança teria acesso garantido a educação bem como ao atendimento a sua enfermidade. Após esta iniciativa, Alemanha, França, Europa e Estados Unidos, instituíram o trabalho com crianças enfermas. Mas este trabalho era especificamente para o atendimento e tratamento de crianças com tuberculose, doença fatal à época. Assim a Pedagogia Hospitalar passa a se expandir em vários outros países.

A proposta de levar a escola ao hospital se inicia a partir da Segunda Guerra Mundial. A pedagogia hospitalar surge como uma forma de auxílio e superação para as crianças e adolescentes que enfrentavam as implicações acometidas pela guerra. Visto o novo cenário emergente da sociedade, se fez necessário pensar em uma solução pois, crianças/adolescentes que frequentavam o ensino regular, devido ao cenário de guerra acabaram sofrendo consequências físicas e psicológicas fazendo necessário sua permanência no ambiente hospitalar, o que consequentemente acabava impossibilitando-as de prosseguir com seus estudos.

A Segunda Guerra Mundial representou o marco decisivo de atividades educacionais em hospital devido à quantidade expressiva de crianças e adolescentes sequeladas e impossibilitadas de ir à escola, que sensibilizou, sobretudo os médicos em defesa da pedagogia hospitalar. Mas, sem dúvida, foi no seio do voluntariado,

6 O termo “crianças inadaptadas” utilizada na França assim como em outros países é atual, refere-se à criança com algum tipo de imperfeição física ou psicológica, um tipo de deficiência. Apesar de se lutar tanto por uma inclusão social o termo aqui utilizado de uma forma estigmatizante, será utilizado apenas conforme a menção aos autores citados que se utilizam dela.

sobretudo religioso, que essa escola ganhou espaço na sociedade, sendo difundido por toda a Europa (VAS-CONCELOS, 2006, p. 15).

Segundo Paula (2004) por intermédio desses novos avanços no que se diz respeito nos âmbitos da complementação entre educação e saúde, rompe-se o paradigma que o ser humano em estado de doença é incapaz, pois o mesmo passa a ser tratado não apenas como um paciente, mas sim como ser ativo no seu processo de cura e desenvolvimento. A pedagogia hospitalar é o caminho não só para a garantia dos direitos sociais, mas também um espaço que possibilita um ambiente tanto para ação como também reflexão.

Ainda na década de cinquenta, surgiu a primeira classe hospitalar em São Paulo no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Estes primeiros atendimentos pedagógicos hospitalares não dispunham de uma sala ou espaço específico, era realizado na própria enfermaria do Hospital. Em sua pesquisa Fonseca (1999b) levantou o número de classes hospitalares brasileiras implantadas e em funcionamento durante o período de 1950 à 1997.

Quadro 1– Implantação de classes hospitalares no Brasil de 1950 à 1997

Ano	Número de Classes Hospitalares
Até 1950	1
1951-1960	1
1961-1970	1

Ano	Número de Classes Hospitalares
1971-1980	1
1981-1990	8
1991-1998	9
Sem referência	9
Total	30

Fonte: Fonseca (1999b, p. 9).

Apenas no ano de 1981 que ocorre uma ampliação do número de classes hospitalares implantadas no Brasil e em pleno funcionamento.

[...] o crescimento do número de classes hospitalares coincide com o redimensionamento do discurso social sobre a infância e à adolescência, que culminou com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e seus desdobramentos posteriores. (FONSECA, 1999b, p. 10).

Conforme dados da terceira versão de uma pesquisa inédita realizada em 1997 (FONSECA, 1999) e atualizada durante o 1º Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar, realizado de 19 a 21 de Julho de 2000 no Rio de Janeiro (FONSECA & CECCIM, 2001), no Brasil existem 74 hospitais com atendimento escolar. Onze deles são hospitais infantis. Em sua maioria são hospitais públicos, mas há classes hospitalares em sete hospitais filantrópicos e outra em hospital particular. Em 13 Estados brasileiros e no Distrito Federal há atividades

pedagógicas sendo desenvolvidas por intermédio das classes hospitalares.

Conforme o levantamento iniciado em 1997 e atualizado em dezembro de 2015 pela professora doutora Eneida Simões da Fonseca, O Brasil apresentava 161 instituições hospitalares com atendimento educacional sendo distribuídas da seguinte forma: A **Região Norte** (10 instituições hospitalares com atendimento educacional), **Região Nordeste** (27 instituições hospitalares com atendimento educacional), **Região Centro-Oeste** (26 instituições hospitalares com atendimento educacional), **Região Sudeste** (69 instituições hospitalares com atendimento educacional) e a **Região Sul** (29 instituições hospitalares com atendimento educacional). Este número é consideravelmente mínimo em relação às 6.750 instituições hospitalares no país.

A CLASSE HOSPITALAR: uma compreensão humanizadora

A hospitalização é um momento delicado na vida de qualquer pessoa, visto que a hospitalização requer, do paciente, adaptações comportamentais em tempo nem sempre suficiente para os ajustes emocionais e cognitivos a que os esquemas e crenças subjacentes podem proceder (Beck, 1976).

O estado emocional da criança quando hospitalizada fica visivelmente mais fragilizada e sensibilizada, decorrentes das mudanças em sua rotina. Pois, as mesmas são destituídas de suas roupas e brinquedos, deixa o conforto de seu lar, sua família, seus amigos e de sua rotina escolar e passam a viver em um ambiente novo, fora de sua realidade. Por muitas vezes, o ambiente hospitalar é um local aterrorizante para a criança, sendo que neste local não há nada com que possa se identificar, fazendo associações com suas experiências anteriores

assim, somando-se o fato da sua debilitação física e emocional, o que torna a situação ainda mais complexa (OLIVEIRA; DIAS e ROAZZI, 2003).

Conforme Gomes e Erdmann (2005) as reações das crianças frente à hospitalização dependem essencialmente de cinco fatores, sendo eles: 1) o estágio evolutivo da criança; 2) o grau de sofrimento e mutilação e o significado que a doença tem para a criança e seus pais; 3) a relação pai e filho e a resposta da criança à reação dos pais; 4) a reação psicológica da criança aos procedimentos médicos e cirúrgicos, separações e hospitalizações e 5) a interferência da hospitalização em suas funções físicas, psicológicas e sociais. O estado de saúde em que o paciente se encontra não afeta somente o corpo, o emocional também fica fragilizado.

No hospital predominam os comportamentos de repressão de sentimentos na criança onde ela não pode expressar suas emoções; neste local, é comum encontrar médicos, enfermeiros, pais e acompanhantes as expressões “você é corajosa”, “é só uma picadinha e pronto “ , “menino não chora”, “vamos tomar a injeção bem quietinha para ir logo para casa”, “ele é forte, não chora”, “ela é boazinha”. É comum também, quando a criança expressa sua raiva com “nomes feios” ou comportamento agressivo, as pessoas presentes ignorarem estes comportamentos, não validando sua expressão. (SOUZA; CAMARGO e BULGAVOV, 2003, p. 103).

Esses comportamentos que a criança exprime é apenas a forma que encontrou de expressar sua emoção, estes apelos não devem ser reprimidos, mas sim ouvidos, por intermédio de uma escuta sensível. A criança hospitalizada reage à situação de acordo com a idade, personalidade e os hábitos

familiares. De acordo com estudos em psicologia pediátrica, as repercussões adversas da hospitalização à criança incluem: (a) regressões de comportamento; (b) alterações do humor e de comportamento social; (c) expressão de medos; (d) transtornos do sono; (e) transtornos alimentares; e (f) agressividade (CREPALDI, RABUSKE e GABARRA, 2006).

A hospitalização da criança gera de modo consequente um impacto emocional em sua família, pois a mesma não está preparada para lidar com o medo da morte, as angústias e a sensação de impotência, por não poder fazer nada. A família apresenta, a exemplo de seus filhos, a necessidade de também ser atendida e cuidada.

Conforme Angerami (2003) os pais, assim como a criança passam por diferentes estágios. No primeiro momento ocorre o choque e a descrença, ou seja, a negação da realidade; em seguida vem a raiva e o ressentimento, depois aparece a culpa por condutas ou sentimentos em relação ao paciente, e esta, dá lugar à tristeza e depressão, para no final se chegar à aceitação.

Os efeitos da doença estão interligados aos efeitos da hospitalização, pois assim que a criança adoece e vai para o hospital em busca de ajuda, a família mostra-se temerosa e reage de maneira ambígua. Deseja saber o que o filho tem, pois alega que conhecendo a doença poderá fornecer-lhe assistência mais adequada; mas por outro lado, nega a doença em si mesma e a necessidade de internação, por ter dificuldade de enfrentar a realidade que se antevê. (CREPALDI, 1998, p. 84-85).

As repercussões mais comuns aos pais incluem: (a) manifestações de ansiedade; (b) depressão; (c) confusão mental; (d) alterações do ciclo sono-vigília; (e) transtornos alimentares; e

(f) pensamentos repetitivos e intrusivos (QUILES e CARRILLO, 2000).

A participação familiar no contexto hospitalar é de suma relevância, pois “quando a família está próxima ao doente, esta pode desempenhar um papel estimulador, incentivando-o em suas conquistas, animando-o a prosseguir”. (GIL, 2006, p. 19). Visto que os pais e a família são o referencial da criança, ou seja, elementos representativos básicos no desenvolvimento infantil.

A CLASSE HOSPITALAR: uma compreensão pedagógica

Em conjunto com a família a escola exerce um papel significativo na formação da identidade pessoal e social da criança, pois, em seu ambiente, nas interações sociais, as crianças desenvolvem habilidades cognitivas e sociais necessárias à formação e construção de seu conhecimento.

A classe hospitalar oferece à criança a vivência escolar, porém em outro ambiente. O comprometimento da saúde não impede o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo, inclusive se faz necessário desmistificar a ideia de que saúde é a ausência de doença, sendo que saúde vai muito além, é um conjunto de práticas envolvidas que proporcionam uma melhor qualidade de vida (ORTIZ e FREITAS, 2005).

De acordo com Matos (2010, p. 47), “A presença do professor neste momento de fragilidade retoma na criança a confiança automaticamente; como num passe de mágica a autoestima é recuperada e surge um estímulo vital que inibe a dor e a tristeza”, isto faz com que a presença do professor seja vista como mais um profissional a contribuir de forma positiva no tratamento da criança hospitalizada.

O professor é o mediador tanto na relação ensino-aprendizagem, como também no elo mediador que o aluno/paciente tem entre o ambiente escolar e o ambiente hospitalar. Se assemelhando com a prática escolar o educador tem que ter consciência da individualidade, interesse e limitações de cada aluno. No âmbito hospitalar o professor terá ainda mais uma característica a se agregar neste fato – motivação-, pois muitas vezes devido à realidade em que se encontra o aluno/paciente não tem mais a motivação em estudar, este desejo fica adormecido perante as dificuldades que a doença implica em sua vida. Muitas vezes o aluno/paciente não possui condições físicas e psicológicas para estudar.

É imprescindível enxergar o aluno em sua totalidade não apenas na situação doença, mas ouvi-lo de forma integral: seus medos, desejos, angustias, expectativas, ter um olhar mais humanizado acerca dos seus sentimentos do aluno/paciente. Daí a importância de o educador possuir segundo Ceccim (1988) a Escuta Pedagógica.

O termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras, as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e postura. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, [mais do que isso] busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade. (CECCIM, 1988, p. 31)

O papel da escuta pedagógica aparece como a oportunidade tanto da criança como seu familiar se expressar verbalmente,

trocar informações dentro de um diálogo contínuo e humanizado. Nesta concepção, o fazer pedagógico pode ser entendido como instrumento de suavização tanto dos efeitos traumáticos como o impacto que o processo de hospitalização pode causar na vida as crianças, principalmente no que tange o afastamento escolar, possibilitando assim que as crianças internadas (re) significar a compreensão do espaço hospitalar, da própria criança, da sua doença e as relações nesta nova situação.

É indispensável conhecer, estudar e discutir o papel do professor na classe hospitalar. Fonseca (1999a) evidencia que.

O atendimento de classe hospitalar precisa ser estudado e discutido mais profundamente, dentro e fora de seu grupo profissional imediato, para que o papel e propostas do professor diante das crianças com diversas idades, habilidades e necessidades sejam mais efetivamente implementados (FONSECA, 1999a, p.13).

Ser professora no ambiente hospitalar é ter que lidar de forma direta com as emoções, diferindo do espaço escolar regular, a professora hospitalar tem a consciência que a qualquer momento seus alunos podem receberem alta e voltarem a sua rotina habituada ou infelizmente podem virem a óbito. Esses dois extremos acabam ampliando as emoções e afetos de forma a transparecer com mais intensidade mediante a relação existente entre o professor-aluno.

Melnik e Kácia (2015, p. 36-37) ressaltam que “O pedagogo hospitalar precisa ter um equilíbrio emocional para manter a integridade da sua saúde física e emocional, uma vez que seu trabalho pode ser desenvolvido nos mais diversos setores”. O professor da classe hospitalar precisa ter o conhecimento em relação ao sofrimento, angústia, à morte. Construindo assim a partir desses aspectos sua capacidade de resiliência.

A CLASSE HOSPITALAR: uma compreensão formativa

Fonseca (2008) ressalta que o pedagogo hospitalar necessita de formação específica para atender a todas as exigências encontradas no seu campo de atuação, sendo um dos grandes diferenciais, as informações sobre doenças e tratamentos e o controle emocional. Elaborar uma aula para diversos alunos, com variadas doenças, idades, sendo assistida conjuntamente com os seus acompanhantes e tendo que lidar com os mais diversos imprevistos pode dificultar muito o processo de ensino/aprendizagem do aluno.

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso, não lhe deve faltar, além de sólido conhecimento das especialidades da área de educação, noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, e sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (mesmo os emocionais) delas decorrentes, tanto para as crianças como também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital. (FONSECA, 2008, p. 29)

Sendo assim, é necessário que este profissional construa e reúna ao longo de sua carreira diversas habilidades e competências bem como metodologias, estratégias, conteúdos, recursos acerca do conteúdo, além de haver conhecimento sobre o quadro clínico que seus alunos/pacientes se encontram, mas é imprescindível que haja também um preparo emocional por parte deste profissional. Deste modo é possível de uma forma positiva contribuir na recuperação do aluno hospitalizado.

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade

de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. (MATOS, 2010, p. 46)

Os professores atuantes em classes hospitalares devem possuir também os pressupostos estabelecidos pelo Ministério da Educação.

O professor que irá atuar em classe hospitalar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didáticos pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso (BRASIL, 2002, p.22).

A formação destes profissionais, portanto deve transcender a área pedagógica e especificamente escolar e abranger todo o processo de humanização, abordando questões relacionadas ao adoecimento, doenças, sofrimento, morte e luto. Já que, essas situações não estão constantemente presentes no ambiente escolar. O contato com o hospital, doenças, dor, angústia e morte,

provoca uma gama enorme de emoções que são muitas vezes desconhecidas pelas professoras que ali se encontram.

[...] a questão da formação desse profissional constitui-se num desafio aos cursos de Pedagogia, uma vez que as mudanças sociais aceleradas estão a exigir uma premente e avançada abertura de seus parâmetros, com vistas a oferecer os necessários fundamentos teórico-práticos, para o alcance de atendimentos diferenciados emergentes no cenário educacional. (MATOS; MUGIATTI, 2008, p. 15).

Segundo Fonseca (2002), as formações dos professores que atuam nas classes hospitalares variam. Alguns apresentam graduação em outras áreas que não na educação; a maioria apresenta graduação em Pedagogia ou cursos de pós-graduação em nível de especialização até pós-doutoramento em Educação ou em outras áreas do conhecimento.

O ideal seria que todos os professores de classe hospitalar fossem especialistas na área em questão, e possuir um primeiro contato com essa realidade ainda na graduação. Infelizmente, tal anseio não faz parte da realidade. Algumas licenciaturas, bem como, os cursos de pedagogia, não contemplam a temática classe hospitalar enquanto disciplina específica em suas grades curriculares. Tal fato podem ser o motivo pela qual o tema classe hospitalar é pouco pesquisada, discutida e difundida, entre professores e demais profissionais da área da educação e saúde.

Para Barros (2007), a capacitação de pedagogos e professores para o trabalho em classes hospitalares parte de um princípio multidisciplinar do campo do conhecimento, onde as práticas e os conhecimentos para a formação qualificada destes profissionais, servindo como contribuição no processo ensino/aprendizagem.

Observa-se que a falta de um treinamento mais consistente que prepara esses professores para o ingresso na realidade hospitalar – esclarecendo suas rotinas, dinâmicas de funcionamentos e especificidades dos quadros de adoecimento das crianças – é um fator que concorre negativamente para a permanência ou desempenho satisfatório desses professores. [...] A formação profissional para professores e pedagogos das classes hospitalares requer o reconhecimento e a afirmação de um campo do saber essencialmente multiepistêmico (BARROS, 2007, p. 264)

A formação de profissionais da Educação em diferentes níveis e modalidades de ensino, em especial na Classe Hospitalar deve ter como fundamento a teoria e prática considerando a capacitação em serviço. Entendemos que esta capacitação se estenda à formação continuada, porque os cursos de licenciaturas não oferecem a disciplina “Pedagogia Hospitalar”. Caiado (2003) entende que as universidades podem e devem contribuir para a formação de professores de classe hospitalar tanto na dimensão da pesquisa como “No ensino da graduação, a classe hospitalar, como uma modalidade de atendimento educacional, deve compor conteúdo das disciplinas e ser espaço considerado nas práticas de ensino nos cursos de Pedagogia e conteúdo dos cursos da área de saúde.” (CAIADO, 2003, p. 77). Portanto, é um desafio para as instituições de ensino superior, viabilizar uma formação profissional capaz de capacitar seus discentes a realidade do Atendimento Pedagógico Hospitalar/ Domiciliar, para uma atuação que garanta, de fato, uma educação de qualidade aos/às educandos/as em condições especiais de saúde.

A formação continuada, a pesquisa, capacita o pedagogo para uma prática pedagógica transformadora tanto no tange o

espaço escolar como não-escolar. A integração entre as instituições de licenciatura do ensino superior juntamente com os hospitais por intermédio dos programas de estágio ou de ações extensionistas se torna uma importante ferramenta para a potencialização da formação prática dos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES

Apesar dos ambientes escolares e hospitalares possuírem algumas características e objetivos em comum, cada um possui sua singularidade. No ambiente hospitalar o dinamismo, flexibilidade, resiliência e improvisação do professor são uma característica de suma importância já que o mesmo tem que lidar com diferentes fatores reunidos em um único ambiente. Pensar no acompanhamento educacional dentro do ambiente hospitalar envolve a cooperação de dois setores bastante fragilizados do país: saúde e a educação.

Com esse pano de fundo, percebe-se a importância do pedagogo inserido no ambiente hospitalar. O seu trabalho possibilita à criança e/ou adolescente a estimulação cognitiva. A partir dessa estimulação cognitiva surge consequentemente a motivação, começa a despertar-se sentimentos, criatividade e autoconfiança. Nas discussões apresentadas no decorrer deste trabalho houve uma busca a fim de perceber e entender as perspectivas e os limites da atuação do pedagogo no contexto hospitalar.

Deve-se buscar elementos que contribuem para o estabelecimento da Classe Hospitalar, na perspectiva de uma política pública inclusiva, de fato. Mediante a realização deste trabalho, é possível afirmar que não foi explorado e muito menos eliminada as inquietações/tensões que envolvem a temática classe hospitalar. Destarte, ousa-se dizer que houve avanço em

direção a uma perspectiva de contribuir para novas discussões, novos trabalhos que possam abordar e explorar essa especificidade de ensino – as classes hospitalares.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **E a psicologia entrou no hospital**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BARROS. Alessandra Santana. **Contribuições da Educação Profissional em Saúde à Formação para o Trabalho em Classes Hospitalares**. Caderno CEDES. Campinas, vol. 27, n. 73, p. 249-368, set./dez.2007.

BECK. Aaron Temkin. **Terapia cognitiva e distúrbios emocionais**. Boston: International University Press; 1976.

BRANCO, Rita Francis Gonzalez y Rodrigues. **Capacitação de professores de Classe Hospitalar em relação professor-aluno/paciente na perspectiva balintiana**. 2008. 180 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. – Brasília; MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 15 janeiro 2020.

CAIADO, Kátia Regina Moreno. **O Trabalho Pedagógico no Ambiente Hospitalar: um espaço em construção**. São Paulo: Avercamp, 2003.

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizados**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 27-41, 1988.

CREPALDI, Maria Aparecida, RABUSKE, Michelli Morroni, & GABARRA, Leticia Macedo. **Modalidades de atuação do psicólogo em psicologia pediátrica**. Temas em psicologia pediátrica (pp. 13-55). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CREPALDI, Maria Aparecida. **Famílias de crianças hospitalizadas: os efeitos da doença e da internação**. Ver. Cienc. Saúde, Florianópolis, v.14, n.1 Jan/Jun. 1998. Disponível em: <http://www.labsfac.ufsc.br/documentos/familiascriancashospitalizadas.pdf>. Acesso em: 31 de Agosto de 2019.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FONSECA, Eneida Simões; CECCIM, Ricardo Burg. **Classes Hospitalares: onde, quantas e por quê?** In Anais do 1º Encontro Nacional sobre atendimento escolar hospitalar. P.15-18. Rio de Janeiro: Gráfica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

FONSECA, Eneida Simões . **Classe hospitalar: resposta sistemática na atenção às necessidades pedagógico educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados**. Temas sobre Desenvolvimento, São Paulo, v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999a.

_____. **A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, 1999b.

_____. **Da classe à Pedagogia Hospitalar: a educação para além da escolarização**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 9. N1, p. 72-92, jan/jun 2015.

_____. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Editora Memnon, 2008.

_____. **Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas**. Revista Brasileira de Educação Especial. Volume 8, número 2. Marília jul-dez 2002. p. 205-222. Unesp – Publicações.

GIL, Antônio Carlos. **Funções psíquicas, suas alterações e a dinâmica do sujeito em processo de hospitalização**. Palhoça, 2006. Disponível em: <http://inf.unisul.br/~psicologia/wpcontent/uploads/2008/07/alinecostagil.pdf> Acesso em: 05 jun 2019.

GOMES Giovana Calcagno, ERDMANN Alacoque Lorenzini. **O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização**. Rev Gaúcha Enferm 2005 jan/abr; 26 (1): 20-30.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis– RJ: Vozes, 2008.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização Hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MELNIK, Mariana Xavier; KACIA de Carol. **Conta pra mim: historias que acolhem e que ajudam a curar**. As histórias e a ludicidade na pedagogia hospitalar. Curitiba Paraná: Appris, 2015. p.162.

OLIVEIRA, Sâmla Soraya Gomes de; DIAS, Maria da Graça B. B.; ROAZZI, Antonio. **O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n1/16794.pdf> > . Acesso em: Janeiro de 2020.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005, 110p.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. **A educação como proteção integral para criança e adolescentes hospitalizados**. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. Anais... Coimbra: Faculdade de Economia da UC, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004>. Acesso em: 05 Janeiro 2020.

QUILES, Juan Manuel Ortigosa & CARRILLO, Francisco Xavier Mendez. **Hospitalización infantil**. Repercusiones psicológicas. Teoría y práctica. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

SOUZA, Simone Vieira; CAMARGO, Denise de; BULGACOV, Yara Lúcia M. **Expressão da Emoção Por Meio do Desenho de uma Criança Hospitalizada**. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 8, n. 1, p. 101– 109, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000100013&lang=pt>. Acesso em: Janeiro de 2020.

VASCONCELOS, Sandra Maria Farias **Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas**: a formação alternativa re-socializadora. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/> Acesso em: 19 de Dezembro de 2019.

O PEDAGOGO ATUANTE EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: uma necessidade humana

Amanda Pereira Lima^[7]

Karinny Santos de Oliveira^[8]

Sarah Arantes da Silva^[9]

O objeto de estudo desse artigo é a atuação do pedagogo nos espaços não-escolares, tendo como objetivo mostrar a identidade do pedagogo em diferentes espaços e como é importante sua atuação nesses locais, como por exemplo, num Cemitério. A educação escolar tem sido o campo no qual os pedagogos tem mais se atuado, pelo fato da formação inicial centrar-se na docência e de certo modo, haver tímido debate sobre sua atuação em espaços não-escolares.

O estudo foi provocado pelo trabalho realizado na disciplina *Pedagogia em espaços não-escolares*, ministrada pela professora Andrea Kochhann, a qual orientou e acompanhou a construção desse artigo. As leituras e discussões realizadas

7 Pedagoga do curso de pedagogia da UEG Câmpos Oeste São Luis de Montes Belos. E-mail: amandinha_25_apl@hotmail.com

8 Pedagoga do curso de pedagogia da UEG Câmpos Oeste São Luis de Montes Belos. E-mail: karinnysantos.kah@gmail.com

9 Pedagoga do curso de pedagogia da UEG Câmpos Oeste São Luis de Montes Belos. E-mail: sarahkalee@hotmail.com

ao longo da disciplina possibilitaram compreender melhor a questão da atuação do pedagogo em diferentes espaços, quer dizer, em espaços não-escolares. Os grupos de trabalho tiveram liberdade para escolher o local onde a observação seria realizada com vistas à construção da pesquisa para elaboração do artigo.

O estudo se consolidou por uma prática pedagógica realizada no *Cemitério* da cidade de Aurilândia – GO, com intuito de pensar como pode ser o trabalho pedagógico nesse espaço considerando as necessidades, possibilidades e limites do local. A intenção inicial era como pensar como o trabalho pedagógico pode contribuir na melhoria da qualidade dos serviços e atendimento do local pesquisado.

Inicialmente pensou-se que seria uma atividade muito complicada pelo motivo de termos estudado muito pouco sobre o assunto. Outra dificuldade foi a questão de como seria a observação em si, o que seria priorizado em nossa pesquisa. A pesquisa tem o compromisso de mostrar a importância do trabalho do pedagogo em diversos espaços, salientando assim a importância desta profissão.

Nessa perspectiva, a pesquisa se desenvolveu, num primeiro momento, utilizando três referências, Iria Brzezinski (2011), Graciani (2014) e Vieira (2006), autoras que contribuíram significativamente no presente trabalho. A pesquisa foi importante para ampliar nossa compreensão sobre o tema, normalmente pouco discutido no âmbito de formação inicial do pedagogo, apesar de sua relevância. Espera-se que o presente trabalho contribua, de algum modo, com o debate sobre a questão da atuação do pedagogo em espaços não-escolares.

O PEDAGOGO ATUANTE EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: aproximações teóricas

A identidade do pedagogo é um tema muito discutido nas aulas da disciplina *Pedagogia em espaços não-escolares*, do curso de pedagogia e esse debate trouxe ao nosso conhecimento aspectos legais, teóricos e práticos relevantes para compreender melhor a questão. A resolução CNE/CP n. 01/2006 anuncia garantias em relação a estrutura de como deve ser a formação do pedagogo, bem como, a construção da sua identidade profissional. É relevante mencionar que antes desta resolução o pedagogo era visto como prioritariamente como um profissional formado para ministrar aulas.

Conforme o 2º Art. da resolução o sujeito não é preparado apenas para ser professor, mas também gestor e pesquisador, preparado para a docência ampliada ou alargada. Em relação à docência ampliada, Aguiar et al (2016, p. 9) argumenta que “A docência [...] não é entendida no sentido restrito do ato de ministrar aulas, o sentido da docência é ampliado, uma vez que se articula a ideia de trabalho pedagógico, a ser desenvolvidos em espaços escolares e não-escolares”. Em relação à docência alargada Vieira (2011, p. 131) mostra que “A concepção de docência proposta como base da formação supõe um modo particular de apreensão, configurando-se como conceito alargado, que vai além da relação ensino-aprendizagem, em situações formais ou não”. Essa docência ampliada ou alargada também pode ser denominada por *Unitas Multiplex*, segundo Brzezinski (2011). O termo *Unitas Multipex*, está voltado para um conhecimento de diversas áreas e em diferentes espaços não-escolares, permitindo ao pedagogo ter um campo maior de atuação, enquanto professor, pesquisador e gestor, entre outros.

O delineamento de uma identidade do pedagogo que tem ancoragem na concepção de educação que ultrapassa os muros escolares, conforme os princípios da LDB/1996 (art. 2º) fica assim esboçado: o pedagogo é profissional docente-pesquisador-gestor, cuja atuação se efetiva na escola e em campos não-escolares (BRZEZINSKI, 2011, p. 210).

A formação do pedagogo contribui para que o mesmo tenha um olhar ou uma compreensão sobre as coisas capaz de humanizar os mais variados espaços por meio de projetos desenvolvidos tanto no meio escolar quanto fora dele, contribuindo para a melhoria do serviço ali ofertado.

O pedagogo pode atuar em espaços escolares e não-escolares, quer dizer, ele pode trabalhar em Empresas, Presídios, Hospitais, Espaços Assistenciais, Cemitérios, Igrejas e em muitos outros espaços. Essa discussão é incomum no contexto da formação inicial de professores e, consequentemente no contexto social em geral, pois o pedagogo, na maioria das vezes, é visto como alguém que ministra aulas na educação básica nas redes pública ou privada de ensino. Pensemos então que esta discussão aponta o currículo da graduação em Pedagogia, no currículo pode ou não prever a formação que favoreça essa atuação em espaços não-escolares, mas é certo que uma formação sólida assegura as condições necessárias para atuação desse profissional em diferentes espaços, pois a formação sólida capacita-o a pensar seu contexto de atuação e também o trabalho que ele realiza. É ingênuo pensar que a formação inicial assegura a aprendizagem de tudo que um professor precisa conhecer teoricamente, assim, reconhecemos a importância da formação continuada nesse processo de constituição da formação e identidade do pedagogo.

Mediante a atuação do pedagogo em espaços não-escolares pode-se pensar qual é o papel do pedagogo nesses espaços? Pela pesquisa realizada é possível afirmar que o pedagogo tem um olhar amplo sobre a formação humana, quer dizer, sobre as necessidades que cada espaço pode ter no que refere a melhoria. Nesse sentido, é de suma importância, salientar que a melhoria deve ser considerada sempre em duas direções interdependentes: a dos usuários do local e a do proprietário do local. A pesquisa mostrou que o pedagogo deve ter um olhar para além do que é aparente em determinado local. No ambiente em que realizamos o projeto, um *Cemitério*, nosso olhar foi além do local, além do aparente. Não consideramos somente as pessoas que utilizam os serviços, mas sim desde o jardineiro, os visitantes, o coveiro, o proprietário, entre outros. À medida que avançamos na realização dos estudos e da observação em si, vimos que pensar o local em si, não seria um olhar pedagógico. Tudo naquele espaço tem potencial formativo, por assim dizer, mas é preciso reconhecer esse potencial, pensar sobre ele e, partir daí construir novas possibilidades de realização em amplo sentido.

[...] o educador social é um pesquisador, um investigador que estuda, propõe, organiza, percebe, intervém e testa constantemente o seu referencial teórico com sensibilidade política, articulação social e participação comprometida, objetivando a desafiar o educando a aprender, pensar, a elaborar e criar conhecimentos, resgatando a sua confiança [...] (GRACIANI, 2014, p. 25).

O trabalho realizado pelo pedagogo faz com que aconteça primeiramente uma investigação do lugar escolhido para atuação. Para fundamentar essa pesquisa foi utilizada necessária fundamentação teórica, relacionada ao tema investigado,

para que pudéssemos pensar um projeto de conhecimento do local com vistas a uma proposta de intervenção, a título de sugestão.

A prática pedagógica, como fonte de conhecimento, fortalece a formação continuada dos educadores sociais quando se constituem em ação reflexiva, acrescida da visão problematizadora que requer acúmulo de conhecimentos, transformação de si próprio e daqueles que estão sob sua responsabilidade como uma atividade consciente e transformadora [...] (GRACIANI, 2014, p. 29).

A área de atuação do pedagogo é ampla, ele é apto mediante a sua formação para trabalhar em outros espaços além da sala de aula. Essa prática pedagógica requer conhecimento teórico, reflexão sobre a prática e, sobretudo a compreensão da indissociabilidade teoria e prática. Assim, trabalhar com formação de pessoas, requer uma visão problematizadora por meio de conhecimentos adquiridos no decorrer da formação. Quando se fala de conhecimento logo vem a nossa cabeça, que ele não está pronto e acabado, por isto é necessário diversas fontes de pesquisa para que aconteça uma formação sólida, consciente e transformadora.

O educador social deve, pois, criar condições desejáveis para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e sociais, tanto do ponto de vista pessoal quanto do de grupos humanos. As ferramentas indispensáveis para essa construção perpassam a apropriação de conhecimentos de diferentes dimensões do saber, a utilização da experiência de sua prática social educativa, as investigações que estuda e as pesquisas que executa [...] (GRACIANI, 2014, p. 29).

O desenvolvimento de projeto, seja em espaço escolar ou não-escolar requer pesquisas, leituras, reflexão, pois tem a ver com a construção do conhecimento, com a vivência de experiências que poderão ser fonte de reflexões e mudanças que contribuam para a melhoria do serviço prestado em determinado local. Esta construção não se dá isoladamente, pelo contrário, é construída de forma coletiva por meio da colaboração de outras pessoas.

O PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma discussão a partir dos dados observados

A professora Andrea Kochhann propôs a turma do 8º período de Pedagogia, que fizéssemos um projeto com o objetivo de pensarmos a atuação do pedagogo em espaços não-escolares, sendo a escolha do espaço a critério dos grupos de trabalho. A atividade significou um desafio provocador no sentido de possibilitar a reflexão sobre nossa futura profissão de um modo geral e a atuação em espaços não-escolares mais especificamente.

Neste contexto, nos organizamos em trios para a realização da atividade. Nosso trio escolheu pensar a atuação do pedagogo no Cemitério de Aurilândia-GO. De posse da documentação necessária para iniciar o diálogo com os proprietários, demos início a execução do projeto. Foram disponibilizados dois horários de aula por período para organização, planejamento e execução do projeto e elaboração do artigo sobre a pesquisa realizada.

No dia 18 de setembro de 2019, às 15:00 estivemos na Prefeitura da cidade para conversarmos com o responsável pelo espaço e para organizar nossa ida ao local onde realizaríamos a observação. Conversamos com o responsável que assinou a

documentação e no mesmo dia às 18:20 realizamos a primeira observação no Cemitério. Devido ao Cemitério ficar situado num local mais isolado da cidade, ficamos um pouco temerosas para organizar horários para fazer as visitas. Desta forma, visitamos outros cemitérios de cidades vizinhas podendo, como por exemplo o de Cachoeira de Goiás, mas mantivemos o primeiro local como fonte da pesquisa.

Foi observada a organização do local, a forma como o coveiro trabalha, inclusive cuidando do local como um todo. Procuramos observar tudo que nos inquietou, como: o defunto, os familiares, a população e o coveiro. Vimos que o Cemitério não oferece as mínimas condições de higiene a nenhum ao sujeitos, que por algum motivo precisam ir a este local, inclusive o coveiro que lá trabalha. É constrangedor, para não dizer desumano, o que ocorre naquele espaço. Como futuras pedagogas fomos impactadas por uma dura e triste realidade, uma realidade marcada pela precariedade e condições insalubres. Não há sanitário no local, nem para uso do funcionário, o coveiro, nem para visitantes. É visível o descaso em relação a este funcionário que fica longos períodos num local desprovido de mínimas condições para que possa realizar minimamente sua higienização. Quanto a este problema, amenizar a situação seria necessário um local que contivesse por exemplo: banheiro para funcionários e para visitantes, um local específico para guardar objetos, ferramentas utilizadas para a realização do trabalho diário no Cemitério, disponibilizar pelo menos dois bebedouros de água, vasilhames para coleta de lixo. Observamos que no local não há um espaço para, uma sala ou salão, caso uma família tenha que aguardar, por algum motivo ali. A imagem 1 mostra que o local não oferece as condições mínimas de cuidado e higiene para os visitantes e muito mesmo para o coveiro realizar seu trabalho.

Imagem n. 1 – Dia dos Finados



Fonte: As pesquisadoras (2019)

No espaço de fora do Cemitério seria muito importante ter um banheiro para atender os visitantes do local, principalmente no dia dos Finados, quando há um fluxo significativo de pessoas no local. A precariedade do Cemitério causa constrangimento nos visitantes, pelo fato de não ter espaço para esperar enquanto outras pessoas visitam, sendo que é impossível transitar no local com muita aglomeração de pessoas, pois os túmulos são muito próximos uns dos outros.

Para transitar no Cemitério é necessário passar sobre os túmulos, inclusive, dá para perceber que o espaço que seria destinado a este trânsito foi utilizado para enterrar pessoas. É triste essa situação. Outra questão relacionada a organização e identificação dos túmulos, se não o coveiro não estiver no local raramente as pessoas conseguem localizar o túmulo do ente querido. Quanto a estes problemas, pensamos que um mapa de túmulos facilitaria em muito a identificação e localização dos mesmos.

Imagem n. 2 – Movimentação dos visitantes.



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Impactadas pela dura realidade do Cemitério objeto de nossa pesquisa, procuramos manter o olhar, o pensamento crítico em relação ao que vimos e ao que poderia ser a partir de ações relativamente pequenas e simples. Assim, passamos a dedicar parte do nosso tempo para pensar em um projeto, ou pelo menos algumas sugestões que pudessem contribuir com a organização daquele lugar de modo a assegurar as condições necessárias para que os visitantes tenham como localizar os túmulos de seu ente queridos com mais facilidade e segurança. Essa melhora geral, certamente tem a ver com uma questão maior, com a dignidade humana, coma a necessidade de ser respeitado em seu direito de enterrar e de visitar seus familiares e/ou amigos sem que a degeneração do local seja motivo de tristeza. Um cemitério precisa ser bem cuidado, deve expressar um zelo, pois ali estão enterradas pessoas que importantes na vida de seus familiares.

Imagem n.3 – Familiares higienizando o local



Fonte: As pesquisadoras (2019).

As observações feitas, os dados coletados mostraram que tínhamos um desafio pela frente, um desafio de pensar alternativas de tornar aquele lugar num ambiente mais humanizado. Nosso olhar vislumbrava uma mudança significativa para o Cemitério objeto de nossa pesquisa. Ali caberia mudanças do portão de entrada ao portão de saída, algo que mudaria o local como um todo.

Imagem n.4 – Entrada do Cemitério



Fonte: As pesquisadoras (2019)

O trabalho do pedagogo em espaços não-escolares não se restringe meramente a fazer críticas a determinado espaço, mas sim conhecer o espaço, as relações efetivadas ali, de modo a apontar sugestões para melhoria naquele ambiente de trabalho, de modo que as pessoas que direta ou indiretamente usam aquele determinado espaço sejam acolhidas em suas necessidades.

A educação e a formação do pedagogo, a experiência que a pesquisa nos permitiu viver, as reflexões decorrentes dessa experiência foram muito importantes em nossa formação e, certamente provocarão outras reflexões sobre nossa futura profissão seja em contextos escolares ou não-escolares.

Visitamos o espaço de realização da pesquisa no dia 02/11/2019 às 07h30 dia este que foi celebrado a missa de Finados, conforme Imagem n. 5.

Imagem n. 5 – Missa de Finados



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Imagem n. 6 – Banca de flores.



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Nosso intuito nesse dia foi de analisar e observar as visitas na qual o local recebia, como de costume, neste dia o Cemitério é muito visitado. Aliás, o que nos levou a este objeto de pesquisa foram experiências anteriores que tivemos ao visitarmos o Cemitério com nossos familiares e/ou amigos. O dia Dos Finados nos chamava a atenção pelo significativo fluxo de pessoas visitando o Cemitério. Observamos a imagem n.7 – visitas do dia dos finados no período da manhã.

Imagem n. 7 – Movimentação de Visitantes.



Fonte: As pesquisadoras (2019)

É extremamente preocupante constatar que, uma sociedade de direitos como a que vivemos, necessidades básicas não sejam observadas pelo poder público e ao mesmo tempo não sejam reivindicadas pela sociedade civil. Durante a pesquisa tivemos contato com diferentes pessoas com realidades diferentes das nossas, mas que certamente, todas gostariam de ver o Cemitério em melhores condições. Ao conversarmos com essas pessoas, elas estranhavam quando dizíamos que estávamos fazendo uma pesquisa e que éramos pedagogas. É uma novidade para a maior parte das pessoas o fato de o pedagogo poder atuar em espaços não-escolares.

Imagem n.8 – Túmulo em situação precária.



Fonte: As pesquisadoras (2019)

O terreno novo que a Prefeitura adquiriu para a construir a extensão do Cemitério, segundo o coveiro, já há uma preocupação de trabalhar de forma que o novo espaço fique mais bem organizado, há preocupação também em relação à

locomoção e ambientes de higienização para funcionários e visitantes. Conforme o diálogo que ocorreu com o coveiro, há famílias que não têm condição de ornamentar o túmulo do familiar. Em relação a esta questão, pensamos na possibilidade da assistência social, juntamente com a Prefeitura, pensar um projeto que favoreça essas famílias que não têm condições de fazerem o túmulo do ente querido. Nesses casos, a Prefeitura pode ajudar, pelo menos, no que refere ao trabalho de cimentar e identificar o túmulo. Segundo o coveiro e outras pessoas que estavam no local no momento da conversa, houve casos semelhantes em que a família não tinha condições de forrar com cimento e outros indivíduos foram enterrados por cima.

Imagem n. 9 – Organização do novo espaço.



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Pode-se observar que na parte nova do terreno há uma distância razoável entre os túmulos e isso demonstra a organização que o coveiro e sua equipe estão tentando dar ao local.

São visíveis a mudança e a diferença em relação ao antigo espaço. É possível perceber as mudanças nas duas imagens abaixo.

Imagem n.10 – Novo terreno



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Imagem n. 11 – Cemitério Entrada



Fonte: As pesquisadoras (2019)

Quando iniciamos a pesquisa elaboramos um Questionário Aberto. Este instrumento de coleta de dados foi entregue à trinta (30) pessoas aleatoriamente na cidade onde está localizado nosso objeto de estudo. Quinze (15) pessoas responderam o Questionário e nos devolveu. Nosso intuito com este instrumento era saber o que as pessoas pensavam sobre o Cemitério, queríamos conhecer a opinião delas. As respostas indicam que não somos apenas nós pesquisadoras que temos a visão da necessidade de mudanças e que na parte nova do Cemitério já se vê a melhoria do espaço.

Quadro n. 1 – Foram norteadas para a comunidade as seguintes perguntas:

Em sua compreensão quais mudanças deveriam ocorrer neste local?	As respostas foram quase todas semelhantes pensando nas questões da iluminação do espaço, higienização, construção de banheiros e cômodo para comodidade e organização dos materiais do coveiro, sala de velório e uma capela, plantações de árvores no local, organização do espaços para os visitantes caminhar e locomover no local, lixeiras para coleta seletiva e um olhar mais atencioso do órgão público responsável pelo ambiente.
Em termos de Estrutura Física o que mais lhe desconforta no local?	As respostas seguem no mesmo contexto, em desorganização dos túmulos, quantitativa de túmulos juntos e falta de identificação, falta do espaço para locomoção no local em que acarretar caminhar em cima de outros túmulos.

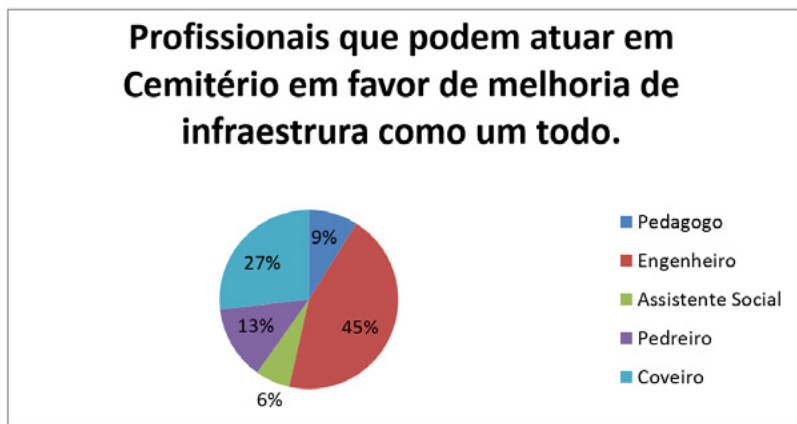
Em relação à busca do tumulo do ente querido você teve dificuldade de localiza-lo?	Respostas foram relativas pelo fato de alguns já terem o habito frequente da visita, e em outros casos questionaram que a dificuldade é existente por falta de registro de identificação, relata também a necessidade do órgão público juntamente com os familiares pensar a questão da não identificação e relata que a desorganização faz com as pessoas perde dentro do ambiente.
Você acha interessante pensar a estrutura física de um cemitério para o bem-estar dos familiares na qual visita o local?	As respostas foram bem objetivas relataram que SIM, que é importante pensar na estrutura do local não é pelo fato de ser um cemitério que deve ser isolado, o espaço está ligado a um momento de perda e tristeza e nesse sentido é importante pensar o local que transmita paz e conforto através da organização.

Fonte: Questionários (2019)

Como podemos observar a atuação do Pedagogo em espaço não-escolares é um assunto novo para maioria das pessoas e até mesmo para nos estudantes, nessa perspectiva foi de fundamental importância para nossa pesquisa ver as opiniões das pessoas sobre quais profissionais podem atuar para melhoria da Estrutura Física do local pesquisado.

Segue no Gráfico n. 1.

Gráfico n. 1 – Profissionais



Fonte: Questionários (2019)

Concluimos com êxito nossa pesquisa podendo motivar as pessoas na qual não sabia da importância que tinha de pensar aquele local de uma forma construtiva para sociedade na qual estamos inseridos. Muito de nós perguntamos do porquê não pensar essa atividade antes, mas somente agora então com esses questionamentos sentimos que conseguimos motivar as pessoas que frequentam o local a refletirem sobre esse espaço como um todo.

Utilizamos Questionários para facilitar o diálogo com pessoas sobre o espaço da pesquisa e esse Questionário foi entregue no dia da celebração da missa de Finados com o objetivo de mostrar aos leitores desse trabalho concepções do espaço vindo de outros, sabendo da importância da interação com diversas pessoas para construção desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES

A realização desse trabalho foi de grande importância, pois durante a escolha dos locais para pesquisas, foram escolhidas; lojas, consultórios médicos, clínicas, restaurantes, lanchonetes etc. O cemitério não havia sido escolhido por ninguém da turma para realização deste trabalho. Portanto, tivemos a ideia de observar esse espaço tão pouco lembrado e desvalorizado pela própria sociedade. Então conversamos com a professora que achou muito interessante e nos apoiou a seguir em frente com a pesquisa.

Foi uma experiência muito enriquecedora e formativa, nos ajudou a pensar como o pedagogo tem o papel de transformar e fazer a diferença neste local que também precisa de um olhar pedagógico. É através deste olhar que ele pode intervir de modo propositivo nos espaços que atua, sejam eles escolares ou não-escolares, de modo a transformar aquilo que precisa e pode ser transformado.

A aprendizagem não acontece somente em espaços escolares, os espaços não-escolares são também espaços de aprendizagem e de formação. A ação pedagógica pode se realizar em diferentes espaços, pode ser formal ou informal, mas são sempre experiências formativas ricas e transformadoras.

Espera-se que essa pesquisa provoque muitas reflexões e motivem outras pesquisas sobre o tema em questão. Para realização da presente pesquisa escolhemos um espaço social pouco convencional, um Cemitério é, muitas vezes um local “invisível” para muitos de nós, até que temos que levar um ente querido ou um amigo. E, pode ser que passemos boa parte de nossas vidas sem nos importar ou pensar como deve ser e como pode ser um Cemitério, mas nós o escolhemos exatamente por reconhecer a importância e o

valor simbólico desse espaço que faz parte da realidade social, da realidade humana.

Acompanhar um pouco mais de perto a realidade do Cemitério de Aurilândia, foi algo desafiador e ao mesmo tempo gratificante, pois permitiu saber que há espaço para o pedagogo em lugares que muitas vezes nem imaginamos ser possível. A participação de um pedagogo seja ela onde for, é de grande relevância, pois por meio de seu trabalho ele expressa a solidez de sua formação, sua compreensão sobre a educação, sobre a formação, sobre o homem e sobre a humanidade. É também sua formação inicial que lhe dá as condições necessárias e favoráveis para pensar sua prática independentemente do local em que ela se realiza.

REFERÊNCIAS

BRZEZINSKI, I. As Políticas de Formação de Professores e a Identidade Unitas Multiplex do Pedagogo: professor-pesquisador-gestor. In: SILVA, M. A.; BRZEZINSKI, I. **Formar Professores-Pesquisadores: construir identidades**. Goiânia: Ed. da PUC-GO, 2011.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social**. São Paulo: Cortez, 2014.

VIEIRA, S. R. Docência, gestão e conhecimento: conceitos articuladores do novo perfil do pedagogo instituído pela resolução CNE/CP n. 01/2006. In: **Revista HISTEDBR** on-line. n.44– ISSN: 1676-2584. Campinas-SP: dez. 2011, p. 131-155.

FAZER PEDAGÓGICO EM ESPAÇO EMPRESARIAL: uma análise da Encantos Brigaderia

Alessandra Barros Oliveira^[10]

Gleicy Kelly Xavier de Oliveira^[11]

Waynne Ferreira de Souza^[12]

Este trabalho tem como objetivo apresentar o fazer pedagógico no espaço não-escolar da Pedagogia Empresarial. Visa dar sugestões de intervenção para a melhoria da empresa em observação. A motivação para este projeto surgiu a partir da disciplina Pedagogia em Espaços não-escolares, do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual de Goiás, ministrada pela professora Andréa Kochhann, com o intuito de praticar o olhar, a escuta e o pensar, ou seja, acerca do fazer pedagógico em espaços não-escolares.

O projeto foi realizado na empresa Encantos Brigaderia, sendo esta empresa destaque não apenas na cidade de São Luís

10 Pedagoga do curso de Pedagogia UEG – Universidade Estadual de Goiás – Campus São Luís de Montes Belos. E-mail: alessandra.boliveira@seduc.go.gov.br

11 Pedagoga do curso de Pedagogia UEG – Universidade Estadual de Goiás – Campus São Luís de Montes Belos. E-mail: gleicykellydireito@gmail.com

12 Pedagogo do curso de Pedagogia UEG – Universidade Estadual de Goiás – Campus São Luís de Montes Belos. E-mail: wayannefs@outlook

de Montes Belos. Há pontos de venda em várias cidades vizinhas. Este projeto viabiliza sugestões de mudanças por meio do olhar pedagógico que visa a melhoria do trabalho e o desenvolvimento da empresa no atendimento à clientela de variadas faixas etárias.

O trabalho em questão foi dividido em três momentos. No primeiro foi realizada visita para conhecer o ambiente. No segundo, entrevista com a empreendedora para coleta de dados auxiliados por fotos e no terceiro momento a escrita do presente trabalho.

O PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma discussão sobre o fazer pedagógico

O pedagogo nos últimos anos passou por um movimento de formação e possibilidade de atuação em espaços não-escolares por força da Resolução CNE/CP n. 01/2006 que apresenta diretrizes para essa formação. Assim a identidade do pedagogo tem sofrido mudanças conceituais.

A identidade do pedagogo foi oficializada de maneira crítica e não mais tecnicista a partir da Resolução CNE/CP n. 01/2006. Ao ser estabelecida, ela garante aos profissionais docentes uma identidade no sentido mais amplo, podendo atuar nos demais espaços, não se limitando apenas às escolas, sendo assim, seu papel vai muito além do ato de ministrar aulas. (KOCHHANN et.al, 2015, p.228).

Ao analisar a Resolução, percebe-se a ênfase no papel do pedagogo, que pode atuar no desenvolvimento de projetos, avaliações, no contexto educativo, escolar ou não-escolar.

Portanto, ser um profissional da pedagogia, não significa estar apto para trabalhar somente nas instituições de ensino, especificamente em sala de aula. O Art. 5º da Resolução apresenta que o egresso do Curso de Pedagogia está apto a trabalhar em espaço escolar e não-escolar.

IV – Trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

Nesse sentido, o pedagogo possui sua identidade voltada à formação para a docência ampliada. O profissional docente tem formação capazes de auxiliar os indivíduos nos diversos campos de atuação, assim:

[...] torna-se necessário que o profissional de Pedagogia esteja preparado para ingressar no mercado de trabalho, a fim de desenvolver habilidades e atividade de planejamento, avaliação, organização de projetos de aprendizagem, além de desempenhar funções docentes em cursos de capacitação e aperfeiçoamento profissional em serviço, assessoramento, coordenação pedagógica e pesquisa educacional em diversos espaços não-escolares. Para que estas necessidades sejam supridas, a Universidade precisa estar atenta ao seu papel e proporcionar aos alunos o desenvolvimento dessas competências. (AGUIAR et. al., 2010, p.3-4)

O processo educativo permeia as relações sociais, logo, a formação pedagógica permite ao docente exercer o

assessoramento das atividades distintas nos vários âmbitos profissionais.

O curso de pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará:

I – O planejamento, execução e avaliação de atividades educativas;

II – A aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural. (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/2006)

A docência ampliada também implica a formação do professor, pesquisador e gestor. É um profissional que busca pela formação continuada novos saberes. Para atuação no sentido mais amplo, o pedagogo capacita-se para entender os elementos que compõem o sistema de ensino. Na Pedagogia Empresarial, por exemplo, se faz necessária a compreensão dos aspectos que envolvem todo o funcionamento da empresa.

Por tratar de pesquisa em Instituição empresarial, os aprofundamentos foram direcionados a Pedagogia Empresarial. Nesse cenário, o pedagogo se encontra dotado de conhecimentos relevantes ao crescimento da empresa, isso graças ao olhar pedagógico que faz toda a diferença em espaços onde se inserem relações sociais.

As habilidades do pedagogo em liderar, elaborar projetos, analisar a estrutura do espaço, resolver situações conflituosas, entre outros, permite que o trabalho nas empresas seja bem-sucedido.

[..] a Pedagogia Empresarial como um elemento de articulação entre o desenvolvimento das pessoas e as estratégias organizacionais. Ratificam que o pedagogo

empresarial desenvolve suas atividades com o Departamento de Recursos Humanos, hoje com uma mais abrangente dos fenômenos organizacionais. Em outras palavras, as ações deste departamento ultrapassam os aspectos instrumentais e tornam-se mais sensíveis à dinâmica das relações entre indivíduo e sociedade; compreendem que o espaço organizacional é, sobretudo, um espaço de valorização da dimensão e da dignidade humanas. (LOPES et. al. 2006, apud RIBEIRO, 2010, p. 10)

Considerando o contexto mercadológico de funcionamento das empresas no sistema capitalista brasileiro, a valorização da dimensão da dignidade humana citada acima é raramente difundida. O funcionamento dos estabelecimentos geralmente é centralizado na intensa produção, acúmulo de capital e mão-de-obra barata, por isso, uma atuação voltada para a respeitabilidade do sujeito, se faz necessária.

[...] a qualificação do trabalhador compreendida como aquisição do conteúdo do trabalho desenvolvido pelo capitalismo é fundamental, mas não esgota a questão, é imprescindível o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora, de tal modo a permitir a superação do modo capitalista de trabalho. (KUENZER, 2009, p. 15)

Uma série de fatores contribuem para que a empresa seja bem-sucedida, a preocupação com a produtividade é apenas um deles, sendo assim, esse não deve ser o único foco do proprietário, o qual não deve desconsiderar a qualidade das condições de trabalho do empregado e sua importância para o desenvolvimento da empresa.

Desse modo, a Pedagogia Empresarial trabalha para que as relações entre empregador e funcionário sejam conexas, em

constante busca por melhorias dentro do espaço, podendo o pedagogo, com sua ampla formação, contornar situações problema que, prejudicam o bom desempenho de ambos colaboradores e proprietários.

O PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma possibilidade na doceria

A visita da intervenção pedagógica em questão foi realizada no dia 25 de setembro de 2019 (quarta-feira). Essa visita aconteceu na Empresa “Encantos Brigaderia” a fim de fazer análise pedagógica do Ambiente Empresarial. Visitou-se a cozinha e o depósito, levantou-se dados do quadro de funcionários e os respectivos horários de trabalho, os cursos feitos pela proprietária, o espaço onde contém alguns brinquedos, a área de atendimento aos clientes.

No decorrer da visita foram realizadas indagações à proprietária, cuja primeira pergunta que chamou a atenção foi: Como surgiu a ideia de ser empreendedora? Nesse momento ela iniciou dizendo que começou a produzir brigadeiros em casa, era manicure, não tinha nenhuma especialização em doces e confeitaria. O motivo foi buscar meios financeiros para ajudar o seu pai desempregado.

Diante da primeira resposta, surgiu outras perguntas, tais como: Como sua empresa começou? Os brigadeiros eram vendidos na rua, no entanto os produtos tiveram boa aprovação da população. O sucesso pelo aumento da demanda levou a inauguração da primeira Loja.

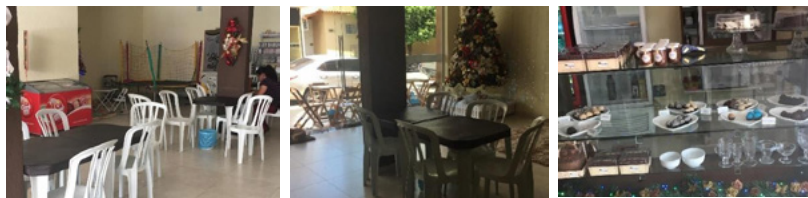
Deste modo, a empresa servia mais como ponto de vendas, pois, no início dos atendimentos não existiam cadeiras e mesas suficientes para o público, então as pessoas iam nesse

ambiente somente para comprar. Mesmo sendo somente um ponto de vendas, a diligência era muito alta, eles conseguiram cadeiras e mesas, mas ainda tiveram que abrir mais outra loja na cidade. Porém, as localidades não eram boas e as procuras continuaram aumentando. Deste modo, surgiu a ideia de fechar as duas lojas e abrir somente uma, que seria maior do que as duas lojas juntas e localizada ao centro da cidade, onde o público teria mais facilidade para frequentar o espaço e atenderia as diversas classes e faixas etárias.

Outro questionamento, foi sobre quando abriu a empresa você tinha alguma formação na área da confeitaria? A proprietária esclareceu que não tinha nenhum curso, que assim como respondido na primeira pergunta, ela iniciou as vendas de brigadeiros com o objetivo de uma renda extra, no entanto, com a grande demanda e a inauguração da primeira loja surgiu a necessidade de uma especialização, até mesmo para ampliar o cardápio oferecido inicialmente. A partir daí foi realizado alguns outros cursos na área da confeitaria, porém, ela não possuiu nenhum curso voltado a produção de brigadeiros que é a especialidade da empresa.

Uma nova interrogação foi sobre qual a sua relação com os funcionários e clientes? A mesma respondeu que a empresa possui alguns anos de funcionamento e com isso já passaram diversos funcionários. No entanto, segunda a proprietária, sempre busca manter uma boa relação com seus funcionários, possibilitando a eles um ambiente de trabalho agradável. Deste modo a relação com os clientes não poderia ser diferente. O ambiente da loja é bastante agradável e busca atender a necessidade de cada cliente, oferecendo produtos de qualidade e inovando sempre os seus produtos, para atender os diferentes gostos de sua clientela, sendo essa, dos mais diversos tipos como idosos, jovens, famílias, crianças.

Imagem n. 1 – O ambiente



Fonte: As autoras (2019)

Em seguida foi perguntado à proprietária qual o interesse em inserir um ambiente para as crianças dentro da Brigaderia, ela respondeu que a loja era sempre frequentada por famílias, daí surgiu a ideia de criar um espaço voltado para as crianças, pois assim, quando os pais estivessem no estabelecimento, eles teriam um ambiente próprio para o lazer de seus filhos.

Além de captar maior quantidade de clientes, ela sempre se preocupou com a questão das crianças, pois a venda principal do espaço é brigadeiro, e onde tem esse tipo de produto, existe a presença de crianças, então ela buscou criar um ambiente mais atrativo e mais confortável, de maneira que agradasse a todos.

A nova loja resultou em algumas mudanças, tanto no atendimento, como no cardápio, a quantidade de funcionários, entre outras coisas, eles aderiram ao sistema para registrar pedidos, quando um cliente faz um pedido para ser consumido no local gera uma senha e através dessa senha os funcionários que trabalham na cozinha tem acesso ao pedido e logo a montagem dele, e na hora de entregar para o cliente facilita para encontra-lo.

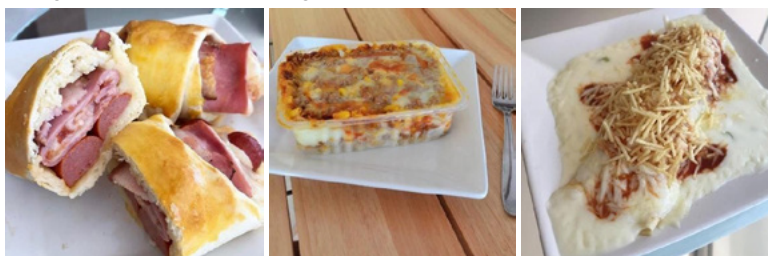
Imagem n. 2 – Sistema de Gestão de Atendimento (Painel de senha e senha)



Fonte: As autoras (2019)

O cardápio expandiu bastante, ocasionando a venda de diversos tipos de doces, bolos personalizados, salgados, pizzas, lasanhas, panquecas.

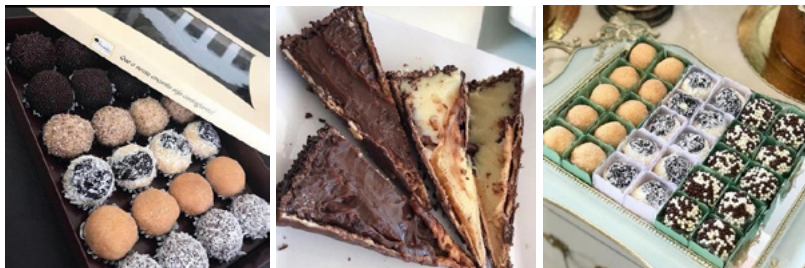
Imagem n. 3 – Pratos Salgados



Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2019)

Diversos sabores de brigadeiros, incluindo o mais famoso que é o de Castanha de Guariroba, segundo a proprietária um dos mais vendidos, também encontra em seu cardápio cones recheados dos mais diversos tipos de brigadeiros.

Imagem n. 4 – Brigadeiros e cones



Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2019)

A empresa também possui o brigadeiro no pote, que está tendo um grande sucesso de vendas.

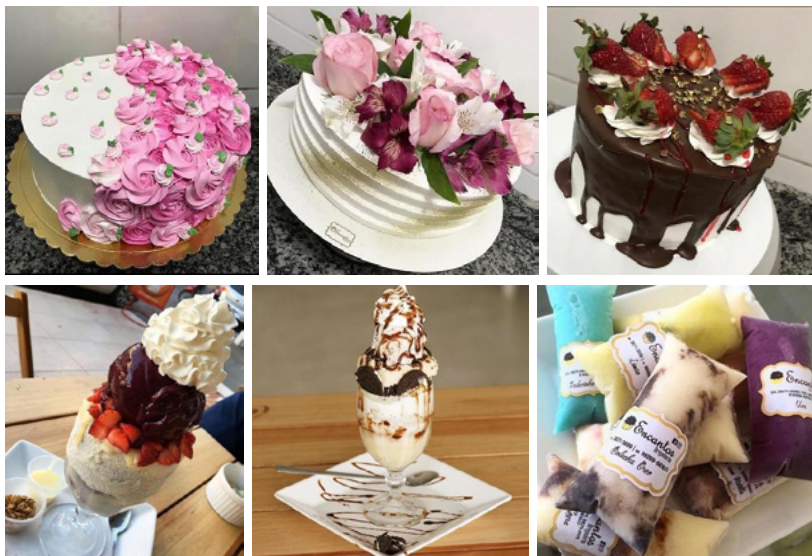
Imagem n. 5 – Brigadeiros no Pote



Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2019)

Outro destaque de vendas, são os cremosinhos dos mais diversos sabores, as taças de sorvete e açaí personalizadas, e os bolos decorados feito na maioria das vezes feitos sobre encomendas.

Imagem n. 6 – Bolos decorados, taças de açaí e sorvete e cremosinhos

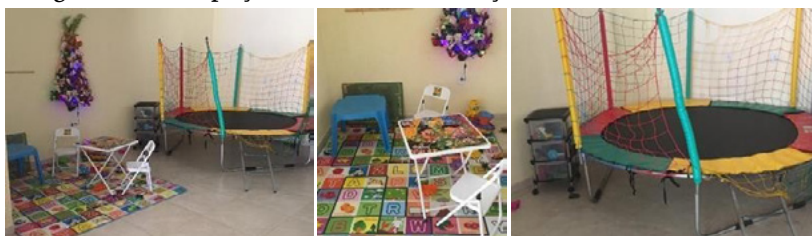


Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2019)

A empresa atual conta com um quadro de 15 a 20 funcionários, trabalhando nas diversas áreas. A empresa tem funcionários específicos para trabalhar com os brigadeiros e os variados doces, as funcionárias que trabalham com as massas salgadas, as que trabalham no atendimento, e os que fazem entrega, os bolos sob encomenda são feitos somente pela proprietária do local, porém ela estava à espera de um novo funcionário que seria um confeitiro para ajudá-la na produção dos bolos.

O atendimento realizado atualmente é de grande qualidade, com funcionários muito simpáticos e atenciosos, o que é de grande importância dentro de uma empresa. O espaço atende diversas faixas etárias, porém é um ambiente mais familiar, onde recebem famílias com crianças e de diversos tipos, e nesse espaço possui um ambiente de distração para as crianças.

Imagem n. 7 – Espaço destinado as crianças



Fonte: As autoras (2019)

Nesse ambiente encontra-se um pula-pula e alguns brinquedos, no entanto não possui nenhuma atividade dirigida e ninguém para supervisionar as crianças e auxiliá-las na hora da brincadeira ou de atividades.

Um ponto também muito interessante é que a Encantos Brigaderia se adequa a datas especiais, preparando antecipadamente para essas datas, como a Páscoa, dia dos Namorados, dia das Mães, dia dos Pais, Natal e algumas outras datas.

Imagem n. 7 – Decoração natalina



Fonte: As autoras (2019)

Na maioria vendem doces próprios para aquela época, com decorações.

Imagem n. 8 – Doces decorados



Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2018 e 2019)

No dia das Crianças eles sempre promovem uma festinha no local para as crianças.

Eles realizam aniversários infantis no espaço, como foi realizado para uma criança da cidade, onde a mãe queria fazer uma festa para a sua filha, porém em um espaço diferente, deste modo, sendo realizada na Brigaderia.

Diante de todo o exposto, é notório que a empresa possui diversos aspectos positivos que buscam a melhor qualidade em prol dos clientes, porém, como em todo lugar a sempre um detalhe a ser mudado. Ao realizar uma análise a fundo e com uma visão pedagógica, foram pontuados alguns aspectos que evidencia de certo modo a necessidade de adequação, sendo eles: a “Área dos Brinquedos”, seria de muita relevância a

realização de atividades dirigidas nesse espaço, com o intuito de desenvolver de alguma forma a aprendizagem da criança, como atividades para pintar – seja com lápis, tinta, giz de cera, etc –, massinhas de modelar, entre outros meios;

Outra modificação sugerida o “Espaço de Atendimento e Consumo dos Clientes”, para facilitar e agilizar o atendimento seria importante a instalação de um outro computador com o mesmo sistema para os pedidos, organizar dois atendimentos no local, e a distribuição do espaço, disponibilizar mais mesas e cadeiras no local, pois a empresa é bastante frequentada, e a disponibilização e mais mesas e cadeiras e uma distribuição melhor da mesma seria de grande importância e chamativo para os clientes que gostam de sair e consumir no local.

Imagem n. 9 – Festa do dia das Crianças



Fonte: Instagram @encantosbrigaderia (2018)

Por fim, outra recomendação, seria o “Método de Pedidos para Entrega”. Existem alguns aplicativos de entrega, ou a empresa mesmo pode criar um aplicativo para facilitar os pedidos para entrega. Como hoje a maioria das pessoas possui à internet e preferem a mesma do que ligações, seria interessante essa instalação e investimento, pois é mais fácil, mais rápido tanto para o cliente quanto para a empresa, e a empresa pode alcançar um nível maior de clientes, pois os que não tinham acesso e não conheciam antes passam a conhecer com a divulgação do aplicativo ou até mesmo indicação de alguma pessoa.

As adequações sugeridas, foram pensadas focando no bem-estar dos clientes, na agilidade do atendimento e harmonização do espaço, pois são as simples coisas que a maioria das vezes chamam atenção dos clientes para conhecer o produto vendido ou até mesmo o espaço, ainda mais uma empresa como está que recebe clientes de toda a regional montebelense e que também vende seus produtos para outras cidades. Diante disso, as adequações sugeridas seriam investimentos, pois chamaria a atenção dos clientes e agilizava e facilitaria o atendimento.

CONSIDERAÇÕES

A pedagogia é uma das poucas profissões que possibilita ao profissional um campo amplo de atuação, sendo assim é necessário amplificar a visão de mundo do olhar do pedagogo sendo que o processo de ensino-aprendizagem acontece em qualquer lugar a qualquer momento e não apenas no ambiente escolar como é ditado pela maioria. Sendo assim o trabalho do

pedagogo é cada vez mais complexo, pois está diretamente trabalhando com a formação humana, sua relação com o mundo, considerando o homem em qualquer momento e aspecto.

Com a pesquisa realizada na empresa Encantos Brigaderia, pode-se afirmar que a todo momento o pedagogo tem um olhar diferenciado, sendo uma consequência de sua formação, com o foco na formação pessoal, o trabalho em equipe, estratégias de ensino (ensino este que vai além da sala de aula), ao planejamento, orientação, coordenação, sendo o objetivo principal a elaboração de projetos direcionados às transformações do ambiente e dos sujeitos.

Diante disto, as mudanças sugeridas, visam o desenvolvimento do ambiente para melhor acolher a clientela na sua diversidade, agilizando e facilitando o atendimento das mais diversas formas, sendo que o foco alcançar o maior número de clientes, e o trabalho em equipe dentro da empresa, através do olhar pedagógico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CP n.01, 15 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU), Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de maio, 2006.

KOCHHANN, A. A Identidade Do Pedagogo: Uma Discussão Sobre Sua Formação E Atuação / IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX) – “Educação e Linguagem: (re) significando o conhecimento”. 2015.

AGUIAR, E. P. et al. A Formação do Pedagogo para Espaços Não-Escolares: uma análise dos currículos do curso de pedagogia da UFPE para atuação na área de recursos humanos. 2010.

Disponível em: file:///D:/Desktop/BNCC/IDENTIDADE%20DO%20PEDAGOGO.pdf. Acesso em: 23 de outubro, 2019.

RIBEIRO, A. E. A. **Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

KUENZER, A. Z. **Pedagogia da fábrica**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCHHANN, A. MORAES, A. C. BARBOSA, S. **A pedagogia empresarial na era da informação/conhecimento: atuação (im)possível do pedagogo para a emancipação humana.** / Xiv Semana De Letras XVI Semana De Pedagogia II Simpósio De Pesquisa E Extensão (Simpex). 2016. Disponível em: file:///D:/Desktop/BNCC/4.%20pedagogo%20empresarial.pdf. Acesso em 23 de outubro, 2019.

O PEDAGOGO NO ESPAÇO DE CONTABILIDADE: uma análise empresarial

Ana Luiza Cruz Borges^[13]

Carolina da Mata Barbosa^[14]

Leidiane Costa de Meneses dos Anjos^[15]

O presente artigo sobre Pedagogia em Espaços não-escolares tem como intuito abordar esta temática ainda pouco conhecida fora do meio escolar. Diante disso, foi desenvolvida pesquisa de campo visando ampliar os conhecimentos acerca do assunto. Considerando as dificuldades das empresas em reconhecer o pedagogo em espaços fora da sala de aula, a empresa que aceitou a pesquisa foi A Escrita Contabilidade, estabelecida em Firminópolis – GO, a qual, foi solícita em todo o processo de observação, diálogo e intervenção.

Por meio de pesquisa bibliográfica exploratória de cunho qualitativo, em Arantes e Kochhann (2018), Holtz (2006), e outros compreendeu-se que ao decorrer da história

13 Pedagoga do Curso de Pedagogia – UEG – Câmpus São Luís de Montes Belos, Goiás.

14 Pedagoga do Curso de Pedagogia – UEG – Câmpus São Luís de Montes Belos, Goiás.

15 Pedagoga do Curso de Pedagogia – UEG – Câmpus São Luís de Montes Belos, Goiás.

da educação no Brasil os professores sempre foram formados para atender os interesses ideológicos de cada período, observa-se que nos dias atuais o pedagogo em espaços extraclasses são de suma importância para a sociedade atual, seja na gestão de empresas e na construção de projetos em demais áreas sociais. Diante à globalização e o aumento da competitividade do mercado de trabalho, os colaboradores devem estar constantemente se atualizando e, dessa forma, o pedagogo atua como mediador das novas aprendizagens dentro das empresas.

Assim, foram aqui expostas discussões teóricas e empíricas sobre o papel do pedagogo em espaços empresariais, buscando ressaltar a sua importância nesses espaços; bem como a pesquisa com o dono do Escritório de Contabilidade e o projeto de intervenção no local, mediante autorização para a realização da pesquisa, de publicação de imagens e entrevista.

A IDENTIDADE DO PEDAGOGO: uma discussão teórica

A identidade do pedagogo é um assunto muito discutido nas aulas de “Pedagogia em Espaços não-escolares”, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás.

O curso de Pedagogia foi criado em 04 de abril de 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1.190, que também estabeleceu a Faculdade Nacional de Filosofia. Conforme Sokolowski (2013 *apud* ARANTES; KOCHHANN, 2018, p. 56) ela “tinha por finalidades, dentre outras, a de preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal e preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de atividades técnicas”. Sendo assim,

era uma formação técnica e superficial cumprindo apenas as exigências de suprirem os cargos da educação.

Somente a partir da Constituição de 1988 e da LDB 9.394 de 1996 começa redefinição do modelo educacional voltado para a democracia, tal como é ainda nos dias atuais. Entretanto, não se apresentava identidade específica para o pedagogo, como afirma Brzezinski (1996) o que colocava em risco o curso de pedagogia, uma vez que, o ensino profissionalizante tinha pouca relação com os estudos epistemológicos.

A Câmara de Educação Superior, responsável pelo Parecer CNE/CP nº 970/99 de 09 de novembro de 1999 apresentava que a educação infantil e o ensino fundamental anos iniciais, fossem ministradas pelo curso Normal Superior, ficando o curso de Pedagogia responsável apenas “para a administração, planejamento, supervisão e orientação educacional para a educação básica, isso poderia ocorrer por meio desse curso ou uma pós-graduação”. (ARANTES e KOCHHANN, 2018, p. 62). Foi realizada mobilização contra esse Parecer e criaram o Fórum Nacional em Defesa da Formação de Professores, composto por entidades educativas que buscavam a continuidade do curso e uma identidade profissional para o pedagogo.

Conforme Machado (2013 *apud* ARANTES; KOCHHANN, 2018, p. 63) “no período entre 1996-2006 efervesceram os debates sobre a identidade do pedagogo e dos professores de modo geral. Muita discussão fora travada ao longo dessa década, que visava normatizar definitivamente os cursos de formação de professores”.

Com a homologação da Resolução CNE/CP nº 01 de 2006, pelo Ministério da Educação, a trajetória da pedagogia começa a mudar. A partir daí a identidade do pedagogo é a docência e devendo ser garantidas as estruturas em relação à formação do

pedagogo, bem como, à construção da sua identidade. É relevante mencionar que esta Resolução é uma conquista para os docentes, que antes eram vistos como “técnicos”, preparados apenas para a sala de aula.

Conforme o 2º Art. da Resolução CNE/CP nº 01 de 2006, o sujeito não é preparado apenas para ser professor, mas também gestor e pesquisador, preparado para a docência ampliada em espaços escolares e não-escolares, como por exemplo, hospitais, empresas, entre outros. Segundo Vieira (2011, p. 131), a docência ampliada “vai além da relação ensino aprendizagem, em situações formais ou não”. Essa docência pode ser denominada por *Unitas Multiplex*, segundo Brzezinski (2011).

Podemos conceituar a docência ampliada como sendo uma formação da identidade da(o) pedagoga(o) com domínio teórico e metodológico para além do ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também para o ensino na Educação Infantil, o Ensino Especial, o Ensino Superior, a EJA, Ensino Profissionalizante e também para a Pesquisa Educacional e a Gestão de espaços escolar e não-escolar. (ARAÚJO, 2018, p. 132).

Interligado à docência ampliada está a polivalência, Silva Cruz (2012) salienta que o professor polivalente é aquele capaz de dominar várias disciplinas dentro da sala. Todas as teorias mencionadas são relevantes para compreender a construção da identidade do pedagogo, pois elas se complementam.

Diante disso, compreende-se que a formação do pedagogo contribui para que ele adquira um olhar e uma escuta aguçada/pedagógica que possibilita humanização nos mais variados espaços por meio de projetos desenvolvidos tanto no meio escolar, quanto fora dele, contribuindo para a formação do profissional e da sociedade.

O PEDAGOGO NOS ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma discussão teórica

O pedagogo, enquanto o profissional da docência, pode atuar tanto em espaços escolares como não-escolares conforme previsto na Resolução CNE/CP nº 01 de 2006. Libâneo (2000) salienta com muita precisão o fato da atuação dos pedagogos em espaços não-escolares.

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social, não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia. (LIBÂNEO, 2000, p. 116).

A abrangência da prática pedagógica para além do âmbito escolar, ressalta a importância de inserir esses profissionais nos mais variados espaços, considerando que eles são capacitados para atuarem nessas áreas, “o papel do pedagogo é de extrema importância em um espaço não-escolar, sendo capacitado para desempenhar uma função de mediador e articulador da aprendizagem em uma organização”. (DIAS; DINIZ, s/d, p. 02). Portanto para que sua função seja desenvolvida com êxito é necessário que o pedagogo tenha conhecimento acerca do espaço em que ele irá trabalhar.

Conhecer a realidade é importante uma vez que o pedagogo trabalha no lugar diretamente com os funcionários de maneira a proporcionar aprendizagem significativa, através de conversas, dinâmicas, sendo assim, o conhecer permite uma

melhor preparação do que será trabalhado naquele ambiente não-escolar e com as pessoas que o frequentam.

A facilidade do pedagogo de se comunicar e relacionar com as pessoas permite com que transforme o meio em que está, por meio do contato direto com as pessoas e do trabalho em grupos e também das estratégias que são desenvolvidas pelo docente para despertar o lado humano dos funcionários de uma empresa.

Diante disso, o pedagogo é formado para atuar no pleno desenvolvimento de todos os seres humanos, segundo Barreto e Couto (2016, p. 32), “a pedagogia estará inserida onde houver necessidade de práticas educativas afim do desenvolvimento social, cultural, econômico e educacional,” dessa forma no âmbito empresarial o pedagogo visa melhorar a qualidade da prestação de serviços por meio de projetos desenvolvidos, de acordo com hipóteses que foram criadas em prol de tal benefício que no caso seria melhorias em geral tanto para os funcionários quanto para os clientes.

O PEDAGOGO NO ESPAÇO EMPRESARIAL: uma discussão teórica

A educação passou por transformações em seu conceito, deixando de ser restrita à escola, ocupando novos espaços e assumindo novas perspectivas. Da mesma forma, o pedagogo também se transformou, se adequando às novas realidades e se capacitando para atuar em outras áreas. Cada vez mais as empresas percebem a importância do ato educativo no trabalho, diante disso, necessitam de profissionais especializados e aptos a liderar equipes, organizar/criar projetos e trabalhar com pessoas. A Pedagogia no campo empresarial surge, portanto, como uma nova ferramenta para organização e gestão das empresas. Greco (2005, p. 39) enfatiza que “a tarefa do Pedagogo Empresarial é,

entre outras, a de ser o mediador e o articulador de ações educacionais na administração de informações dentro do processo contínuo de mudanças e de gestão de conhecimento”.

Nessa nova realidade, o pedagogo atua no campo empresarial por melhorias na qualidade de prestação de serviços, como também, melhorar a vida pessoal dos indivíduos. Segundo Oliveira (2012, p. 7), “torna-se evidente que o foco da Pedagogia Empresarial é qualificar profissionais para atuarem no âmbito empresarial, visando os processos de planejamento, capacitação, treinamento, atualização e desenvolvimento do corpo funcional da empresa”.

Para Holtz (2006), as empresas e os pedagogos que atuam nela precisam trilhar os mesmos caminhos, rumo ao mesmo objetivo.

Tanto a empresa como a Pedagogia agem em direção à realização de ideais e objetivos definidos, no trabalho de provocar mudanças no comportamento das pessoas. Esse processo de mudança provocada, no comportamento das pessoas em direção a um objetivo, chama-se aprendizagem. E aprendizagem é a especialidade da Pedagogia e do Pedagogo. (HOLTZ, 2006, p. 6).

Em concordância, Almeida e Verloffa (2017) defendem a Pedagogia Empresarial como um novo papel dos profissionais da educação, defendendo a ideia de que o pedagogo nesse espaço tende a proporcionar um ambiente de aprendizado desenvolvendo nos indivíduos cinco aspectos necessários nas organizações “pensamento sistêmico, domínio pessoal, modelos mentais, a construção de uma visão compartilhada e aprendizagem em equipe”, conforme Senge (2002, p. 40 *apud* ALMEIDA; VERLOFFA, 2017, p. 30). Dessa forma, o pedagogo poderá atuar nas empresas produzindo e difundindo conhecimento, exercendo seu papel enquanto educador.

O PEDAGOGO EM ESPAÇO EMPRESARIAL: uma discussão empírica

A pesquisa de campo em um espaço não-escolar, aconteceu em um escritório denominado A Escrita Contabilidade, segundo José Filho (2006 *apud* PIANA, 2009, p. 167) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. O local pesquisado se caracteriza como uma empresa de assessoria contábil e empresarial, atuante no mercado desde janeiro de 1997. O escritório possui dois sócios e não conta com a colaboração de funcionários, com perspectiva de contratação a curto prazo. O horário de funcionamento é das 8:00 às 11:00 e 13:00 às 17:00 horas de segunda a sexta feira.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (2001 *apud* PIANA, 2009, p. 169).

De acordo com a metodologia utilizada na pesquisa foi feita uma observação em campo, com isso, percebeu-se que, buscando melhor visualização de futuros clientes, o escritório está estabelecido numa região centralizada da cidade de Firminópolis – GO, desde 2015 e atende um público diversificado como, empresas, pessoas jurídicas, pessoas físicas, além de produtores rurais nos diversos ramos de atuação.

Figura 1 – Fachada do escritório



Fonte: As autoras

Figura 2 – Fachada do escritório



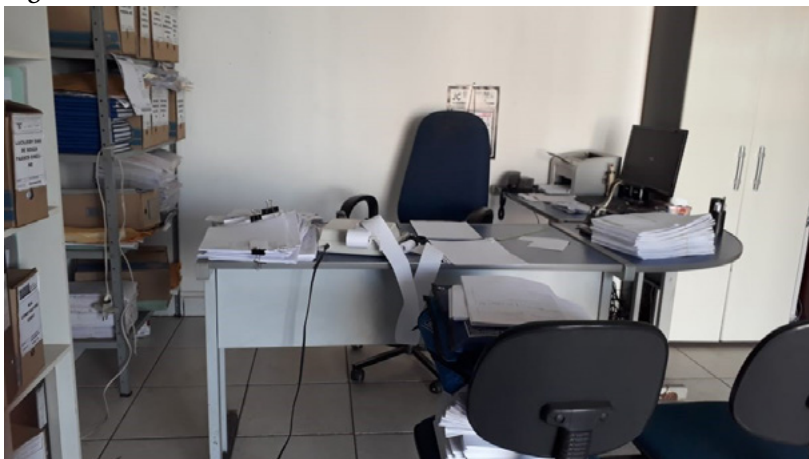
Fonte: As autoras

Figura 3 – Interior do escritório



Fonte: As autoras

Figura 4 – Interior do escritório



Fonte: As autoras

Em uma entrevista com um dos sócios do escritório, foi perguntado como foi o início para ingressar no mercado contábil, ele menciona “*que foi difícil em função da busca de clientes*

e a dificuldade de ainda não ser reconhecido no mercado, mas que foi superado pela aquisição de uma carteira de clientes de um escritório que foi descontinuado pelo profissional e que fizemos a intervenção para uma melhoria no atendimento para que os mesmos pudessem entender que a mudança fora benéfica naquele momento, e assim conquistar a confiança para desenvolver o trabalho, ou seja, a formatação de uma nova metodologia de trabalho afim de todos os envolvidos neste processo pudessem perceber uma transformação e comunica-las a outras pessoas que talvez seja o nosso próximo cliente. E assim fomos adquirindo novos clientes, que sempre estamos buscando para aumentar nossa carteira”.

Ele menciona que o atendimento ao cliente é realizado de forma personalizada para cada tipo de cliente e prestam a assessoria empresarial, contábil, financeira, direcionada para cada modelo ou ramo de negócio, além da pessoa física. Perguntado com qual frequência os clientes visitam o escritório, responde que *“a visita de clientes ao escritório somente ocorre por um eventual questionamento ou alguma reunião para definir alguma estratégia financeira, fiscal ou tributária, pois é de praxe realizarmos as visitas diretamente ao cliente em seu estabelecimento e como são dois sócios, sempre quando um está em visita o outro encontra-se no escritório”.*

Outro ponto questionado foram as dificuldades encontradas no ramo e as suas estratégias para lidar com elas, o proprietário responde que *“as dificuldades que podemos citar são as diversas mudanças que sempre ocorrem seja no setor trabalhista, fiscal ou tributário, sendo necessário acompanhá-las para estar atualizado e informando seu cliente de tal mudança, de forma que devemos absorver e destinar o emprego delas para não onerar como também produzir o efeito fiscal necessário para cumprir com as obrigações acessórias; podemos também citar a concorrência que existe em todos os segmentos, mas o que atrapalha é o fato*

de existir profissional da área atuando de forma desonesta, que atrapalha a categoria”.

Também foi perguntado quais as vantagens de se trabalhar nessa área, o proprietário afirma que *“como são diversas as dificuldades por outro lado também temos as diversas vantagens, como em toda categoria, pois a definição do trabalho elaborado e planejado para cada cliente, é possível manter uma planta fidedigna de trabalho mensalmente que permite tempo para a reciclagem profissional e constante aperfeiçoamento profissional, proporcionando um retorno financeiro satisfatório”.*

Indagado acerca das metas para o futuro, diz que *“como meta temos a busca constante por um modelo de trabalho que privilegia a era digital, ou seja, evita-se retrabalho e acompanha a modernidade e ainda uma meta importante é a sede própria para a sociedade”.*

Em relação a atuação do pedagogo em espaços não-escolares, foi perguntado para o proprietário se ele acredita ser possível e de que forma, ele diz que *“sim, acredito que a humanização do ambiente contábil é importante e valoriza a classe, portanto o pedagogo possui o conhecimento que pode agregar muito para a ciência contábil, sendo de uma caracterização voltada para os números, a contabilidade envolve pessoas, grandes corporações, e a sociedade”.*

O PEDAGOGO EM ESPAÇO EMPRESARIAL: uma discussão de intervenção

Levando em consideração os conhecimentos abordados na disciplina Pedagogia em Espaços não-escolares em relação a atuação do pedagogo no campo empresarial, discutiu-se sobre a necessidade da elaboração e execução de um projeto de

intervenção com essa temática, abordando um escritório de contabilidade.

Na elaboração desse projeto, foram consideradas algumas questões relacionadas à necessidade de ampliar as informações, proporcionando maior criatividade, envolvendo a aquisição de conhecimentos e uma visão mais ampla em relação à prática do pedagogo fora do campo escolar.

Ao visitar o escritório foi realizada uma observação tanto dos aspectos materiais quanto de relacionamento. No quesito material, notou-se que se trata de um espaço único, não possui depósito, o que torna difícil a organização de um modo geral, levando em consideração que num escritório de contabilidade utiliza-se um volume grande de pastas/arquivos. O local não tem fachada, possui apenas a identificação frontal na parede e portas com o nome do estabelecimento e não possui um local específico para água.

Observou-se que são apenas os dois sócios trabalhando, sem funcionários e não possuem um local estratégico para receber as pessoas, como por exemplo uma recepção. Possuem um diferencial no ramo da contabilidade de efetuarem as visitas diretamente ao estabelecimento do cliente para prestarem a acessória contábil.

Priorizando o melhor custo benefício da empresa foi sugerido que façam uma fachada, com o intuito de proporcionar melhor visualização para o estabelecimento e consequentemente aumentar a carteira de clientes. Também foi sugerida a criação de um local específico para receber pessoas, com assentos apropriados, água e café, para proporcionar maior conforto tanto para os proprietários, quanto para os clientes.

A longo prazo, sugeriu-se a aquisição de prateleiras com portas, o que tornaria mais viável a questão organizacional,

bem como, a estética do ambiente de trabalho, uma vez que, todo o material de arquivo deve estar em fácil acesso.

Esta pesquisa teve como objetivo beneficiar além dos contadores, os clientes atuais e futuros e os acadêmicos do quarto ano da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos, pois foi adquirido na oportunidade um momento de relação entre teoria e prática que são fundamentais para a formação integral enquanto estudantes do curso de Pedagogia. Entretanto, para que o profissional da educação consiga trabalhar e auxiliar nesse processo ele precisa estar capacitado com conhecimentos e habilidades que irão facilitar sua atuação.

Mediante o que foi discorrido acerca da atuação do pedagogo em espaços empresariais, é percebido que os docentes possuem grande importância na concretização do desenvolvimento dos seres humanos, fazendo jus a essa importância, eles precisam contribuir com valores socioculturais e saberes científicos que serão capazes de contribuir para uma melhor relação entre os sujeitos atuantes tanto na escola quanto no meio empresarial.

CONSIDERAÇÕES

Este artigo teve como objetivo mostrar que a atuação do pedagogo está se ampliando para vários espaços extraescolares, isso acontece pelo fato de haver a necessidade de um profissional nesses ambientes que desenvolva atividades de melhorias de trabalho, e o pedagogo é o indicado, pois possui olhar humanizado e sensibilidade ao lidar com seres humanos.

O presente trabalho ressalta a importância do pedagogo em espaços não-escolares, principalmente naqueles espaços

que o objetivo é a formação humana, por meio de ideias, posto que, eles são capazes de assumirem a função, pois, possuem criatividade em modificar ambientes e o seu olhar é sensível a percepções não feitas por outros profissionais, sendo assim o professor deve ser preparado para assumir funções além das encontradas dentro das salas de aulas.

O estágio extracurricular realizado no escritório de contabilidade localizado na cidade de Firminópolis – GO permitiu a compreensão do quanto as empresas estão dispostas a abrir as portas para os pedagogos contribuírem com o seu trabalho, apesar de que ainda exista um tabu de que o docente é preparado para atuar somente na escola.

A pesquisa foi importante para o aprimoramento dos conhecimentos acerca da temática, uma vez que permitiu também uma experiência às acadêmicas do 4º ano de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – SLMB, ao exercer o olhar pedagógico de observações, posteriormente, foi realizado um projeto de intervenção em prol de melhorar o ambiente tanto para os proprietários quanto para os clientes.

Este trabalho tem em vista o público alvo da educação, sendo eles os professores regentes atuais da educação básica, os professores da formação continuada, os acadêmicos do curso de pedagogia, e as empresas de pequeno e grande porte, sendo importante frisar que não basta formar professores para a sala de aula, é importante a presença de um docente nos diversos contextos sociais para mediar o conhecimento concretizando assim as aprendizagens e também fortalecer a comunicação e relação entre proprietário/funcionário/cliente, através de um ambiente acolhedor e responsável.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eleno Marques de (Org). **Ensino, Pesquisa e Extensão diálogos da formação e prática docente**. Goiânia: Kelps, 2018.

ALMEIDA, Mariana Cyrilli Batista; VERLOFFA, Thamiris Carolini Dias. **Pedagogia Empresarial: o novo papel dos profissionais da educação**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Oeste, São Luís de Montes Belos, 2017. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61055.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

ARANTES, Ana Paula; KOCHHANN, Andréa. A historicidade do curso de pedagogia no Brasil: da tendência tecnicista à crítica. **Revista Interação Interdisciplinar**. v. 4, n. 1, 2018.

BARRETO, Kyara D' Almeida Santana; COUTO, Maria Aparecida Souza. **A atuação do pedagogo além do espaço formal de educação**. Disponível em: <<http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/A%20ATUACAO%20DO%20PEDAGOGO%20ALEM%20DO%20ESPACO%20FORMAL%20DE%20EDUCACAO.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, Pedagogos e Formação de Professores: busca e movimento**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRZEZINSKI, Iria. As Políticas de Formação de Professores e a Identidade *Unitas Multiplex* do Pedagogo: professor-pesquisador-gestor. In: SILVA, M. A.; BRZEZINSKI, I. **Formar Professores-Pesquisadores: construir identidades**. Goiânia: Ed. da PUC-GO, 2011.

DIAS, Ticiania Bomfim Menezes; DINIZ, Patrícia da Silva. **Pedagogos em espaços não-escolares**. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Pedagogos_em_espacos_ao_escolares.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

GRECO, Myrian Glória. **O Pedagogo Empresarial**. Monografia. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2005.

HOLTZ, Maria Luiza Marins. **Lições de pedagogia empresarial**. Sorocaba: MH Assessoria Empresarial Ltda, 2006. Disponível em: http://mh.etc.br/documentos/licoes_de_pedagogia_empresarial.pdf
Acesso em: 23 out.2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

OLIVEIRA, Ligia Bitencourt. **Pedagogia Empresarial: Atuação do pedagogo nas organizações**. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/18.pdf> . Acesso em: 23 de out. 2019.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2019.

SILVA CRUZ, Shirleide Pereira da. Concepções de polivalência e professor polivalente: uma análise histórico-legal. In: **IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: História, Sociedade e Educação no Brasil**. Universidade Federal de Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O TRABALHO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: reflexões iniciais

Ana Santíssima da Silva^[16]

Gabriela Geovana Alves Rosa Nascimento^[17]

Paulo Henrique da Costa Morais^[18]

A formação inicial do professor no curso de Pedagogia da UEG, contempla as dimensões da docência, da administração e da pesquisa. Entende-se que, enquanto professor em formação se qualifique no processo de busca do conhecimento, das teorias educacionais, em vista da reflexão sobre a dimensão prática do trabalho docente em espaços escolares e em espaços não-escolares.

As leituras e reflexões realizadas na disciplina *Pedagogia em espaços não-escolares*, no Curso de Pedagogia/UEG, Câmpus Oeste São Luís de Montes Belos, provocaram o recorte acerca do trabalho docente em espaços não-escolares, sem perder de vista que esta formação considera o homem como ser social, cultural e

16 Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Oeste São Luís de Montes Belos. E-mail: ana_silvaslmb@outlook.com

17 Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Oeste São Luís de Montes Belos. E-mail: bilubiela@hotmail.com

18 Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Oeste São Luís de Montes Belos. Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Goiás Câmpus Metropolitano Sede Inhumas E-mail: paulohenrique2598@hotmail.com

político, o que supõe uma formação em sentido amplo. Dessa forma, pensar o trabalho docente do pedagogo em espaços não-escolares é, no nosso entendimento, uma questão relevante e merece ser debatida no contexto da formação inicial de professores.

Considerando a relevância da questão, assumimos o desafio de pensar essa atuação a partir da observação do Clube Aquático Recanto Montes das Oliveiras/REMO, localizado na Zona Rural do município de Aurilândia – GO. A pesquisa buscou observar e analisar diversos aspectos constitutivos do objeto de estudo, dentre eles, a sinalização indicativa do percurso e acesso ao local, a estrutura, a estrutura física, questões de comodidade e acesso, atrativos ofertados aos clientes, as questões referentes a dimensão de recursos humanos, entre.

A partir da observação e análise dos dados coletados, fizemos alguns apontamentos e/ou sugestões pensando a possibilidade de expansão e melhoria da qualidade do atendimento ofertado pela direção do Clube. Tais apontamentos, longe de pretender ser norma ou prescrição, são apenas uma sinalização de uma visão pedagógica sobre a realidade observado no espaço não-escolar objeto da presente pesquisa. Trata-se de um olhar incipiente sobre essa realidade, no entanto representa a busca pela ampliação da compreensão sobre as possibilidades e limites do espaço observado na visão dos pesquisadores.

A FORMAÇÃO E O TRABALHO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma discussão teórica

O Curso de Pedagogia da UEG, São Luís de Montes Belos propicia inúmeras reflexões sobre a formação humana, considerando as dimensões social, cultural, político, ética, entre outros. Os conhecimentos e as reflexões acerca da formação

humana são imprescindíveis quando se quer pensar a complexidade das questões que envolvem a formação inicial de professores em geral e à docência em particular.

Nesse sentido, o profissional formado nos cursos de Pedagogia, está habilitado a atuar em múltiplos espaços sem que se distancie do ofício de ensinar, sem deixar em segundo plano a questão da formação humana. Para tanto, é imprescindível que esse profissional compreenda que as relações humanas, bem como os processos educativos não acontecem restritamente na escola, mas em diferentes espaços e situações, quer dizer, onde há pessoas se relacionando, há educação, há formação, como assevera Brandão (2006). Nessa perspectiva, é fundamental que os fins da educação, da formação, não sejam ignorados e nem tão pouco fragmentados, pois, acima de tudo, o trabalho pedagógico destina-se ao ser humano.

O ato de educar e de formar é um movimento permanente entre o instituído e o instituinte, o existente e o “in-existente”, o real e o imaginário, o presente e o futuro, o que somos e o que devemos ser. Educar, e em especial formar, é tornar concretamente possível, trabalhar para realizar o movimento instituinte de criação da autonomia, da liberdade, da humanidade, da sociedade, das instituições, dos grupos e indivíduos autônomos, livres e justos (COÊLHO, 2009, p. 21).

O trabalho intelectual no campo da formação humana se dá não apenas em instituições de ensino, apesar da escola ser o espaço socialmente legitimado para que a educação regular ocorra, a educação e a formação se realizam em espaços não-escolares. Assim, a presente pesquisa, ao observar um espaço não-escolar, propicia, sobretudo, a reflexão sobre em que condições as relações humanas – institucionais, profissionais e

interpessoais –, se realizam nesse espaço e, pensar como elas podem ser de outro modo, um modo mais humano, mais formativo e mais propositivo em vista não apenas do lucro, mas também de melhores condições de trabalho para as pessoas que ali trabalham e as que buscam descanso e lazer ofertados pelo Clube.

Daí a imprescindibilidade dessa pesquisa e do debate que ela provoca no contexto da formação inicial de professores no curso de Pedagogia. A estrutura e organização do local de trabalho são questões que precisam ser pensadas não apenas em vista dos clientes, mas também dos sujeitos que ali trabalham. Pensar essas questões requer atenção e compreensão em relação a dimensão humana em sentido amplo.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2006, p. 7)

O reconhecimento e compreensão a educação acontece onde há relações humanas é fundamental ao debate sobre o trabalho pedagógico, sobre os diferentes espaços que ele se realiza na sociedade. O trabalho de pensar a educação e a formação pode acontecer em espaços empresariais de diferentes ramos, estatais ou privados, em instituições de saúde, como hospitais, na imprensa em geral, na área das agrárias, no campo judiciário, na arte em geral, entre outros.

A pedagogia, como ciência da educação, desenvolveu, ao longo de sua história, sistemas teórico-metodológicos com foco nas práticas educativas em suas diversas dimensões. Embora seja comum associar o conhecimento

em pedagogia à escola, ou ao ensino de crianças, os conhecimentos pedagógicos se constituem em importantes ferramentas que proporcionam modos de compreensão e intervenção em situações educativas diversas. (SEVERO, 2015, p. 571).

O Curso de Pedagogia abrange uma multiplicidade de conhecimentos e reflexões sobre as concepções de homem, de educação, de sociedade e de mundo. As discussões e debates no âmbito do currículo e habilitação do Curso de Pedagogia é complexa, antiga e de longa data. Nesse caminho de avanços e retrocessos surgiram leis, resoluções, documentos, que formalizaram a identidade do (a) pedagogo (a).

Um exemplo de mudança quanto à identidade de professor, no caso da(o) pedagoga(o) é a Resolução CNE/CP n. 01 de 2006, que formaliza a identidade da(o) pedagoga(o) para a docência em sala de aula abrangendo a Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos – EJA e modalidade normal do Ensino Médio, bem como no campo da pesquisa, atuação em espaços não-escolares, atuação interdisciplinar e organização de estudo (KOCHHANN; MORAES, 2018, p. 123)

A Resolução CNE/CP n. 01 de 2006 tem a compreensão da formação do pedagogo intrínseca a estudos e reflexões teórico-prática, compreendendo desse modo a ação educativa para além da sala de aula. Fomenta-se os artigos dando ênfase aos conhecimentos indispensáveis ao graduando em Pedagogia, assim como os fundamentos que nortearão o trabalho pedagógico nos espaços escolares e não-escolares, sinalizando a incorporação de conhecimentos sobre filosofia, antropologia, história, psicologia, sociologia, entre outros.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

A Pedagogia compreendida como Ciência da Educação se abre como reflexão sobre a formação humana, pensando processos educativos em espaços não-escolares. No entanto, segundo Libâneo (2001) essa compreensão de formação da Pedagogia para além da sala de aula ainda é pouco compreendida pelos profissionais da educação. Além disso, a sociedade no geral, não tem essa compreensão de que o pedagogo pode atuar em espaços não-escolares, como exemplo o trabalho de elaboração de projetos, bem como organização de espaços constitutivos das relações humanas.

Há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos, brinquedos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço. Há uma prática pedagógica nas academias de educação física, nos consultórios clínicos. Na esfera dos serviços públicos estatais, são disseminadas várias práticas pedagógicas de assistentes sociais, agentes de saúde, agentes de promoção social nas comunidades etc. São práticas tipicamente pedagógicas. (LIBÂNEO, 2001, p. 4)

A docência ultrapassa os “muros” da escola, assim, pensar a formação do (a) pedagogo (a) indubitavelmente precisa abranger diversas concepções, reflexões, conceitos e, acima de tudo, reflexões sobre a indissociabilidade teoria e prática.

A FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: análise dos dados coletados

Ao pensar mais diretamente sobre os dados coletados sobre o objeto de estudo na presente pesquisa, o Clube Aquático Recanto Montes das Oliveiras/REMO, buscamos mostrar que o trabalho que se realiza em espaço não-escolar, tem suas complexidades, possibilidades e limites. Assim, nossa pesquisa não pretende ser definitiva sobre a questão, antes, procuramos pôr em questão alguns aspectos que a observação nos permitiu identificar e trazer para o centro de nossas reflexões. Optamos por apresentar as observações feitas e, na sequência, apresentar nossas sugestões e críticas sobre cada uma delas.

O Recanto Montes das Oliveiras mais conhecido por REMO localiza-se na Fazenda Samambaia, município de Auri-lândia-GO. O acesso principal é pela Rodovia GO 164 à direita 12 Km. Além de ser um Clube Aquático, conta também com um ramo de hotelaria com apartamentos destinados a hospedagem. A observação foi realizada no Clube Aquático como um todo.

A pesquisa iniciou-se com a observação do trajeto da faculdade ao REMO, procurando identificar a sinalização e/ou outras informações sobre o Clube. Ao sair da rodovia, há uma placa de sinalização do clube. O percurso possui placas indicativas que facilitam a localização das pessoas até seu destino.

Porém, é necessário ter uma placa de sinalização no cruzamento que dá acesso ao local destinado ao lixo produzido no município de Aurilândia-GO.

Imagem 1 – Placa de sinalização



Fonte: autores (2019)

Na entrada do clube há uma linda fachada com um espaço destinado a recepção, onde são efetuados o registro e/ou pagamento do ingresso de entrada e a vistoria. Esta vistoria é realizada porque há algumas regras para entrar no clube, dentre elas: não é permitida a entrada de alimentos que caracterizam refeição já preparada; bebidas alcoólicas e não alcoólicas, alguns objetos como churrasqueira elétrica, panela elétrica, entre outros. Um aspecto muito interessante é que nesse local contêm carrinhos destinados ao transporte de bagagens dos clientes e uma cadeira de rodas. O estacionamento é um amplo e está em construção.

No clube há um restaurante, no qual são vendidas porções de alimentos variados preparados no local. Para o lanche é permitido a entrada de alguns tipos de alimentos, como bolos, bolachas, salgadinhos. O espaço do restaurante é bem amplo, sendo assim, pensando na ampliação da empresa e, ao mesmo tempo, pensando no cliente, seria interessante que o REMO vendesse lanches diversos, como pão de queijo, biscoito, roscas, salgados e outros, assim, os clientes que, porventura quisessem consumir apenas alimentos do clube seriam contemplados. Poderia ter ainda, um espaço de venda de alguns utensílios para banho, protetor solar, óculos de sol, entre outros objetos. Mesmo que contêm bolas e alguns brinquedos para venda, é interessante ter mais itens para comercialização. Para exemplificar essa questão, é importante pensar que, muitas pessoas vão ao clube para acompanhar seus amigos e familiares. A princípio, sem a intenção de usar as piscinas ou ir as cachoeiras, mas, pensando que essas pessoas ao chegarem no local mudem de ideia, provavelmente precisarão de alguns utensílios para usufruir integralmente do espaço.

No espaço do restaurante tem uma piscina, esta ideia foi muito bem pensada, porém é necessário um piso antiderrapante de fabricação mais resistente, considerando que o fluxo de pessoas nesse local é intenso e, também, a todo momento tem crianças correndo de um lado para o outro e pessoas transitando. Sendo assim, é importante pensar na segurança e bem-estar de todos que frequentam o local.

Imagem 2 – Restaurante



Fonte: autores (2019)

As pessoas que vão a esse local, além de usufruírem de piscinas, contam também com uma área para esporte na água, sendo esta uma área bem sinalizada com demarcação de profundidade. Há também dois escorregadores aquáticos, câmeras de segurança, brinquedos infantis, caixas de som espalhadas pelo local com finalidade para comunicação e uma *playlist* diversificada, inclusive com repertório musical diversificado alcançando diferentes gostos. Os clientes podem andar de

pedalinho no lago, *Walter Ball* (uma espécie de bolha inflável), para usar estas duas opções há um valor a parte em relação ao da entrada.

Imagem 3 – Espaços com piscinas



Fonte: autores (2019)

O Clube possui diversas churrasqueiras à disposição para o uso das pessoas, além disso, estão disponíveis pias e espaço para churrasqueira. Há um espaço com mesas e cadeiras debaixo de árvores propiciando um ambiente agradável e

arborizado. Nos diversos ambientes contêm tomadas para uso diverso, inclusive apropriado para carregar a bateria de celulares, além de ter *Wi-Fi* liberado. No entanto, os quiosques próximos ao lago carecem de tomadas.

Imagem 4 – Espaços para lazer



Fonte: autores (2019)

Pelo expressivo fluxo de visitantes ao REMO, próximo ao lago poderia ter mais piscinas, e maior disponibilidade de piscinas infantis, observando a questão da segurança dos

banhistas, nesse sentido, a presença de um salva-vidas no local é fundamental. Além disso, considerando a diversidade de pessoas que frequentam o clube, seria importante a implantação de piscina com acessibilidade para pessoas com deficiência, bem como rampa de acesso, escada submersa, corrimãos e barras de apoio, bancos de transferência, entre outros aspectos de acessibilidade, bem como a adaptação desses recursos as piscinas existentes. A questão da acessibilidade deve ser vista não apenas como custo, mas sobretudo como melhor atendimento aos clientes, pois é direito da pessoa com deficiência ser incluída nos espaços públicos e privados.

As observações realizadas sobre o espaço e os dados coletados a partir dessa observação, considera-se que o Clube está em desenvolvimento, quer dizer, muitas construções estão sendo feitas, inclusive a ampliação do ramo hoteleiro. Recentemente a cidade de Aurilândia foi incluída no mapa de Turismo do Estado de Goiás, nesse sentido, o REMO é um espaço de destaque, que poderá crescer cada, desde que seja pensado e sistematizado investimentos contínuos, como os que identificamos no complexo, como por exemplo, as condições físicas e estruturais do local e, acima de tudo, é imprescindível pensar as relações humanas estabelecidas e construídas ali. Em nossa pesquisa, por questão de tempo, fizemos um recorte que não incluiu a dimensão dos recursos humanos, no entanto isso não significa que seja menos importante que os aspectos avaliados.

Muitas empresas têm aderido a programas de fidelidade, sendo este muito bem avaliado entre as pessoas. Com o incentivo de voltar mais vezes a empresa e, ao mesmo tempo, a divulgação para diversas pessoas. Este caminho seria uma proposta relevante caso o REMO aderisse, bem como a organização de um cronograma de atividades diversificadas que contemple do público infantil ao idoso, essas atividades podem, por exemplo,

envolver música, dança, esporte, modalidades de atividades aquáticas, entre outras.

As pessoas buscam que visitam esse espaço buscam um momento de lazer, de descanso, de tranquilidade e diversão. Para assegurar a qualidade da oferta desses serviços é fundamental que investimentos sejam feitos, seja para novas propostas ou conservação das que já existem, de modo que a empresa mantenha sua estabilidade financeira e se desenvolva de forma a atender a multiplicidade de pessoas que escolherão o REMO como espaço de descanso e diversão.

CONSIDERAÇÕES

Ao pensar sobre alguns aspectos do campo da Pedagogia, a formação e o campo de atuação dos licenciados em Pedagogia, colocamos em debate a relevância da compreensão sobre a educação e a formação. Daí a importância de fomentar e difundir o estudo e o debate acerca do tema em questão, uma vez que, impreterivelmente o homem precisa de formação. Desse modo, é importante pensar nos espaços não-escolares, sobretudo colocar em questão seu modo de organização e estruturação, pensando em seus objetivos, princípios e ideais, além disso, propiciar espaços de experiências formativas, independentemente do ramo a que pertençam.

Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico é indubitavelmente relevante e substancial. Vimos que a atividade pedagógica realizada a partir da observação de um Clube Aquático propiciou a reflexão sobre várias questões, sendo uma significativa experiência formativa que não se encerra com essa primeira análise, pelo contrário, se abre outras questões e debates no que diz respeito a formação e trabalho do professor em espaços escolares e não-escolares.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 48ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 01, de 15 de maio de 2006**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> acesso em Out/2019

COÊLHO, Ildeu Moreira. **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

KOCHHANN, Andréa; MORAES, Ândrea Carla Machado de. A identidade do pedagogo para a docência ampliada: constructos iniciais para entender o conceito e concepções. ARAÚJO, Eleno Marques de. **Ensino, Pesquisa e Extensão: diálogos da formação e prática docente**. Goiânia: Kelps, 2018. p. 123 – 146.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. acesso em Out/2019.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não-escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, 2015. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561> acesso em Nov/2019.

O PEDAGOGO EM EMPRESA DE CELULAR E ASSISTÊNCIA TÉCNICA: uma discussão do fazer pedagógico

Erika de Freitas Borges^[19]

Henrique Vieira Guimarães^[20]

O curso de pedagogia foi regulamentado a década de 1939, por meio do Decreto nº1. 190. “[...] Bacharéis e licenciados para variáveis, entre elas, a área da pedagógica [...]” e segundo Machado (2013, p. 29) o pedagogo foi considerado como “Técnico em Educação”. A autora ainda ressalta que atualmente a “identidade” do pedagogo regula-se na “docência”, com aptidão mais crítica e emancipada, assim como é colocado na resolução CNE/CP nº 01/2006.

No art. 4º diz que o pedagogo pode atuar em outras áreas nas quais sejam aplicados conhecimentos pedagógicos como “planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências não-escolares”. Dessa maneira, se compreende que o pedagogo não está formado simplesmente para lecionar, uma vez que a área da pedagogia tem um leque bem abrangente de opções, nesse contexto é ligada à “pedagogia empresarial”.

19 Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG

20 Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG

Diante disso, apresenta-se que o universo empresarial do século XXI tem sido frisado mediante grandes transformações da sociedade capitalista, visto que as empresas precisam prover as necessidades impostas por seus consumidores mediante um alto nível de produção o que requer grandes e severas reflexões. Nesse espaço e com esse contexto, o pedagogo pode ser inserido para realizar seu fazer pedagógico.

A palavra *paidagogos* nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. [...]. Os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental. (Aranha, 2006, p.67)

Para fomentar essa discussão, realizamos a presente pesquisa qualitativa que tem como metodologia um referencial bibliográfico embasado em alguns artigos, publicações e também observações, relatos, entrevistas e arrolamos possibilidades de intervenções em um espaço empresarial.

A PEDAGOGIA EMPRESARIAL: uma análise inicial

A pedagogia empresarial é uma das partes da pedagogia aplicada às relações específicas de uma empresa, com o objetivo de gerar modificações nos comportamentos de seus associados, para melhorar o desempenho profissional, pessoal, interpessoal e familiar. Um dos pontos específicos que é dever do pedagogo empresarial é objetivar a humanização e emancipação com seus funcionários.

Essa nova formação de pedagogo empresarial da área da pedagogia ainda é algo recente, a minoria da população que

sabe desse novo processo, devido ao fato da atuação do pedagogo ter sido restrita à área da educação escolar. Esse avanço na pedagogia vem para que o desenvolvimento profissional seja mais elevado, assim como as novas tecnologias trouxeram benefícios para o ensino e aprendizagem, o pedagogo empresarial vem para dar suporte adequado a empresas e profissionais.

O alvo principal do pedagogo empresarial são os comportamentos provocados nas pessoas, esse pedagogo deve ser uma pessoa crítica, ter pulso firme para adaptar-se às mudanças. Cabe também ao mesmo a transmissão de técnicas de levantamento de necessidades, elaboração e programas de treinamento.

Pesquisa e ensino que, enquanto *práxis* educacional, tem como direção de sentido o interminável projeto histórico de humanização dos homens, ou seja, a desalienação – a transformação das condições sociais produtivas e reprodutivas da alienação (desumanização). Pimenta (2006, p.56)

Apesar da forma capitalista de administração nos espaços empresariais ser um ponto negativo, a mesma é de suma importância para que o objetivo da humanização e emancipação chegue até os funcionários e eles possam agir de forma mais crítica, obtendo visão mais ampla do processo, permitindo assim estimular seus pensamentos e não agir somente por reflexo, como se fosse máquinas.

Essas atividades administrativas são realizadas para que os funcionários sejam mais humanos, indivíduos emancipados. O pedagogo empresarial deve construir caminhos para o desenvolvimento de indivíduos emancipados. Ele tem que conseguir repassar, dar o suporte total a esse trabalhador, assim como foi mencionado acima.

Libâneo (2009) afirma que a educação tem cunho emancipatório e que por meio dela, é possível alcançar a humanização

das relações. As empresas são organizações que são formadas por pessoas juntas, as quais veem a importância da educação no trabalho, é aí que começam a procura importante por alguém que possa compartilhar para esses funcionários que a humanização gera educação, a qual geralmente é orientada pelo pedagogo empresarial.

Cada pessoa possui uma necessidade própria, e é dever do pedagogo na empresa entender a cada um e tentar suprir as suas necessidades articulando-as, sendo um benefício tanto para a empresa quanto para o trabalhador. Esse trabalhador, tendo as devidas orientações e valorização, irá gerar melhor qualidade no seu serviço, porque o trabalhador estará satisfeito com o ambiente que está, e assim o atendimento, a orientação, o diálogo com os clientes vai gerar agrado e afeto a empresa.

Em uma empresa o lucro faz parte dos objetivos da mesma, porém para que as relações sejam humanizadas a empresa não deve forçar um lucro imediato, mas sim gerar um ganho em um período a longo prazo. Por exemplo, se uma empresa tem profissionais emancipados e humanizados e está preocupada com o bem-estar dos clientes antes de vender ou oferecer seus serviços, o cliente com certeza dará retorno agradável e voltará mais vezes ao lugar onde ele foi bem recebido. Importante se faz a conscientização do trabalho do pedagogo empresarial, bem como de sua formação mediante sua atuação e compreensão de todo o sistema que envolve a empresa.

Mediante as pesquisas realizadas trazemos que, os benefícios resumidos de se ter um pedagogo empresarial em sua empresa seria: a) Primeiramente desenvolver novas competências para compreender o negócio, causas e os efeitos de certas decisões estratégicas. b) Segundo ponto, o pedagogo permite adquirir novos conhecimentos sobre como a missão organizacional influencia as decisões cotidianas na organização. c)

Terceiro ponto, ele consegue visualizar novos horizontes combinando os novos conhecimentos e competências para ajudar os colaboradores a verem mais claramente o que devem alcançar e como fazer isto. d) Por último, o colaborador se sente recompensado em seu trabalho, pois aprendendo e desenvolvendo habilidades e competências, as pessoas se sentem mais satisfeitas e realizadas com aquilo que fazem.

A pedagogia empresarial no desenvolvimento do capital humano e da humanização precisa ser uma discussão profunda. Apesar das contradições é frequente pautar sobre a importância do pedagogo em um espaço que vem crescendo cada vez mais estudos e reflexões para orientarem e darem suporte a estes profissionais para que eles possam atender o mercado, porém de uma forma emancipada para se orientar profissionais humanizados as relações.

OPEDAGOGO EMPRESARIAL: uma análise do fazer pedagógico

A nossa prática pedagógica ocorreu durante os dias 24/09/2019 (terça-feira) e 25/09/2019 (quarta-feira) das 07h às 11h, em uma loja de acessórios para celulares e assistência técnica, Center Cell, localizada: na Rua 13 de Maio; Quadra 25; Lote 08; Setor Gercino Marques em São João da Paraúna, Goiás.

Iniciamos o nosso primeiro dia fazendo uma análise como um todo da empresa. Observamos primeiramente o quadro de funcionários que se resume somente no proprietário. Observamos que o ambiente apesar de ser muito pequeno, ele consegue aproveitar o espaço e trabalhar bem, pode ser feito algumas reformas para melhoria do ambiente, que serão sugeridas logo mais no tópico “intervenções”. Acompanhe a seguir as imagens que foram tiradas do estabelecimento:

Figura 1 – Balcão de Atendimento



vFonte: Os autores (2019)

É notável a preocupação da organização e limpeza que o proprietário detém nesse ambiente, por ser o local onde realiza-se o atendimento ao cliente.

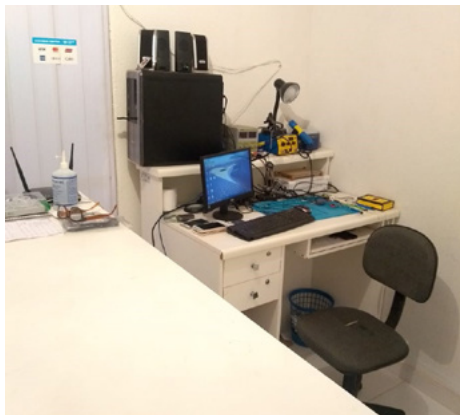
Figura 2 – Exposição dos Produtos



Fonte: Os autores (2019)

Observa-se que aqui o proprietário organiza as mercadorias seguindo a especificação de cada aparelho.

Figura 3 – Área Restrita (Avaliação e Conserto)



Fonte: Os autores (2019)

Percebemos aqui o local onde o proprietário desempenha os serviços técnicos nos aparelhos.

Figura 4 – Ambiente de Espera



Fonte: Os autores (2019)

Vale ressaltar a atenção do proprietário no conforto de seus clientes, mesmo que simples, há um ambiente de espera, onde eles podem aguardar durante o atendimento.

O atendimento também foi algo que tivemos a oportunidade de analisar e ficamos satisfeitos, durante o período que ficamos lá, notamos que o proprietário estava sempre pronto para o atendimento. Os serviços prestados e os produtos que o estabelecimento oferece aos seus clientes também são de qualidade, percebemos quando fizemos uma pesquisa com os clientes e o resultado foi satisfatório.

A pesquisa foi realizada através de questionários entregues para os clientes responderem, com perguntas que auxiliaram na nossa sugestão de melhorias para o estabelecimento. Conseguimos 8 clientes para responderem esses questionários (em anexo). No nosso segundo e último dia de prática pedagógica na loja Center Cell pedimos ao proprietário que nos concedesse uma entrevista, a qual foi filmada.

O proprietário da empresa se apresentou objetivando disponibilizar informações básicas, para melhor compressão dos expectadores relacionada ao contexto em que se encontra inserida sua empresa que possui como objeto de trabalho assistência técnica, venda de aparelhos e acessórios de celulares. Sendo que a empresa foi aberta há aproximadamente 5 (cinco) meses.

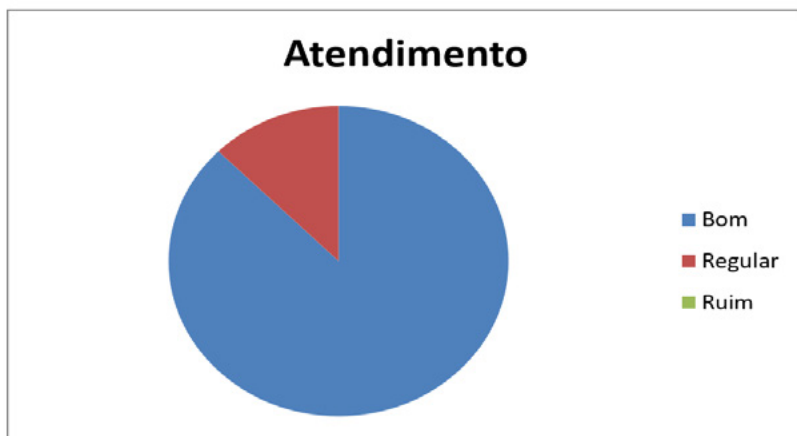
Sua motivação em montar tal estabelecimento comercial aconteceu quando fez uma análise de mercado, concluindo que o município estava desamparado nesse ramo, já que não havia nenhum comércio local que dispusesse a população oferta nesse sentido. Em relação ao quadro de funcionários da empresa, atualmente é composto apenas pelo próprio comerciante proprietário, por se tratar de uma pequena empresa, fundada há poucos meses.

O proprietário expõe de forma otimista suas pretensões futuras no sentido de expandir seu negócio, na mesma proporção do crescimento de sua demanda aliado ao aumento gradativo de opções em produtos. As formas de pagamento dos serviços incluem valores à vista, cartão de crédito e dependendo do valor se divide em, no máximo, 5 (cinco) vezes.

Foi aplicado um questionário contendo 3 perguntas a 8 clientes da empresa, os quais foram escolhidos aleatoriamente, ao chegarem na empresa, enquanto era realizada a observação, e convidados a participarem da pesquisa. Mediante o livre aceite, responderam e entregaram no mesmo momento.

O primeiro questionamento foi sobre o atendimento. Dos 8 respondentes, 7 disseram que o atendimento é bom, totalizando 88%. Enquanto que 1 respondeu que o atendimento é regular, totalizando 22%. Nenhum respondeu que o atendimento é ruim. Isso significa que a qualidade do atendimento está eficiente e que com pequenos ajustes deverá melhorar.

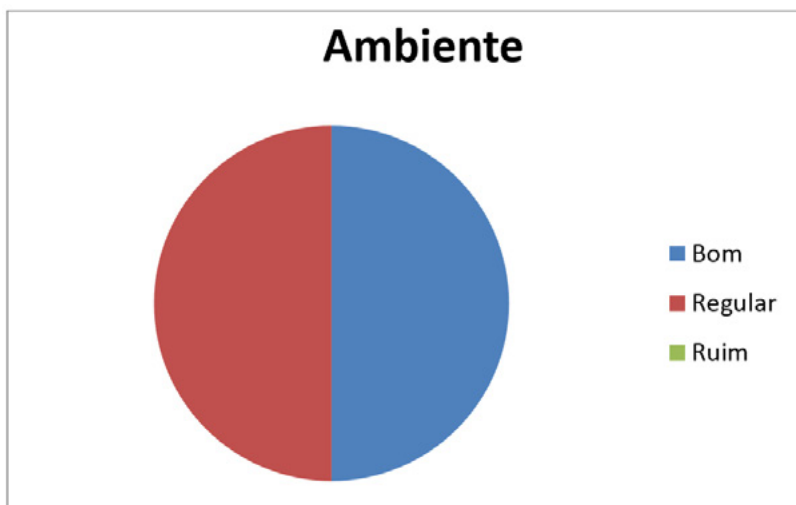
Gráfico n. 1 – Atendimento



Fonte: Questionários (2019)

O segundo questionamento foi sobre o ambiente. Dos 8 respondentes 4 disseram que o ambiente é bom, totalizando 50%. Enquanto que 4 disseram que o ambiente é regular totalizando 50%. Nenhum respondeu que o ambiente é ruim. Isso significa que alguns ajustes devem ser feitos no ambiente, pois o empate caracteriza que o ambiente necessita passar por uma reformulação para melhor adequar o ambiente, essas estruturas serão tratadas no item intervenções.

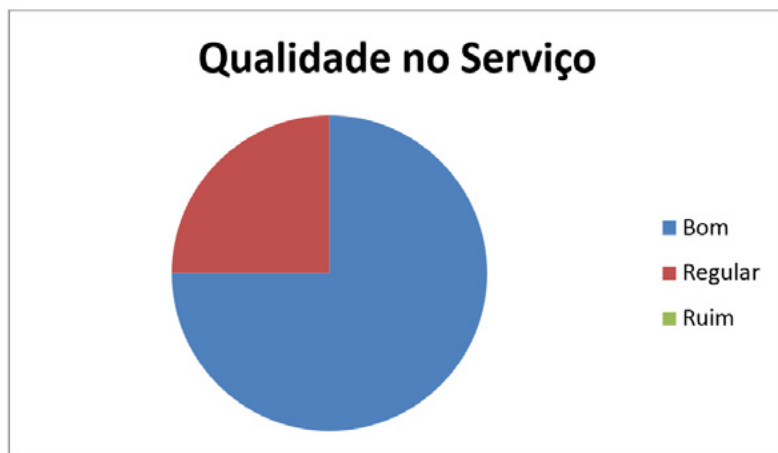
Gráfico n. 2 – Ambiente



Fonte: Questionários (2019)

O terceiro questionamento foi sobre os serviços prestados. Dos 8 respondentes, 6 responderam que a prestação de serviços é boa, totalizando 80% enquanto 2 responderam que é regular, totalizando 20% e nenhum respondeu que é ruim. Isso significa dizer que com pequenas adequações a prestação de serviço chegará aos 100% de qualidade. Sugestões serão dadas no item intervenções.

Gráfico n 3 – Prestação do Serviço



Fonte: Questionários (2019)

Durante a prática pedagógica fomos orientados a fazer uma lista de possíveis intervenções para a melhoria do ambiente empresarial observado. Podemos então sugerir algumas mudanças, tanto na estrutura, quanto ao atendimento para melhor funcionamento da empresa. Entre elas: estão: a) criar um cartão fidelidade para o cliente, com o intuito de atrair mais clientes para a loja, o cliente juntando pontos poderá trocar por brindes; b) fazer um trabalho nas redes sociais para melhor divulgação dos serviços prestados e dos produtos vendidos; c) adquirir um uniforme, que auxilia a passar credibilidade e compromisso para o cliente; d) prestar serviço de entrega e buscar os aparelhos para conserto e fazer entrega nas casas dos produtos vendidos; f) aumentar o número de funcionários, pois um problema que encontramos é que o proprietário é o único funcionário do estabelecimento, com isso, quando ele tem que se ausentar para a reposição de mercadorias ou outros fins, o estabelecimento fica fechado, não tendo horário definido para

o funcionamento; g) colocando mais um funcionário terá também que investir em capacitações;

Sugerimos, quanto ao espaço e ambiente da empresa tais mudanças: a) construir rampa de acesso para cadeirantes, deficientes e idosos; b) substituir a porta estreita por uma maior, mais larga, para melhor acesso; c) construir um banheiro acessível aos clientes com sinalização e adaptações; d) ampliar a recepção, pois é muito pequena, com intuito de conforto na espera e mais espaço para o atendimento e exposição dos produtos; e) instalar ar condicionado, ou climatizador, para melhor climatização do ambiente; f) e, por fim, instalar um bebedouro para que os clientes possam usufruir dele.

CONSIDERAÇÕES

Mediante essa pesquisa bibliográfica foi possível perceber que a pedagogia empresarial traz consigo um enriquecimento satisfatório para a formação profissional e pessoal das pessoas, principalmente dos pedagogos. Pretende-se buscar conhecimentos mais aprofundados sobre esse assunto tão atraente e novo em nossa sociedade.

Durante este trabalho pudemos perceber a quantidade de pessoas que não tinham conhecimento que o pedagogo poderia atuar em áreas não-escolares. Queremos atingir mais pessoas com essa novidade, e mostrar o papel importante que o pedagogo deve assumir em diversas áreas, em especial, a área empresarial.

REFERÊNCIAS

KOCHHANN, Andréa; MORAES, Andréa Carla; BARBOSA, Sidney. **A pedagogia empresarial na era da informação/conhecimento: atuação (im)possível do pedagogo para emancipação humana.** Anais da V semana de integração, UEG, Inhumas Goiás, 2016, pag. 103-113.

KOCHHANN, Andréa; PAULA, Elenaice Silva; BARBOSA, Sidney. **Atribuições do pedagogo empresarial na gestão de pessoas das organizações.** Anais da V semana de integração, UEG, Inhumas Goiás, 2016, pag. 94-102.

MENDONÇA Bruno. **A importância de um profissional de pedagogia empresarial.** Eoodls, Blog de planejamento, gestão e otimização. 2018.

A ATUAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) EM ESPAÇO DE ADVOCACIA: contribuições para uma gestão pedagógica

Ivonete Rodrigues de Faria Souza^[21]

Este texto objetiva relatar a atividade de olhar e escuta pedagógica, propostos na disciplina “Pedagogia em espaços não-escolares”, contida no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos. O estudo foi desenvolvido no escritório de advocacia, Emergência Jurídica, objetivando a elaboração de um projeto de intervenção para alcançar melhorias para o espaço e organização das atividades realizadas na referida empresa, com a questão “Como pode ser desenvolvido o trabalho do pedagogo na advocacia?”. O estudo foi dividido em três momentos, o primeiro de observação do espaço, o segundo da realização da coleta de dados por meio de entrevista e fotos, e o último momento concluiu-se com a construção deste trabalho. Os métodos de pesquisa utilizados consistiram em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Para o embasamento teórico utilizou-se dos autores: Kochhann *et al* (2015), Vieira, (2011) e Ribeiro (2010).

21 Pedagoga do curso de Pedagogia da UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus São Luís de Montes Belos. E-mail: ivoneteslmb@outlook.com

A empresa selecionada para a pesquisa foi o Escritório de Advocacia “Emergência Jurídica”, situado na Rua Rio Claro, de propriedade do casal de advogados, Doutora Divina Maria Dias, OAB/GO 14.835, e do Doutor João Manoel Dias, OAB/GO 10.360, ambos regularmente cadastrados na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)-Goiás, e em plena execução de suas funções legais. A referida empresa atua no mercado desde o ano de 1996, nesta cidade (São Luís de Montes Belos– GO), e por ser uma empresa totalmente familiar, possui, além dos donos, somente uma funcionária, a qual desempenha a função de secretária e também é a responsável pela organização e limpeza do local.

Por meio da pesquisa de campo e observação durante horário comercial, fez-se possível o levantamento de informações básicas acerca do desenvolvimento das atividades diárias da empresa. Um dos diferenciais quanto à política da empresa é o fato de não ser cobrada a consulta ao cliente, tal conduta da empresa, atrai um grande número de clientes, os quais na maioria das vezes se tornaram amigos do casal de proprietários, fato este que se dá pela forma que são tratados sempre que requisitam os serviços de assessoria, orientação e acompanhamento em processos jurídicos, oferecidos pelo referido escritório de advocacia.

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: bases legais

Na contemporaneidade, conforme as mudanças sociais e históricas que envolvem a sociedade, a formação do pedagogo objetiva estender-se para além do espaço escolar. Considera-se que a identidade do pedagogo só foi de fato oficializada no

ano de 2006, com a homologação da Resolução CNE/CP nº 01, de 15 de maio, a qual resguarda e estabelece o trabalho do pedagogo direcionando-o para um significado mais amplo (KOCHHANN *et al*, 2015). O Art. 5º da referida Resolução explicita sobre espaço escolar e não-escolar.

IV – Trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares.

Percebe-se então, que o papel do pedagogo não se resume mais somente ao ato de ensinar, dar aulas na Instituição Escolar, exclusivamente para crianças. A Resolução esclarece a função do profissional docente como promotor da aprendizagem dos sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, outra vez ressaltando, que essa promoção pode ocorrer em diversos níveis e modalidades do processo educativo, portanto, não se trata do processo unicamente escolar. Tal discussão sobre a amplitude do papel do pedagogo, aponta para a compreensão de docência ampliada. Conforme Vieira (2011, p. 131) “[...] a concepção de docência proposta como base da formação supõe um modo particular de apreensão configurando-se como conceito alargado, que vai além da relação ensino-aprendizagem, em situações formais ou não.”.

Nesse contexto, a formação do pedagogo o habilita para exercer a docência de maneira alargada, na gestão, no planejamento, na organização do trabalho, nas relações sociais, isso sendo feito tanto em espaços escolares como não-escolares. O

olhar pedagógico permite que o profissional observe e avalie os espaços, possibilitando a elaboração de projetos, os quais podem contribuir para o crescimento geral do local de atuação. Permite também, o desenvolvimento de ações que promovem a interação social, contornando situações adversas, desafios, etc.

Com sua ampla formação, o pedagogo está apto para atuar em empresas, trabalhando seu potencial de liderança, pondo em prática o olhar pedagógico que analisa desde a estrutura física de um local, até o processo das relações humanas, trabalhando para que todos os aspectos estejam em bom funcionamento. A vista disso, a Pedagogia Empresarial possui uma relevância promissora diante da dificuldade em organizar o funcionamento de uma empresa para que sua preocupação não se fixe somente na produtividade incessante, ignorando os fatores de qualidade e a dimensão humana.

[..] a Pedagogia Empresarial como um elemento de articulação entre o desenvolvimento das pessoas e as estratégias organizacionais. Ratificam que o pedagogo empresarial desenvolve suas atividades com o Departamento de Recursos Humanos, hoje com uma mais abrangente dos fenômenos organizacionais. Em outras palavras, as ações deste departamento ultrapassam os aspectos instrumentais e tornam-se mais sensíveis à dinâmica das relações entre indivíduo e sociedade; compreendem que o espaço organizacional é, sobretudo, um espaço de valorização da dimensão e da dignidade humanas. (LOPES *et al.* 2006, apud RIBEIRO, 2010, p. 10)

Desse modo, a Instituição Empresarial produz tanta qualidade de vida aos seus colaboradores, proprietários e clientes, como também oferta serviços satisfatórios, tudo isso contribuindo para o progresso da empresa.

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: uma experiência no escritório de advocacia

Conforme mencionado, a empresa (lócus da pesquisa) escolhida foi um escritório de advocacia que funciona somente durante o período vespertino, ou seja, abre às 13 horas encerra o expediente às 18 horas. Durante este período, são realizadas várias ações, que são, consultas de orientações em diversas áreas que competem a formação dos profissionais que ali trabalham, bem como; xerox e plastificação de documentos; abertura, análise e encaminhamentos de processos; dentre outros. Atendendo uma clientela diversificada, das mais diversas classes sociais.

A empresa está situada em uma localização de fácil acesso, localizada em uma das ruas principais da cidade. Diante disto, a fachada da empresa em pesquisa apresenta todos os dados para o conhecimento do cliente, como telefones, profissionais que atuam no espaço, e tipo de atendimento que oferecem.

Fotografia 1 – Fachada da empresa



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

Fotografia 2 – Fachada da empresa.



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

A parte física da empresa é composta por três salas amplas onde funcionam a recepção e dois escritórios, possui também, outro cômodo onde funciona uma espécie de cozinha onde fica uma mesa com copos e xicaras e por fim um banheiro. Todo o ambiente muito bem limpo e climatizado adequadamente. Portanto, nota-se que o ambiente é harmonioso e organizado, principalmente no que se refere ao atendimento ao público.

Este espaço é reservado para o cliente enquanto espera para ser atendido, tendo café, biscoito a disposição do mesmo.

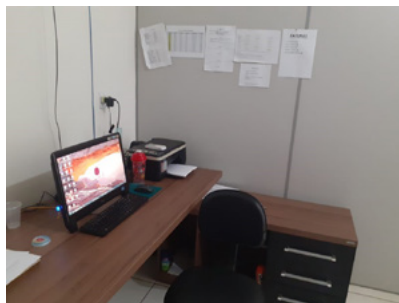
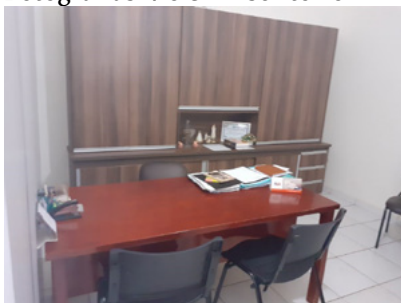
Fotografia 3 – Espaço reservado para café para os clientes.



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

O espaço a seguir está voltado para o atendimento direto ao cliente, sendo o principal ambiente onde recebem os clientes para consultas e montagens de processos.

Fotografias 4 e 5 – Escritório



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

A seguir, é segundo escritório onde são arquivados toda documentação, dos processos abertos e já encerrados. Sendo de acesso apenas dos que trabalham no ambiente.

Fotografias 6 e 7 – Espaço do Escritório



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

Neste ambiente é o local designado para a recepção dos clientes enquanto aguardam para o devido atendimento.

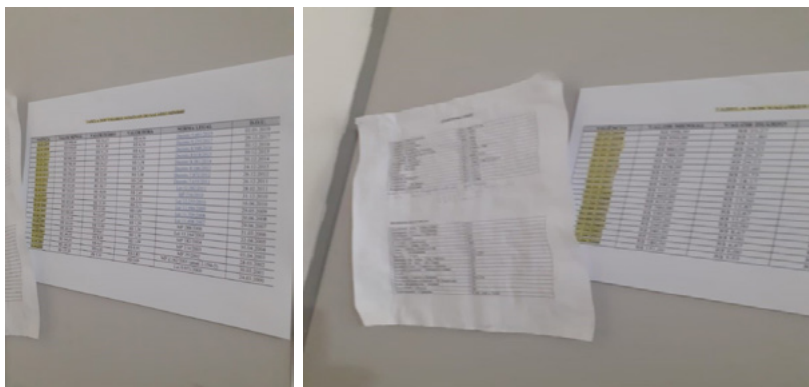
Fotografias 8 e 9 – Recepção do Escritório



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

Painel improvisado, fixado na parede do escritório principal, para controle dos serviços que são oferecidos pela empresa.

Fotografias 10 e 11 – Painel de controle dos serviços prestados.



Fonte: Smartphone da acadêmica (2019)

Na referida empresa, conforme observação, e também, de acordo com a afirmação da proprietária, o cliente e sua satisfação são a prioridade, pois são os mesmos que possibilitam diretamente a existência da empresa em análise. Uma das proprietárias, ao ser questionada sobre sua formação esclareceu que é formada em Direito, mas atuou durante um período de 24 anos na rede Estadual de Educação, nesta cidade como professora, pois possui também formação em magistério.

De forma que, as realidades profissionais da referida Advogada não estão muito distantes, pois, as suas duas áreas de atuação, é diretamente com pessoas, ou seja, na área de humanas. Ao ser perguntada quais motivos a levaram à mudança de sua atuação profissional, a advogada respondeu que um dos principais motivos foi a questão financeira, pois na época seu esposo que também era professor, estava cursando Direito e

ela viu no curso uma oportunidade de melhorar suas condições financeiras. Outro motivo para a busca de novas alternativas, segundo a Advogada, foi o fato de o salário oferecido para o professor da rede Estadual de Educação da época ser relativamente baixo e estar sempre atrasado, e ‘ela’ tinha quatro filhos pequenos para cuidar e educar, e não podia deixar passar essa oportunidade que se mostrava tão promissora, que das vantagens aparentes lhe abriam um amplo leque na possível prestação de Concursos Públicos.

Quando perguntada sobre as vantagens e desvantagens de sua mudança de campo profissional, a entrevistada disse que não houve desvantagens, pois sempre que advoga, aproveita para deixar a educação “falar” alto, pois advogar também é ensinar, segundo ela. Relata ainda que, durante as audiências em que participa procura ser o mais transparente possível, e, portanto, não considera ter tido nenhuma desvantagem, somente vantagens.

Durante a entrevista, pode-se observar a transparência e veracidade dos relatos da proprietária da referida Empresa, através da forma em que são conduzidas as orientações, disponibilizadas por ela aos seus clientes, e também, pela forma em a mesma se relaciona com sua funcionária, sempre com educação e carinho.

Assim, ao ser perguntada como é forma em se relaciona com sua funcionária, a Advogada respondeu que, “sempre teve com as funcionárias que colaboraram com ela durante todos esses anos, uma relação de profundo respeito, valorizando sempre o trabalho apresentado, porém, se necessário, com algumas ponderações no sentido proporcionar a elas a possibilidade de crescimento profissional, social, e porque não dizer o pessoal também”. Em relação aos clientes, a mesma, declara que, “é necessário a transparência, a confiança na demonstração do

conhecimento, a lisura, e por se tratar de seres humanos, o carinho, a presteza e a educação.

Portanto, analisa-se que, de acordo com as observações e a escuta pedagógica realizadas na Empresa Emergência jurídica, esta é muito bem gerida pela Proprietária Chefe em todas as áreas referentes à Gestão Empresarial, portanto, em caráter de aprimoramento do funcionamento físico e humano da empresa, foi sugerido algumas adaptações na parte estética e física desta, sendo elas: a criação de um painel pedagógico explicativo contendo todos os serviços e seus respectivos valores que são oferecidos pela empresa; transformar parte de umas das salas (menos usada) para a criação de um “Cantinho da Leitura”, com material direcionado tanto para crianças, quanto para adultos, pois o público que ali frequentam é bem diversificado; outra sugestão de melhoria foi na parte da recepção, com criação de uma decoração mais chamativa e aconchegante, dentro do tema trabalhado na empresa.

Ao final, todas as sugestões foram bem aceitas por parte da proprietária da empresa, que prometeu analisá-las e ponderar cada uma, de forma que, posteriormente possa concretizar cada sugestão feita com competência e dedicação, visando o retorno em forma de satisfação e bom atendimento aos seus clientes.

CONSIDERAÇÕES

Diante das análises feitas conclui-se, que o(a) pedagogo(a) possui formação inicial, firmada, assegurada e amparada na Lei de Resolução CNE/CP n. 01/2006, para a gestão, tanto pedagógica, quanto empresarial, nos diversos campos sociais. E que sua competência na área de humanas vem se difundindo

e ampliando cada dia mais. Assim, a identidade do pedagogo vai além de sua atuação como professor, ou seja, ele está apto para atuar em espaços escolares e não-escolares: como hospitais, empresas, ONGs, presídios, entre outros, bem como pesquisador, gestor e coordenador, e até mesmo na área agrária e de assistência social.

É importante que na formação dos futuros pedagogos e pedagogas haja a inclusão de tais atuações, de modo que não foque apenas na formação docente, explorando os demais espaços pedagógicos que na maioria dos casos é esquecido. A pedagogia não-escolar não se mostra muito diferente da escolar, pois o objetivo de incentivar o conhecimento permanece, o que difere são as ferramentas utilizadas e também o local e o público atendido. E ao colocar a pedagogia empresarial em foco, percebe-se a importância de sua atuação quando, nas organizações necessitam do processo efetivo de conhecimento para a resolução de problemas, onde nesse caso o profissional de pedagogia se mostra como o mediador daquele que irá transmitir o conhecimento aos colaboradores a fim de desenvolver o processo de aprendizagem.

Faz-se necessário a ampliação e exploração efetiva do pedagogo nas múltiplas áreas de atuação social, no que diz respeito a elaboração de projetos, orientação, coordenação e gestão pedagógica, visando a transformação humana e social dos indivíduos. E ainda, se mostra primordial a inclusão na grade curricular da formação dos profissionais de pedagogia, disciplinas que possam agregar as diversas áreas que o trabalho pedagógico atua, a fim de viabilizar aos acadêmicos as diferentes oportunidades de ambientes para exercer a profissão além do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em 15 de novembro, 2019.

KOCHHANN, Andrea, *et.al.* **A identidade do pedagogo: uma discussão sobre sua formação e atuação.** IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX) – “Educação e Linguagem: (re) significando o conhecimento”. 2015.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo na empresa.** 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

VIEIRA, Suzane da Rocha. Docência, gestão e conhecimento: conceitos articuladores do novo perfil do pedagogo instituído pela resolução cne/cp n. 01/2006. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n.44, p. 131-155, dez 2011 – ISSN: 1676-2584.

O PEDAGOGO ALÉM DO ESPAÇO DE SALA DE AULA: uma análise teórica e empírica empresarial

Magnólia Azevedo^[22]

Alessandra Menin^[23]

O pedagogo é um profissional com atuações amplas, não sendo então uma atuação restrita apenas as salas de aula, ou apenas ao espaço escolar, pois pode atuar em vários seguimentos desde que exista pessoas, logo a Pedagogia se constitui por meio de varias ações, que vão desde a docência, passando a pesquisa até a gestão, e essa gestão não é apenas a escolar, mas também dentro das empresas, organizações, que necessitam de um pedagogo, pois este contribui para o processo de formação dos sujeitos, visto que tem formação humanizadora, podendo mediar o trabalho pedagógico tanto na escola quanto fora dela.

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de

22 Pedagoga. Câmpus São Luís de Montes Belos. magnoliaazevedo@hotmail.com.br

23 Pedagoga. Câmpus São Luís de Montes Belos. acsm889@gmail.com

formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica (LIBÂNEO, 2001, p.11).

Visto que esse profissional tem uma área ampla na qual pode atuar, é inegável que necessita estar preparado para atender as demandas e singularidades desses campos de atuação, uma vez que a sociedade está em constante transformação, seja no campo da tecnologia, como no das relações humanas, pois as pessoas mudam de acordo com as mudanças e exigências sociais, e são vários os aspectos que interferem em tais mudanças, então este profissional deve acompanhar essas modificações no sentido de mediar os conhecimentos que cada dia se dinamizam. Assim como as exigências mercadológicas das empresas, o pedagogo não deve trabalhar apenas para suprir as necessidades de mercado, mas também as necessidades humanas dentro das organizações não-escolares, e para tanto necessita ser dinâmico e “atenado” com o contexto social.

Essa pesquisa foi bibliográfica e empírica. Enquanto bibliográfica se alicerçou em Kochhann et al (2015, 2016), Ribeiro (2003) e outros. A parte empírica se alicerçou em visitas em um espaço não-escolar, com intuito de compreender como funciona o pedagogo fora do espaço escolar e perceber a necessidade desse profissional dentro das instituições não-escolares, visto que pode contribuir significativamente para o bom andamento desses espaços, de forma dinâmica e humanizadora.

AS VÁRIAS IDENTIDADES DO PEDAGOGO: uma análise teórica

A identidade do pedagogo é um tema que tem gerado muita discussão, visto que pode atuar em vários seguimentos

educacionais e não somente escolar. Essa identidade vem sendo conquistada e após várias discussões e resoluções a identidade desse profissional se torna mais consistente.

Pelos marcos legais apresentados, o pedagogo tinha identidade tecnicista, porém se tinha uma identidade. Então, com a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, foi estabelecida uma identidade para o pedagogo, sendo que deve ser a docência, enquanto professor, pesquisador, gestor de espaços escolares e não-escolares (KOCHHANN et al, 2015, p. 228).

Nesse sentido, o pedagogo tem o direito de atuar não apenas como professor, logo a matriz curricular do curso de Pedagogia, deve preparar o estudante para atuarem em espaços escolares e não-escolares, ou seja, deve ser constituída de várias áreas do conhecimento, para preparar o estudante de Pedagogia nesses espaços que exige um profissional qualificado para desempenhar as diversas funções como exemplo: de professor, gestor, pesquisador.

O estudante então de Pedagogia necessita estudar teorias que abordem as ações pedagógicas, não se limitando apenas a docência, mas de forma ampliada para que nos espaços que tenha práticas pedagógicas, o mesmo possa saber intervir, em outras palavras possa atuar, como por exemplo: os hospitais, as empresas, visto que são espaços em que existe fluxo de pessoas e se tem pessoas tem pensamento, reflexão, e o pedagogo precisa articular informações, ou seja, teorias para saber fazer um bom trabalho dentro de tais espaços.

Sendo assim, a Resolução CNE/CP n. 01/2006 estabelece normas para o curso de Pedagogia desde seu currículo, a saída do egresso do curso, normatiza os conteúdos

e disciplinas a serem ministradas, extinção do normal superior e a complementação dos concluintes, entre outros (KOCHHANN et al, 2015, p. 228).

Logo o currículo do curso de Pedagogia, é amplo uma vez que a ação do pedagogo transcende o espaço sala de aula, pois a aprendizagem acontece em vários lugares, ou seja, o conhecimento não se limita a apenas a um determinado espaço ou assunto, pelo contrário estar em todo espaço que existe interação social, logo a prática pedagógica deve estar presente para poder orientar as pessoas no sentido de facilitar a aprendizagem desse vários conhecimentos, visto que estes não estão engessados apenas a sala de aula.

A pedagogia não-escolar se diferencia da pedagogia comum no aspecto de não ser trabalhada em sala de aula, e isso não quer dizer que deixe de ser uma metodologia de educação, o pedagogo tem o mesmo papel buscar estimular o conhecimento do indivíduo que por alguma razão tem dificuldade em desenvolver o conhecimento (KOCHHANN et al, 2015, p. 230).

Então, se o pedagogo tem esse papel estimulador do conhecimento, pode se concluir que a sala de aula é apenas um desses espaços, partindo da premissa de que o conhecimento não se adquire somente na escola, dentro de uma sala de aula, segundo a autora Kochhann et al (2015), existe a Pedagogia Empresarial, Pedagogia Hospitalar, nas Agrárias, em Presídios, Espaços Assistenciais, ONGs, e em outros seguimentos não-escolares, e os sujeitos inseridos em todos eles são diferentes, e por isso as práticas pedagógicas nesses ambientes se diferem, visto que as necessidades são distintas, e para saber identificá-las o pedagogo deve ter

um olhar atento, observador, crítico, criativo, ou seja, um profissional qualificado para saber atuar com a diversidade existente nesses espaços, uma vez que será um mediador de conhecimento.

Os cursos de licenciatura em Pedagogia devem contemplar em seu currículo os espaços não-escolares conforme PPC da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

O curso deverá preparar o pedagogo para atuar tanto em espaços escolares e não-escolares, sendo na docência, produção/difusão do conhecimento científico e tecnológico no campo educacional, e também possibilitará uma formação capaz de atuar nos processos sociais e criar alternativas com potencial para enfrentar as problemáticas que emergem no mundo atual (GOIÁS, 2015, p. 09).

Sendo assim, esse profissional é de suma importância tanto nos espaços escolares quanto fora deles, um espaço não-escolar do qual se faz presente esse profissional é o espaço empresarial, visto que:

As organizações estão inseridas num contexto social, econômico e político, que, portanto, sofrem mudanças ao longo do tempo. A gestão de pessoas traz a possibilidade de analisar essas mudanças que compreendem as interações estabelecidas na empresa, bem como refletir os processos dinâmicos da aprendizagem (KOCHHANN et al, 2016, p. 97-98).

E as organizações quando visam à lucratividade, necessitam de pessoas capazes de gerar tais lucros, e para isso os sujeitos necessitam ter conhecimento que os possibilita desenvolver um trabalho que proporcione o crescimento da empresa. Logo

o pedagogo é um profissional que articula os conhecimentos, porem de forma humanizada para que os colaboradores se sintam valorizados, e contentes com o trabalho que desempenham, fazendo com que a empresa alcance os objetivos almejados, pois como afirma Kochhann et al (2016, p. 99) “E o pedagogo será o profissional ideal na socialização das relações da empresa, bem como do reconhecimento da “liberdade” que o planejamento, organização de ideias e compreensão das possibilidades de mudança proporciona a cada indivíduo.”.

Então com base nessas discussões, pode-se inferir que os espaços nos quais o pedagogo pode atuar são amplos, e diversificados, logo exigem um conhecimento também amplo, nesse trabalho dá-se uma ênfase maior no empresarial, contudo sem desmerecer os demais espaços, e em qualquer espaço seja escolar ou não, se ensina, se educa, se aprende, pois como diz Paulo Freire (2000, p. 33): “Educar é substantivamente formar”. Portanto, o pedagogo ao educar, ensinar, mediar conhecimento está formando os sujeitos.

Nesse sentido, o que seria então o papel da pedagogia dentro de uma empresa? E quem responde a essa indagação é Ribeiro (2003), ao dizer que empresas passaram a se preocupar com o desempenho e a formação profissional dos seus colaboradores, vendo então a “necessidade de formação e/ou preparação dos Recursos Humanos nas empresas” (p. 09). Assim sendo, o pedagogo é quem irá mediar o conhecimento.

Tem como finalidade principal provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que estas melhorem tanto a qualidade do seu desempenho profissional quanto pessoal. [...] O Pedagogo Empresarial precisa de uma formação filosófica, humanística e técnica sólida a fim de desenvolver a capacidade de atuação junto aos recursos humanos da empresa (RIBEIRO, 2003, p. 10).

O pedagogo se torna um sujeito necessário para uma organização que se preocupa com seus recursos humanos, sendo estes imprescindíveis para manter a empresa no mercado, oferecendo um serviço de qualidade para todos.

ELLEGANCE TRAJES FINOS LOCAÇÕES: vestindo você em grandes momentos

Ellegance Trajes Finos Locações, uma empresa na qual foram feitas algumas visitas, como parte de um trabalho da disciplina: Pedagogia em espaços não-escolares, sob orientação da Profa. Dra. Andréa Kochhann.

Foto nº 1: Frente da loja



Fonte: As autoras

A loja está situada na Rua Xingu Qd. 47 Lt. 360 – St. Trevo em São Luís de Montes Belos – GO Fone: (64) 98406-5465 e tem como proprietária Tatiany Daniel Rodrigues.

Foto nº 2: Proprietária da loja



Fonte: As autoras

O estabelecimento tem uma estrutura adequada e atende as necessidades da proprietária e se estrutura da seguinte maneira: a sala comercial é composta por um ambiente central, na qual ficam expostos os vestidos para aluguel de várias cores como: Tiffanys, Azuis, Vermelhos, Roses, Nudes, Amarelos, Marsalas, Estampados e entre outros.

Foto nº 3: As araras cujo os vestidos são organizados por cores



Fonte: As autoras

Foto nº 4: Sequência da organização dos vestidos



Fonte: As autoras

A direita, a partir da entrada tem uma sala/vitrine com três manequins vestidas com vestidos de cores semelhantes, que são trocados todas as semanas, sempre de acordo as tendências atuais, o que está ilustrado na foto a seguir.

Foto nº 5: Vitrine



Fonte: Produzida pelas autoras

Ainda sobre o espaço físico a mesma possui três vestiários climatizados, compostos por espelhos, e araras para colocar os vestidos quando for experimentá-los, e alguns vestidos que são considerados pela proprietária os mais usados, ou seja, não tem mais tanta procura.

Foto nº 6: Os vestiários



Fonte: As autoras

Foto nº 7: Vestidos em araras dentro dos vestiários, com menos procura



Fonte: As autoras

A loja conta ainda com um (1) extintor que ajuda em caso de incêndio, ou seja, a proprietária teve esse cuidado tanto com seu estabelecimento quanto com seus clientes.

Foto nº 8: Extintor de incêndio e mesa de passar roupas



Fonte: As autoras

A questão do extintor também evidencia que segue as normas de segurança, ou seja, está de acordo com o Projeto de Lei de 2013, do Sr. Hugo Leal, em seu Art. 3, que fala da obrigatoriedade dos estabelecimentos terem essa ferramenta, conta também com uma (1) mesa para passar as roupas, detalhe, são passadas pela proprietária, existe também um bebedouro cuja água é gelada ou natural.

No estabelecimento existe ainda uma (1) cozinha e uma (1) mini lavanderia, tudo isso está a direita, e do lado esquerdo está o banheiro e o ateliê, no qual são feitos todos os ajustes necessários nos vestidos e ternos. Existe o balcão de madeira para auxiliar quando for mostrar os ternos, e um manequim masculino vestido com o traje completo masculino.

Foto nº 9: Compartimento com acesso ao banheiros, ternos e ateliê.



Fonte: As autoras

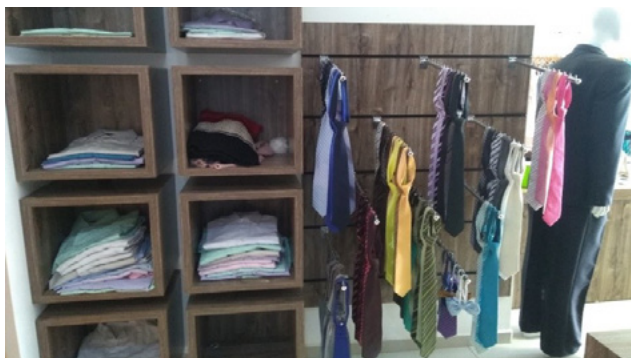
Foto nº 10: Balcão para o atendimento na ala masculina



Fonte: As autoras

Existe também um espaço no qual ficam expostos os ternos, sapatos masculinos, gravatas, camisas tudo acoplado no mesmo ambiente, porém muito bem organizado de forma que oferece mobilidade tanto para os clientes quanto para a proprietária. No quesito funcionários, a proprietária nos afirmou que trabalha sozinha, tem apenas ajudante que lava os vestidos fora da loja e os ternos são lavados pela proprietária na loja.

Foto nº 11: Exposição das gravatas, camisas



Fonte: As autoras

A loja possui uma sala central composta com alguns acessórios como: uma escrivaninha, cadeiras, canetas, entre outros objetos, e é neste local que na maioria das vezes são efetuados os contratos de locações, um espaço bem acolhedor, com uma decoração moderna que torna o ambiente aconchegante.

Foto nº 12: Sala Central



Fonte: As autoras

Nesse ambiente contém também um espaço de espera, compostos por um carpete cinza, duas poltronas azuis e um divã dourado, tudo para que o cliente fique satisfeito e bem acolhido no estabelecimento.

Foto nº 13: Sala de espera



Fonte: As autoras

Ainda durante uma das visitas a ELLEGANCE TRAJES FINOS LOCAÇÕES: vestindo você em grandes momentos, foi realizada uma entrevista sobre como é o funcionamento da loja e a política de funcionamento, o questionário é composto por seis questões (6), a primeira pergunta foi, que tipo de locação a loja disponibiliza? E a proprietária respondeu que os serviços oferecidos são *“Vestidos de madrinhas, damas, formandas, ternos para noivos e padrinhos, debutantes têm poucos no estoque, mas têm alguns”*.

Em relação a organização dos vestidos a proprietária disse que *“Organizo por cor e os não usados são colocados em arara diferente e os alugueis sem retorno são separados também”*. Esse

estilo de organização torna o ambiente com aspecto uniforme, outro questionamento foi, referente aos meses que têm mais procura e os que têm menos procura e consequentemente locações a resposta foi “*O mês de agosto é o que tem poucas locações, e já o mês de julho é ótimo para locações*”. Em relação ao pagamento ela disse que são feitos mediante “*50% de entrada e o restante no ato de pegar a mercadoria, não aceito cartão nem de crédito e nem débito, apenas dinheiro e/ou cheque, não sai nada da loja sem pagamento antecipado*”. (proprietária)

As últimas perguntas foram sobre o tempo que o cliente pode ficar com a mercadoria e como é feita a higienização.

Normalmente o cliente pega na sexta-feira a mercadoria e devolve na segunda-feira, porém a loja atende a necessidade do cliente, pois alguns são de fora da cidade, tudo é combinado no ato da entrega da mercadoria. [...]

Os vestidos são enviados para lavanderia fora da loja, e os ternos são lavados aqui mesmo (PROPRIETÁRIA, 2019).

Algumas propostas para intervenção, no sentido de aprimorar os trabalhos oferecidos pelo estabelecimento, foram oferecidas a proprietária: que faça promoções dentro da quilo que é possível, no sentido de atrair mais clientes. Uma das intervenções seria fazer promoções, dependendo do serviço oferecido como: aluguel de vestido para debutantes, a loja oferecer uma manicure sem custos para a cliente, ou se caso alugarem mais de 3 vestidos ganhar uma maquiagem, usando os meios de comunicação da cidade para divulgar a promoção de sua loja, a proprietária também mencionou que a loja possui redes sociais como: Facebook, Instagram para divulgar também, sempre com o objetivo de oferecer um serviço de qualidade em que haja ganhos tanto para os clientes quanto para a proprietária.

O pedagogo, com seu olhar teórico-prático, de forma pedagógica avalia espaço, cliente, produto, colaboradores, planejamento, vendas, relacionamento, entre outras questões. Após avaliação diagnóstica é função do pedagogo realizar encaminhamentos ou intervenções no sentido de melhorar e fortalecer a empresa e principalmente, as relações humanas nesta. Não necessariamente é uma função imediata. O ideal é que o pedagogo acompanhe toda a intervenção e faça avaliação constante. Portanto, sugere-se a contratação de um pedagogo enquanto gestor pedagógico da empresa.

CONSIDERAÇÕES

Como foi visto ao longo dessa pesquisa o pedagogo se faz presente em outros espaços além da sala de aula, nem sempre foi assim, mas após discussões, e medidas o pedagogo teve seu direito de atuar também em outras esferas que possibilita mediar conhecimento, pois o papel importante desse profissional é a mediação de conhecimentos.

Nesse sentido, se faz necessário que o pedagogo esteja mesmo além da escola, visto que o conhecimento circula em todos os espaços que existe pessoas e interação social, e para que tais conhecimentos sejam aproveitados ou gerenciados é necessário alguém que seja qualificado para fazer o trabalho de mediação e o pedagogo é um profissional que está preparado, se não está deveria, para assumir tal identidade mediadora, uma vez que o conhecimento para ser construído de forma efetiva, necessita de um planejamento que norteie as ações, no sentido das pessoas abstraírem ao máximo, e o pedagogo pode fazer tais planejamentos para que os sujeitos se apropriem do conhecimento que são necessários para o trabalho, o pensamento, a vida pessoal, ou seja, para a participação efetiva em sociedade.

Então, por tudo que foi exposto fica explícita a importância do pedagogo nos espaços não-escolares e como este poderá fazer um trabalho articulado no sentido de atender tanto os objetivos das empresas quanto os objetivos das pessoas que nela trabalham, proporcionando assim o bom desempenho tanto do processo de trabalho quanto da elevação de qualidade de vida dos sujeitos, ou seja, a humanização de todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto Lei nº 2013**. Senhor Hugo Leal. Disponível em: <https://www.camar.gov.br/legislacao/10707>. Acesso em: 16 out 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 15. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

GOIÁS. **PPC: Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia**. UEG – Câmpus São Luís de Montes Belos – GO. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba: Ed da UFPR, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 27 de out. 2019.

KOCHHANN, Andréa. et. al. **A identidade do pedagogo: uma discussão sobre sua formação e atuação**. IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX) – “Educação e Linguagem: (re) significando o conhecimento”. UEG – Câmpus Inhumas: 8 a 13 de junho de 2015. p. 225 –234.

_____. PAULA, Elenaice Silva de.; BARBOSA, Sidney. **Atribuições do pedagogo empresarial na gestão de pessoas das organizações**. XIV Semana de Letras. XVI Semana de Pedagogia. II Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX). Anais da V Semana de Integração. UEG – Câmpus Inhumas: 8 a 11 de junho 2016. p. 94-102.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: um jeito doce de produzir conhecimento

Iasmyne Karla Guimarães e Silva^[24]

Marcilene José de Almeida^[25]

Paula Cristina Vieira Barbosa^[26]

Durante muitos anos o processo educativo foi retratado apenas como uma prática institucional voltada simplesmente à escola, onde esta seria o único lugar em que o pedagogo poderia atuar. Atualmente com a chegada da tecnologia e de uma sociedade cada vez mais inclusiva e com uma suposta igualdade social, tornou-se necessário que se pensasse em uma nova forma de educação. O processo da educação tornou-se importante não somente no meio da escola, mas também, em vários outros espaços e seu principal objetivo é a formação do homem.

Dessa forma, para discutir sobre essas possibilidades e desafios do pedagogo atuar não somente em espaços

24 Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e-mail: iasmynekarla@hotmail.com

25 Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e-mail: marcilenealmeida05@gmail.com

26 Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e-mail: paulacristinavb5@gmail.com

escolares, fez-se necessário realizar uma pesquisa em uma empresa, a qual trabalha com confeitaria em geral, produzindo bolos e doces. Este artigo é o resultado das discussões teóricas embasadas em Vieira (2011), Libâneo (1999), Rios (2002), Frison (2004), Moreira (2006), Pimenta (2011), Silva (2012), e Ribeiro (2008), realizadas no decorrer do semestre de 2019, na disciplina “Pedagogia em espaços não-escolares”, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás Câmpus São Luís de Montes Belos, bem como das observações realizadas *in lócus* e entrevista realizada com os empresários.

O PEDAGOGO: analisando o seu campo de atuação

Atualmente quando se fala sobre os cursos de pedagogia logo se compreende que são mais abrangentes no que nos dias mais remotos. Muitos ainda hoje têm em mente que o pedagogo é formado apenas para dar aula na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, de acordo com a Resolução CNE/CP. nº 01/2006 o Pedagogo é apto a atuar em espaços escolares bem como em espaços não-escolares. Nos espaços escolares atua na função de como diretor, professor, coordenador, secretário; já nos espaços não-escolares assume funções de gestão pedagógica, correlatas a sua formação em empresas, hospitais, assistência social, presídios, ONGs, espaços agrários, entre outros.

Um processo de formação mais efetiva inclui disciplinas, como Didática Aplicada ao Treinamento, Jogos e Simulações Empresariais, Administração de Conhecimento, Ética nas Organizações, Comportamento Humano nas Organizações e Mudanças nas Organizações, Educação

e Dinâmica de Grupos, Relação Interpessoais nas Organizações, Desenvolvimento Organizacional e Avaliação de Desempenho. (Ribeiro, 2008, p. 13)

A formação em Pedagogia habilita o pedagogo a trabalhar tanto na sala de aula como também em outros locais. Com a chegada da tecnologia as organizações passaram a ter uma demanda de grande conhecimento, exige mais eficiência, praticidade e qualidade dos seus colaboradores. Dessa forma, sabe-se que essas potencialidades são mais evidentes se houver projetos de capacitação e cabe ao pedagogo levar alguns subsídios metodológicos a essas organizações. E em se tratando da relação entre a educação e as transformações tecnológicas.

Considerando-se, ainda, os vínculos entre educação e economia, as mudanças recentes no capitalismo internacional colocam novas questões para a Pedagogia. O mundo assiste hoje a intensas transformações tecnológicas em vários campos como a informática, a microeletrônica, a bioenergética. Essas transformações tecnológicas e científicas levam à introdução, no processo produtivo, de novos sistemas de organização do trabalho, mudanças no perfil profissional e novas exigências de qualificação dos trabalhadores, que acabam afetando os sistemas de ensino (LIBÂNEO, 2005, p.28).

O pedagogo tem o papel de auxiliar nas competências formando alunos pesquisadores e que auxiliem na formação de opiniões colaborando para o seu desenvolvimento pessoal e coletivo, seja em espaços escolares ou não. Pimenta (2001) em seus estudos, discute sobre os cursos de complementação pedagógica, e ressalta alguns indicativos para a formação do pedagogo enquanto profissional que atua como pesquisador,

gestor, e coordenador de vários tipos de projetos educativos, tanto na escola como também fora dela.

Continua a autora a asseverar a atuação do pedagogo em atividades: 1. para o lazer comunitário, 2. em hospitais ou presídios, 3. na formação de pessoas que trabalham em empresas, 4. que saiba organizar formações de pessoas de ONGs, 5. que sejam assessores de atividades pedagógicas nos mais diversos tipos de meios de comunicação, como por exemplo, em tv, rádio, revistas, editoras, tornando as campanhas sociais mais pedagógicas, 6. que sejam habilitados para criar e elaborar materiais de auto-estudo, como os programas voltados à educação a distância, 7. que saiba organizar, avaliar e desenvolver pesquisas educacionais nos mais diferentes contextos da sociedade, 8. que saiba planejar projetos relacionados à cultura, entre outros temas.

Pela Resolução CNE/CP. nº 01/2006 o pedagogo não será somente um professor, mas um docente, que necessita de uma formação crítico-reflexiva, conhecendo a realidade e transformando-a cada dia mais oferecendo uma educação de qualidade e de aprendizado na vida das pessoas. A docência, palavra que tem sido bastante estudada no campo pedagógico, possui diversos significados. Para Vieira (2011), a docência tem o sentido de ampliada ou alargada, em que a mesma deve ser pensada para além do processo ensino-aprendizagem, a qual possa significar envolvimento em todas as atividades que possam ser compreendidas como trabalho educativo.

Outra característica da docência é que a mesma precisa ser polivalente, ou seja, se caracteriza pela identidade do pedagogo que precisa dominar teórica e metodologicamente todas as disciplinas relacionadas a educação Básica, pois o mesmo ministra aulas na educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, EJA, ensino especial, ensino técnico e disciplinas

pedagógicas do ensino médio. Esse pedagogo precisa então de uma vasta área de conhecimentos.

[...]considera que o professor polivalente seria um sujeito capaz de apropriar-se de conhecimentos básicos das diferentes áreas do conhecimento, que compõem atualmente a base comum do currículo nacional dos anos iniciais do Ensino fundamental, e de articulá-los. Dessa forma, desenvolver-se-ia um trabalho interdisciplinar (Silva, 2012, p. 2904).

Há muitos anos, em várias organizações científicas como também entre os profissionais da área da educação, têm-se discutido em todo o país, questões voltadas ao campo de atuação da Pedagogia, da identidade do pedagogo, do sistema de formação desses profissionais, da estrutura do conhecimento pedagógico, como afirma Libâneo (1999, p. 59),

Todos os educadores seriamente interessados nas ciências da educação, entre elas a Pedagogia, precisam concentrar esforços em propostas de intervenção pedagógica nas várias esferas do educativo para enfrentamento dos desafios colocados pelas novas realidades do mundo contemporâneo.

Diante disso, com tantos desafios na atualidade relacionados à área da educação com mudanças na legislação, mudança nos currículos dos cursos de pedagogia, muitas são as polêmicas que giram em torno desses cursos bem como fazendo o questionamento de qual seria a sua função nos dias de hoje.

É de grande relevância que se adeque o currículo a ser desenvolvido com a formação desse novo educador, o qual necessitará acima de tudo, ser capaz de associar a ética, com a

estética, a política e a prática cotidiana no seu fazer escolar, como afirma Rios (2002), ou ainda garantindo a articulação entre a docência e a gestão do trabalho administrativo, pedagógico e comunitário, os quais deverão ser desenvolvidos tanto em espaços de educação formal como em espaços de educação não formal, evitando dessa forma , que haja uma fragmentação na formação deste profissional.

A Pedagogia tem seu principal objetivo de estudo a prática educativa e essa realização não acontece apenas na escola, mas em todos os lugares. Em relação ao lugar da educação, Frison (2004, p. 88) concordando com a ideia de Rios (2002), afirma que, a escola não é o único lugar em que a educação ocorre.

Na escola, na sociedade, na empresa, nos espaços formais e não formais, escolares e não-escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único lugar em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades.

Compreende-se que a formação do pedagogo está relacionada de forma direta às transformações dos dias atuais, tendo seu principal foco no desenvolvimento humano, no trabalho com toda a equipe, no aprofundamento das teorias, dando ênfase aos estudos relacionados ao ensino e aprendizagem, bem como às estratégias de ensino, pois esses devem ser os principais objetivos do pedagogo em sua atuação.

Destarte, o pedagogo tendo como base de formação a docência, pode atuar como professor polivalente, assim como

pesquisador de espaços escolares e não-escolares e gestor de espaços escolares e não-escolares. Um dos espaços não-escolares que pode atuar são as empresas. A tarefa do profissional pedagogo em empresas, hospitais, dentre outras instituições, está totalmente ligada ao seu processo de formação.

O pedagogo, assim, é um agente educacional nas organizações e sua função é a concretização da educação dentro dos interesses empresariais de cada momento específico. Estabelece-se na organização como um profissional que agrega valores, juntamente com outros profissionais. Acompanha todo o desenvolvimento profissional dos colaboradores e seu desempenho viabiliza cursos internos e externos, técnicos ou comportamentais. (KOWALCZUK; VIEIRA, 2011, p.12.468).

A atuação do pedagogo nas diversas instituições deve acontecer de forma a garantir uma boa relação nas organizações em que está atuando, e suas atividades devem valorizar a formação dos demais profissionais de forma que todos contribuam para o bom desenvolvimento tanto da empresa como também do ser humano em geral.

Com base nas pesquisas realizadas, entende-se que o pedagogo pode sair de sua formação apto a trabalhar nos mais diferentes locais de serviço e não somente em sala de aula. É necessário que o mesmo tenha um olhar diferenciado e saiba escutar de maneira instigadora, ou seja, não importa o lugar onde o pedagogo esteja atuando, mas o que importa é que, por onde passar, o mesmo saiba fazer a diferença, às vezes com o pouco que tiver, mas que saiba fazer grande mudança contribuindo para o bem estar das pessoas e da sociedade em geral.

PEDAGOGIA EM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: da teoria à prática

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo e o principal objetivo do mesmo foi compreender a atuação do pedagogo além da sala de aula, especificamente em uma empresa. O pedagogo necessita ter visão ampla e habilidade em compreender o conhecimento do todo, de forma que consiga interferir em diferentes tipos de situações transformando-as e contribuindo para o bem estar de todos. E em relação a atuação desse profissional na empresas, Ribeiro(2003) afirma que,

A atuação do pedagogo na empresa tem como pressuposto principal a filosofia e a política de recursos humanos adotados pela organização. Daí o cuidado para não imaginar que o treinamento tem um fim em si mesmo ou que a postura a adotar na empresa é a mesma a ser adotada em uma escola (RIBEIRO, 2003, p. 09-10).

Então, para que a pedagogia contribua de fato para um ambiente socializador em outros locais de atuação, e não somente na sala de aula, faz-se necessário que a mesma tenha sua identidade voltada para o âmbito educacional.

A instituição escolhida como *lôcus* da pesquisa foi uma confeitaria, a qual está situada na cidade de São Luís de Montes Belos Go e trabalha com a venda de diversos tipos de bolos e doces. Seus clientes na maioria são adultos, mas atende também em encomendas para festas de crianças. Atualmente a empresa possui 6 funcionários, os quais trabalham uniformizados e não possuem treinamento voltado ao público infantil. Mas, de acordo com os dados recolhidos na entrevista realizada pelas autoras, os mesmos são aptos a lidar com esse tipo de público. Dentre as estratégias de fidelização dos clientes a entrevistada afirmou que a empresa possui algumas e está

projetando outras para que possa aderi-las em sua empresa. Ao observar os espaços na empresa, têm-se alguns registros como mostram as figuras abaixo:

Imagem 1– Fachada da confeitaria



Fonte: as autoras (2019)

Imagem 2 –Vitrine da confeitaria



Fonte: as autoras (2019)

Imagem 3 – Espaço para receber clientes



Fonte: as autoras (2019)

Este trabalho foi realizado a partir de algumas visitas à empresa, observando o ambiente e coletando dados por meio de entrevista feita pela proprietária da empresa. A entrevista foi realizada na própria empresa em horário anteriormente agendado e as perguntas realizadas foram elaboradas em um momento anterior ao dia da pesquisa. Dessa forma, Moreira (2006, p. 168) afirma a importância do clima da entrevista.

[...]criar uma atmosfera para que o entrevistado sintasse à vontade para fornecer ao pesquisador informações bastante pessoais. Mesmo assim, o pesquisador não abandona totalmente a preparação que antecede uma entrevista, pois é muito importante considerar a natureza do encontro e as perguntas– chave necessárias para explorar os objetivos da pesquisa.

Diante disso, foi aplicado um questionário e posteriormente uma entrevista semi estruturada, de forma que na medida da evolução da observação e conversa com a proprietária, novas perguntas foram realizadas. Durante a conversa, a empresária solicitou às autoras ajuda para realizar um projeto do Dia das Crianças, e para a realização do mesmo, foi agendado um dia posterior. Logo abaixo segue algumas figuras relacionadas à execução do projeto:

Imagem 4 – Projeto dia das crianças: Oficina de brigadeiros.



Fonte: as autoras (2019)

Imagem 5 – proprietária interagindo na Oficina de brigadeiros.



Fonte: as autoras (2019)

Imagem 6 – crianças participando da oficina



Fonte: as autoras (2019)

Enfim, depois da entrevista foi feita a observação em todo o ambiente e após a observação foi pontuado que o mesmo possui bastante organização. As vitrines e o chão são todos bem limpos e o espaço de acolhimento dos clientes bem aconchegante.

Como o espaço do ambiente é bastante pequeno, observou-se que ao lado da empresa possui uma área residencial da proprietária, então foi sugerido à mesma que ampliasse seu espaço colocando no espaço ao lado uma brinquedoteca a fim de que pudesse acolher de forma mais agradável às crianças que frequentam o local. A proprietária adotou nossa ideia e disse que analisaria com bastante cuidado, pois para ela a sugestão foi de grande relevância.

CONSIDERAÇÕES

Com a chegada das Diretrizes Curriculares Nacionais relacionadas ao curso de Pedagogia, várias foram as portas que se abriram para que o pedagogo atue em espaços não-escolares. Com isso, houve a necessidade desse profissional buscar mais qualificação com formações continuadas para que pudesse ter mais capacidade e competência, a fim de que consiga contribuir da melhor forma com a educação em diversos ambientes e não somente nas escolas.

Dessa forma, quando o pedagogo já se encontra inserido em um espaço não-escolar, o mesmo tem a capacidade de transformar aquilo que foi aprendido na academia em sua formação. Lidar com ações sociais, projetos, organização em geral, devem ser algumas das habilidades que o pedagogo precisa ter para que consiga fazer uma boa atuação independente de qual seja o local em que trabalha.

A partir de estudos realizados em sala de aula na disciplina: “Pedagogia em espaços não-escolares”, durante o segundo semestre de 2019 foi ressaltado que planejar, coordenar, e executar são algumas funções básicas que um profissional pedagogo pode desenvolver em uma empresa sendo que a mesma pode ser pública ou privada, mas sempre trabalhando com uma visão voltada para o desenvolvimento humano.

Durante os estudos foi pontuado que o fazer pedagógico em espaços não-escolares também está relacionado às atividades que envolvem trabalhos em equipe, orientação, planejamentos, coordenação, formação pessoal, onde o principal objetivo desse fazer pedagógico deve ser totalmente direcionado às transformações dos indivíduos que estão envolvidos na prática pedagógica. O pedagogo deve contribuir de maneira positiva nas empresas oferecendo-lhe um serviço que proporcione crescimento e aprimoramento na empresa na qual atua. Cada dia que passa aumenta mais a procura pelo profissional pedagogo para trabalhar em diversos tipos de instituições e o mesmo deve estar ciente que sua prática deve ter caráter educativo e voltada ao bem estar do ser humano quer seja individual ou coletivamente.

A pesquisa de campo mostrou a relevância do Pedagogo pelo espaço de atuação profissional em diversos espaços. A empresa pesquisada, logo de início já pediu a ajuda das autoras para realizar um projeto relacionado ao Dia das Crianças. Com isso, houve a comprovação de que um profissional pedagogo faz grande diferença em uma empresa, quantos outros projetos poderiam ser executados na mesma e com isso muitas pessoas poderiam ser beneficiadas assim como a própria empresa também teria mais lucros. O pedagogo, professor e educador necessita ter um olhar modificador, ser sensível à percepção, capaz de ser polivalente e de assumir qualquer função mesmo que não seja dentro de uma sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Resolução CNE/CP n.01, de 16 de maio, 2006: **institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, licenciaturas**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília, DF: Poder Executivo, 2006.
- FRISON, L. M. B. **O pedagogo em espaços não-escolares: novos desafios**. *Ciência*. Porto Alegre: n. 36, p. 87-103, jul./dez. 2004.
- KOWALCZUK, L. F.; VIEIRA, A. M. D. P.. **O Pedagogo nas Organizações**. In: X Congresso Nacional de Educação– EDUCERE. Curitiba, PR. Pontifícia Universidade Católica. 12467-12475, 2011.
- LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, pra quê?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Pedagogia e pedagogos para que?** 8ª ed. São Paulo Cortez. 2005.
- MOREIRA, H. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. In: MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G.. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PIMENTA, S. G. **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2001.
- RIBEIRO, A. E. do A. **Pedagogia empresarial: a atuação do pedagogo na empresa**. Rio de Janeiro. Ed. Wak: 2003.
- _____. **Pedagogia empresarial: a atuação do pedagogo na empresa**. Rio de Janeiro. Ed. Wak: 2008.
- RIOS, T. A.. **Competência ou competências – o novo e original formação de professores**. In: ROSA, D. G.; SOUZA, V. C. (orgs). Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- SILVA, C. S. P. da. **Concepções da polivalência e professor polivalente: uma análise histórico-legal**. In: Anais eletrônicos

– ISBN 978-85-7745-551-5, IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação No Brasil”. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012.

VIEIRA, S. da R. **Docência, gestão e conhecimento: conceitos articuladores do novo perfil do pedagogo instituído pela resolução cne/cp n. 01/2006.** Revista HISTEDBR online, Campinas, n. 44, p. 131-135, dez 2011 – ISSN: 1676-2584.